



**UNICAMP**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**MARIA CORTEZ SALVIANO**

**A POLÍTICA COMO PROCESSO E COMO RELAÇÃO: MODOS DE  
FUNCIONAMENTO DA PROPAGANDA COMPUTACIONAL**

**Campinas**

**2021**

**MARIA CORTEZ SALVIANO**

**A POLÍTICA COMO PROCESSO E COMO RELAÇÃO: MODOS DE  
FUNCIONAMENTO DA PROPAGANDA COMPUTACIONAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Diego Jair Vicentin

Este trabalho corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Maria Cortez Salviano e orientada pelo prof. Dr. Diego Jair Vicentin.

**Campinas**

**2021**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

C818p Cortez Salviano, Maria, 1991-  
A política como processo e como relação : modos de funcionamento da  
propaganda computacional / Maria Cortez Salviano. – Campinas, SP : [s.n.],  
2021.

Orientador: Diego Jair Vicentin.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Propaganda política computacional. 2. Eleições brasileiras de 2018. 3.  
Comunicação digital. 4. Nova direita. 5. Tecnopolítica. I. Vicentin, Diego, 1981-  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.  
Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Political and politics as processes and as relations : computational  
propaganda's operating modes

**Palavras-chave em inglês:**

Computational political propaganda

2018 Brazilian elections

Digital communication

New right wing

Technopolitics

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Diego Jair Vicentin [Orientador]

Marta Mourão Kanashiro

Paulo Faltay Filho

**Data de defesa:** 05-10-2021

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4375-8981>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5036958400141659>



## **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Diego Jair Vicentin – Presidente  
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Marta Mourão Kanashiro  
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Paulo Faltay Filho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**IEL/UNICAMP  
2021**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora,  
consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de  
Pós Graduação do IEL.**

*Em memória de minha avó Ester,  
que me fez ver (e amar) a potência do desvio.*

## AGRADECIMENTOS

Ao longo do mestrado, algumas vezes ouvi que um processo de pesquisa é uma espécie de solidão povoada: a escrita de uma dissertação pode parecer ser uma atividade bastante solitária, mas é impossível de ser feita se não for em conjunto. Afinal, compomos a partir dos encontros, dos afetos, das trocas. Aqui, portanto, gostaria de agradecer aos apoios e presenças que, de diferentes maneiras, contribuíram para a existência deste trabalho.

Ao orientador desta dissertação, Diego Vicentin, por ter topado embarcar comigo neste tema e por multiplicar os caminhos quando eu pensava ter chegado em algum beco sem saída. Seus comentários e indicações fizeram com que a pesquisa pudesse continuamente ganhar novas cores. E sua paciência e amizade, com que o trabalho se mantivesse fortemente humano.

A Marta Kanashiro e Paulo Faltay, membros da banca, por terem aceitado o convite de avaliar este texto e pelas contribuições valiosas que fizeram a ele, tanto no exame de qualificação quanto em sala de aula e a partir de seus próprios trabalhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pela bolsa recebida entre os meses de março de 2019 e fevereiro de 2021 para realizar esta pesquisa (Código de Financiamento 001).

A Manoel Fernandes e Luciana Costa pelo apoio que me deram na época em que o mestrado ainda era apenas um projeto e por terem cedido o acesso à ferramenta que forneceu os dados para a pesquisa. E a Fabiana Parajara por me guiar nos primeiros passos na análise de dados digitais.

Aos professores Susana Dias, Marcos Barbai, Greciely Costa, Cristiane Dias, Daniela Manica e Daniela Palma pelas trocas generosas durante o mestrado. Aos funcionários e funcionárias do Labjor, em especial a Alessandra Carnauskas e Andressa Alday pelo carinho e paciência que dispõem aos alunos do programa.

Aos amigos e amigas que tornaram o percurso na Unicamp muito mais leve. A Carol Scartezini, Tati Plens, Guilherme Cavalcante e Victória Coelho por estarem tão próximos (ainda que virtualmente!) quando os desafios acadêmicos e pessoais foram mais difíceis do que eu poderia ter conseguido sozinha. Ainda, a Quézia Salles, Luciana Martins, Fabi Benedito, Adriana Silvestrini, Helena Ansani, Malena Stariolo,

Thaís Alencar, Bianca Peter e Erick Teodoro pela companhia animada e inspiradora. Com algumas, pude compartilhar mesas nos bandejões e bibliotecas da Unicamp, antes da pandemia; com outros, troquei áudios com duração digna de podcast.

Aos colegas do Grupo de Estudos Gilbert Simondon pelas discussões interessantíssimas e que contribuíram muito para meu estudo sobre o autor.

Aos amigos e amigas que levo sempre comigo, independente das mudanças de tempo e espaço, pelo amor, suporte, risadas e desabafos. Em especial, a Fernanda Seidel, Mariana Ramos, Ana Luiza Lopes e Roberta Gagliano, com as quais compartilho a capixabice, os tempos gloriosos (ou não) da adolescência e o sentimento de estar em casa com qualquer encontro, mesmo virtual. E a Marcela Boutros, Gabriela Soutello, Camila Lafratta, Leonardo Costa, Juliana Arreguy e Victor Galhardo, que me mostram desde 2011 que São Paulo está longe de ser cinza e sem graça.

A Renata Pazos por tantas vezes ter me acompanhado de volta para o caminho da coragem quando eu pensava ter me perdido.

A meus pais, Filipa e Saulo, e minha irmã, Luísa, pelo apoio, carinho e inspiração, e por garantirem um cardápio recheado de comidas boas e piadas ruins sempre que ia me aninhar com eles. A minha mãe, em especial, por fazer florescer em mim desde bem cedo o amor pela leitura e pela crítica e a vontade de seguir a via acadêmica. A meu pai por ler com afinco tudo o que escrevo e comentar acaloradamente as ideias (um pouco estranhas, admito) do engenheiro-filósofo por quem me apaixonei ao longo do curso. E a minha irmã por ser minha motivadora mais animada e por fazer com que nossas madrugadas fossem recheadas de fofocas e chá de maracujá com erva-doce.

Às que vieram antes de mim e ousaram ouvir a própria voz. Às Martins, Viegas, Cortez, Neves, Lacerda e Salviano cujas histórias tenho orgulho de carregar.

A Arthur, meu amor e companheiro, pelo carinho incondicional, por cozinhar meus pratos preferidos nos dias de festa, nos dias difíceis e nos dias comuns e por sempre se fazer presente, de tantas formas, mesmo que durante grande parte do mestrado tivéssemos mil quilômetros entre nós.

## RESUMO

Com o aumento da presença de robôs em campanhas digitais e escândalos que envolvem uso de dados pessoais e disparo em massa de *fake news*, as relações entre técnica e política têm vivido tensões significativas. Entre as controvérsias que pairam sobre este campo, especialmente a partir de 2016 pareceu ser possível condicionar escolhas por meio do bombardeamento de mensagens sensacionalistas, distorcidas ou falsas. No entanto, até que ponto a política poderia ser definida pela técnica? Esta dissertação examina questões relativas à propaganda política computacional mapeando suas repetições e condicionamentos, mas simultaneamente buscando identificar onde também há movimento imprevisível, criação conjunta. Para tanto, propõe uma análise do universo comunicacional de um grupo relevante entre a nova direita brasileira durante o período eleitoral de 2018, investigando os elementos que podem ter funcionado como mobilizadores de afetos nas publicações com maior circulação no Twitter e, dessa forma, pretende identificar algumas das principais dinâmicas que podem estar em jogo nas mobilizações políticas digitais. Além disso, trabalha em constante diálogo com o sistema filosófico de Simondon (2020a, 2020b), que se interessa pelos processos (contínuos) de constituição das existências (COMBES, 1999), que são sempre relacionais, e permite dissolver dualidades estanques como forma/matéria, sujeito/objeto, ou indivíduo/meio (BARDIN, 2019). A partir de tais premissas, é possível analisar diferentes modos de funcionamento que ocorrem simultaneamente em ambientes digitais, como modulação e significação. Assim, emissão/distribuição/circulação e recepção são compreendidas como diferentes aspectos de um mesmo processo, como continuidade, em uma dinâmica que interliga realidades e modos de funcionamento diversos. Este trabalho, portanto, busca contribuir para os debates sobre o aspecto político das relações entre humano e técnica, especialmente no que se refere a comunicação, democracia e Internet.

Palavras-chave: Propaganda política computacional. Eleições brasileiras de 2018. Comunicação digital. Nova direita. Tecnopolítica.

## ABSTRACT

With the increasing presence of bots in digital campaigns and scandals involving the use of personal data and fake news distribution, the relationship between technology and politics has been experiencing significant tensions. Among the controversies that hover over this field, especially from 2016 onwards, it seemed to be possible to condition choices through sending sensationalist, distorted or false messages. However, could politics be completely defined by the technology? This dissertation examines issues related to computational political propaganda by mapping its repetitions and conditioning, but simultaneously seeking to identify where there is also unpredictable movement, collective creation. To this end, it proposes an analysis of the communicational universe of a relevant group among the new Brazilian right wing during the 2018 electoral period, investigating the elements that may have mobilized affections in publications with the greatest circulation on Twitter and, thus, seeking to identify some of the main dynamics that may be at play in digital political mobilizations. In addition, it works in constant dialogue with Simondon's philosophical system (2020a, 2020b), which is interested in the (continuous) processes of the constitution of existences (COMBES, 1999), that are always relational, and enables the dissolution of hard dualities such as form/matter, subject/object, or individual/environment (BARDIN, 2019). Based on these premises, it is possible to analyze different modes of operation that occur simultaneously in digital environments, such as modulation and signification. Thus, emission/distribution/circulation and reception are understood as different aspects of the same process, as continuity, in a dynamic that interconnects different realities and modes of operation. This work, therefore, wishes to contribute on the debates about the political aspect of the relationship between human and technology, especially on the field of communication, democracy and Internet.

Keywords: Computational political propaganda. 2018 Brazilian elections. Digital communication. New right wing. Technopolitics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação no Twitter sobre Fernando Haddad.....	114
Figura 2 - Publicação no Twitter sobre Fernando Haddad.....	116
Figura 3 - Publicação no Twitter sobre PT e Nicolás Maduro.....	117
Figura 4 - Publicação no Twitter sobre Marielle Franco e notícias falsas.....	118
Figura 5 - Publicação no Twitter sobre #PTNÃO.....	119
Figura 6 - Publicação no Twitter sobre Guilherme Boulos.....	121
Figura 7 - Publicação no Twitter sobre Ciro Gomes.....	121
Figura 8 - Publicação no Twitter sobre a facada em Bolsonaro.....	124
Figura 9 - Publicações no Twitter sobre votos no PT no Nordeste.....	126
Figura 10 - Publicação no Twitter sobre apoio a Bolsonaro.....	127
Figura 11 - Publicações no Twitter sobre violência contra minorias.....	129
Figura 12 - Publicação no Twitter sobre Júlio Cocielo.....	131
Figura 13 - Publicação no Twitter sobre Leonardo Sakamoto.....	134
Figura 14 - Publicação no Twitter sobre <i>fake news</i> e WhatsApp.....	135
Figura 15 - Publicações no Twitter sobre KKK e esquerda.....	137

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API	Application Programming Interface (Interface de Programação de Aplicativos)
BREXIT	Saída do Reino Unido da União Europeia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Coronavirus disease 2019 (doença por coronavírus 2019)
CPMI	Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
DEM	Democratas
EUA	Estados Unidos da América
FESP	Fundação Escola de Sociologia e Política
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILFI	A Individuação à luz das noções de forma e de informação
KKK	Ku Klux Klan
LABIC	Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura
LABJOR	Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e outras minorias de orientação sexual e de identidade de gênero
MBL	Movimento Brasil Livre
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEOT	Do modo de existência dos objetos técnicos
NSA	National Security Agency (Agência de Segurança Nacional)
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONGs	Organizações Não Governamentais
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PPPs	Parcerias público-privadas
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira

PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
RTs	Retweets (compartilhamento de publicação no Twitter)
SP	São Paulo
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
TMI	Teoria Matemática da Informação
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1 - O contínuo movimento: modos de funcionamento do espalhamento digital .....	25
1.1 A tecnopolítica à luz das noções de processo e de relação .....	27
1.2 A amplificação nos processos informacionais .....	36
1.2.1 <i>Controle e modulação</i> .....	38
1.2.2 <i>Transdução, modulação e organização: os três modos de amplificação</i> ...	44
1.2.3 <i>Modulação e condicionamento da ação</i> .....	48
1.2.4 <i>Transdução e viralização</i> .....	55
1.3 Informação e processos comunicacionais .....	58
CAPÍTULO 2 - Relação, redes e afeto: construções de coletivo.....	68
2.1 Rede e reticulação .....	76
2.2 Distribuição e impulsionamento .....	78
2.3 Afetos em movimento .....	81
CAPÍTULO 3 - Twitter, MBL e outros seres: a comunicação e a política nas eleições brasileiras de 2018.....	95
3.1 Caminhos até o material.....	97
3.2 O MBL no Twitter .....	108
3.2.1 <i>Oposição à esquerda</i> .....	111
3.2.2 <i>Menções a candidatos à Presidência</i> .....	119
3.2.3 <i>Jair Bolsonaro</i> .....	122
3.2.4 <i>Gênero, raça e LGBT+</i> .....	128
3.2.5 <i>Ataques à imprensa e fake news</i> .....	132
3.2.6 <i>Crítica que impulsiona</i> .....	136
3.2.7 <i>Repetições e desvios</i> .....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	146

## INTRODUÇÃO

Quando a escrita desta dissertação começou a surgir - pelo meio, como seria natural -, achávamos que a pandemia do (então) novo coronavírus iria durar algumas semanas. À época, a previsão de passarmos 15, 30, 40 dias fechados em casa para evitar o contato com uma ameaça invisível parecia um tempo sem fim: ansiávamos por voltar ao convívio coletivo, às trocas em sala de aula, aos cafés compartilhados, aos abraços. Um ano e alguns meses depois, porém, o distanciamento tornou-se rotina e a possibilidade de ter qualquer certeza do futuro, um luxo.

Dizer que o início, o fim e o meio deste trabalho foram escritos sob uma crise sanitária é localizá-lo no tempo (e no espaço, já que a duração da pandemia varia a depender das políticas públicas locais), mas não só. Aqui, estamos no Brasil de 2020 e 2021, e o distanciamento social prolongado, a insegurança em diversos níveis e a lenta morte de uma realidade conhecida e confortável não configuram apenas o cenário em que se concretizou esta pesquisa, mas a atravessam continuamente. Em alguns momentos, a presença da pandemia pode ser mais evidente, como quando formos falar de viralização; afinal, as semelhanças entre a circulação do coronavírus e um modo de distribuição online são por vezes fortes demais para não serem comentadas em uma pesquisa sobre propaganda política computacional. Porém, o impacto da crise sanitária vai além de possíveis metáforas, pois o vivido mudou algumas relevâncias de lugar, dando nova luz a questões antigas ou mostrando ângulos que ainda estavam por ser vistos.

Paralelamente à angústia a nível coletivo, escrevia-se com uma outra - bastante diferente, é claro, mas que em diversos momentos também foi sentida como uma espécie de destruição de uma realidade anterior. Afinal, a própria atividade de pesquisa é um escolher se deixar desfazer para se recompor outro, em outro lugar, de outro modo; de certa forma, a angústia é sua origem, contexto e condição de possibilidade. E, além de se trabalhar *em* e *com* angústia, escrevia-se *sobre*: ao nos debruçarmos na mobilização política digital, olhávamos para o crescimento da extrema direita e para a atuação de robôs, algoritmos e redes de divulgação de desinformação. Neste cenário, a eleição recente de diversos políticos, em diferentes

quadros, que se valiam de discursos online violentos, racistas, misóginos ou homofóbicos, entre outros aspectos, e as acusações de manipulação do debate público por ferramentas de distribuição e impulsionamento de conteúdo indicavam um quadro em que poderia ser decretada a morte da política, no Brasil e em outros países, ao menos em seu aspecto de busca pela construção coletiva de um amanhã que não está dado – seja porque a mobilização parecia se resumir a violências, eliminando a possibilidade de uma criação em conjunto, seja por um posicionamento de entender qualquer movimentação somente como resultado direto da efetividade de estratégias ou do uso de determinadas ferramentas. Assim, o futuro, se ainda pudesse existir, seria apenas a repetição vazia de condicionamentos prévios. Como escapar dessa lógica? Ou melhor: há escape?

A angústia, portanto, foi uma parceira de pesquisa constante: contexto, modo e assunto deste trabalho. Dentro e fora, na rotina e no papel, havia uma espécie de luto por lógicas anteriores; era preciso, frequentemente, lidar com um vazio de sentido, tatear por entre estruturas que haviam desmoronado e buscar um solo firme em que ainda se pudesse caminhar. No início, pensou-se em procurar por respostas, soluções; porém, quanto mais profundo era o mergulho, mais numerosas eram as novas perguntas, os impasses, os paradoxos.

Como será detalhado adiante, Simondon foi um dos principais autores a embasar este trabalho. Seus escritos, porém, não fornecem apenas conceitos, qualificações aplicáveis, mas apontam para um modo de pensamento, uma filosofia do processo. E, em sua tese, há uma passagem que poderia descrever tanto a vivência de uma catástrofe coletiva quanto a atividade de pesquisa ou a constatação da morte de antigos modos de funcionamento. O autor assim define a angústia:

O sujeito devém mundo e preenche todo aquele espaço e todo aquele tempo nos quais surgem os problemas: não há mais mundo ou problema que não sejam problema do sujeito; (...) as estruturas e as funções do ser individuado se misturam umas às outras e se dilatam, pois recebem da carga de natureza esse poder de ser sem limites: o individuado é invadido pelo pré-individual; todas as estruturas são atacadas, as funções são animadas por uma força nova que as torna incoerentes. Se a experiência de angústia pudesse ser suficientemente suportada e vivida, ela conduziria a uma nova individuação no interior mesmo do ser, a uma verdadeira metamorfose. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 381)

A angústia, portanto, é o abalo das certezas e definições; é a consciência de que um sentido anterior não tem mais lugar, e um novo ainda está por nascer. É um

“aniquilamento como ser individuado”, iniciado com “um tipo de inversão das significações” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 382). Dessa forma, pode ser o desencaixe, a nível do sujeito, provocado por uma crise coletiva, assim como uma disparidade entre fenômenos e explicações. Mas, ainda que doída, a angústia pode tornar-se também motor – ou, ao menos, indica a possibilidade de uma travessia. Pelbart (2016), ao comentar a passagem em que Simondon discorre sobre a angústia, destaca este aspecto:

No entanto, por outro lado, a angústia também indica a possibilidade, até mesmo a iminência, de uma nova individuação. Ela é sinal de que algo do existente pede para se desmanchar em favor de um novo nascimento. A angústia expressa a passagem de uma individuação a outra, ela é indício de metamorfose, e, portanto, de aniquilamento de certas estruturas e funções já caducas, mesmo que isso represente uma ameaça ao próprio sujeito. Seja como for, morte e nascimento, desmanchamento e reconfiguração, no seio dessa metamorfose, parecem encavalar-se e são indecifráveis. (PELBART, 2016, p. 54)

Diante da aniquilação, da morte, da paralisação, da distopia (às vezes aparentes, figuradas; em outros momentos, bastante concretas), foi preciso, a cada dia e de diferentes maneiras, seguir procurando por vida, por possibilidade de movimento, de criação. Na pandemia e na pesquisa, defender que ainda há, sim, futuro; ou, ao menos, não desistir de buscá-lo, investigando o que pode haver em potência. Olhar para o que nasce diante do que parece pura destruição, porém, não é defender uma postura ingênua, uma positividade a qualquer custo. É procurar brechas para poder continuar, pensar em novos caminhos quando os anteriores já não fazem sentido. Não se trata de negar a gravidade de uma realidade, mas, desde dentro, observar o que ainda pode existir quando há tanto que se destrói; onde há vida, e como fazê-la subsistir, multiplicar-se, ainda que sob outras formas.

Neste sentido, esta pesquisa examina questões relacionadas à propaganda política computacional mapeando suas repetições e condicionamentos, mas simultaneamente buscando identificar onde também há movimento imprevisível, criação. Queremos pensar como a comunicação digital, de algum modo, produz algo; e que essa produção não pode ser completamente condicionada, pois é fruto de relações entre humanos, máquinas e meio. Propomos que, junto a estratégias consolidadas e ferramentas eficientes, há também algo que é construído coletivamente e pelo contato entre diferentes existências. E, neste sentido, trabalha-se constantemente com aparentes contradições: entre estrutura e ação, entre novo e

antigo, entre condicionamento e invenção, olhando para o que nasce da relação entre realidades e modos de funcionamento a princípio díspares e incompatíveis.

Assim, este trabalho investiga alguns modos como a política tem sido exercida online. Não endossamos a narrativa de que ela teria sido esvaziada pela técnica ou que certas estratégias são garantia para se ganhar eleições, mas buscamos pensar tal contexto a partir de suas possibilidades e das questões colocadas pela tecnologia, os modos de funcionamento que se dão em uma relação tecnicamente mediada.

Porém, ainda que este texto tenha começado a se concretizar em 2020, a escrita é sempre parte de um processo anterior. Sua origem também não poderia ser colocada em 2019, quando ingressou-se no mestrado em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - ou melhor: formalmente, sim. No entanto, as inquietações e os interesses que norteiam grande parte deste trabalho estão presentes desde, ao menos, 2016. Um processo de pesquisa não é uma atividade apenas individual, mas, momentaneamente, passarei à primeira pessoa do singular para comentar um caminho percorrido nos anos anteriores ao início oficial do mestrado e, assim, delimitar também um lugar de onde se fala, enquadrado por vivências e pontos de vista.

Três anos antes de iniciar os estudos no Labjor, comecei a trabalhar com análises de dados de movimentações digitais. Ingressei na empresa para fazer um trabalho de percepção online de marca; um mês depois, fui transferida para o setor de análises políticas. E, em minha primeira semana no novo projeto, Lula foi nomeado ministro-chefe da Casa Civil pela então presidente Dilma Rousseff. Os debates na Internet ferviam: à época, a decisão gerou controvérsia, com áudios vazados, liminares na Justiça suspendendo a nomeação e discussões acaloradas sobre a questão, contra e a favor, com argumentos e narrativas vindos de diversos pontos do espectro político. Até a prisão do ex-presidente, em abril de 2018, coletávamos números impressionantes de menções a ele em debates online quando havia algum novo acontecimento, acusação ou controvérsia que o envolvia, chegando próximo a 1 milhão de citações no Twitter em um período relativamente curto, como poucos dias. Os relatórios que produzíamos eram exclusivos para clientes e a memória falha em dizer, mais precisamente, a escala do volume de publicações relacionadas à nomeação para a Casa Civil em março de 2016; no entanto, foi mais que suficiente

para fisgar a minha atenção sobre as dinâmicas que aconteciam em ambientes online e as mobilizações políticas que se faziam nesses espaços.

Até janeiro de 2019, período em que trabalhei com as análises diárias a partir de dados coletados de ambientes digitais, pude acompanhar diferentes tipos e modos de movimentações online. Vi o surgimento, fortalecimento, circulação e, muito frequentemente, também a morte de diversas narrativas, causas e grupos, à esquerda, à direita, ao centro ou “sem partido”. Durante as eleições de 2018, eu era gerente de projeto e uma das coordenadoras do setor de Relações Governamentais da empresa. E, nesse período, observávamos que Jair Bolsonaro (à época, candidato pelo PSL, Partido Social Liberal) se fortalecia a cada polêmica com grande repercussão nas redes sociais e conquistava eleitores a passos largos, ainda que seu tempo de propaganda oficial na televisão fosse mínimo e ele, a partir de certo momento, não participasse mais de debates com outros candidatos.

Em um cenário de grandes números (as dezenas de milhares de menções a um assunto em um único dia no Twitter eram frequentes em nossas coletas de dados) e movimentações que, com força significativa online, conseguiam pautar discussões em diversos espaços, on e offline, e ajudar a eleger nomes para os cargos “tradicionais” da política, era inegável que as redes sociais desempenhavam um papel importante na democracia. Porém, a ideia de que a Internet funcionaria como uma grande “ágora digital” não se encaixava. Coincidentemente, no mesmo mês em que comecei a trabalhar nesta área iniciei uma pós-graduação Lato Sensu na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP). E, no primeiro semestre do curso, as discussões sobre o uso massivo de dados pessoais coletados por plataformas online e os comentários sobre a modulação de Deleuze no “Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle” (1992), feitos ao longo da disciplina Sociologia Contemporânea, me marcaram muito. Afinal, eu estava efetivamente mergulhada em um universo de *big data* no trabalho e via o quanto os dados de movimentações digitais eram significativos (ainda que o material a que eu tivesse acesso fosse pífio comparado com o que pode ser coletado por empresas como Google e Facebook). A disciplina na FESP foi ministrada pelo prof. Diego Vicentin, que veio a ser meu orientador no mestrado três anos depois.

Já àquela época, uma questão me inquietava: como pensar as mobilizações políticas em um ambiente rastreável, controlável, modulável? Até que ponto os

algoritmos e robôs poderiam condicionar o comportamento, as ações e escolhas políticas? Por um lado, não faltavam exemplos do impacto da utilização de certa tecnologia nas decisões políticas. Por outro, o uso de robôs para inflar o alcance de certas mensagens ou a modulação algorítmica em redes sociais não pareciam ser suficientes para explicar totalmente fenômenos como o grande crescimento do apoio ao discurso de extrema direita ou a proliferação de *fake news*, os quais eu acompanhava de perto no trabalho. Parecia haver ali, também, uma adesão aos discursos veiculados nas mensagens, o que movimentava o compartilhamento e fazia a divulgação de um conteúdo se manter em contínua expansão. Além disso, também era possível observar uma ação em massa de *bots* cair praticamente no vazio, com uma mesma mensagem sendo publicada e replicada por diferentes perfis com características de robô (à época, identificávamos aspectos como criação recente, *username* numérico, entre outros<sup>1</sup>) milhares de vezes em certo momento e com compartilhamento próximo de zero no momento seguinte. Ou, ainda, fenômenos como a reapropriação de *hashtags* em favor de certo grupo ou causa pelos seus opositores, inflando o seu alcance ao criticá-la (em um movimento que, simultaneamente, critica uma pauta e contribui para sua amplificação). Ou seja, em linhas gerais eu observava que processos relativos à recepção e à significação também tinham participação importante no funcionamento da propaganda política computacional, ainda que não pudessem ser entendidos como isolados das questões técnicas que atravessam o meio digital. Assim, ao ingressar no mestrado, eu pretendia estudar a propaganda política feita em ambientes digitais aliando questões relativas à rede de distribuição/compartilhamento das mensagens e ao conteúdo do que era veiculado.

Para tanto, escolhi trabalhar com publicações relativas ao Movimento Brasil Livre (MBL) no Twitter durante o período eleitoral brasileiro de 2018, buscando observar os modos como o grupo mobilizou sua audiência e os conteúdos relativos a ele que tiveram maior circulação na rede social, seja de seus críticos ou de apoiadores. O interesse em estudar este universo veio ao observar o “sucesso” que grupos da chamada “nova direita”<sup>2</sup> tiveram nos anos recentes em ambientes digitais e cujo

---

<sup>1</sup> A tentativa de se identificar robôs, porém, pode ser feita de várias formas e não há consenso sobre qual seria a melhor metodologia – afinal, agentes “humanos” e técnicos podem ter comportamentos bem parecidos online. Messias et al. (2013), por exemplo, demonstraram que é possível criar um perfil no Twitter com comportamento totalmente automatizado respeitando alguns parâmetros que o categorizariam como “humano” e conseguir níveis altos de influência digital.

<sup>2</sup> Faremos adiante o debate sobre essa categorização.

crescimento parecia aliar tanto questões técnicas quanto a adesão da população ao que era dito nas mensagens (ainda que, neste trabalho, defendamos que não há algo que possa ser considerado *puramente* técnico ou humano; diferentes elementos estão sempre em relação neste contexto). Publicações feitas por movimentos como o MBL muitas vezes conseguiram grande volume de compartilhamentos e os protestos convocados por eles via redes sociais levavam um número expressivo de pessoas às ruas. Além disso, não raro este tipo de grupo provoca manifestações enfáticas de seus opositores, gerando uma espécie de polêmica que também contribui para sua visibilidade e força. Dessa forma, analisar dinâmicas que ocorreram neste universo poderia colaborar para o entendimento das formas de mobilização política que se dão em espaços online e que aliam diferentes modos de funcionamento. Atualmente, especialmente após críticas ao governo Bolsonaro, o grupo tem se enfraquecido<sup>3</sup>; porém, ainda mantém certa relevância no cenário político nacional.

Este trabalho também é norteado pela premissa de que é necessário olhar para as relações sociais e políticas buscando sair de uma chave que entende o outro como menor, menos esclarecido, totalmente manipulável ou mesmo digno de pena por acreditar em *fake news* - e, de onde falo, o “outro” são aqueles que endossam discursos de ódio ou narrativas extremistas, que vão contra muito do que acredito ou até pregam a aniquilação de grande parte do que sou. Analisar os mecanismos que podem ter favorecido a expansão da nova direita no Brasil é também buscar a compreensão daquilo que me parece ser completamente externo; uma tentativa, talvez, de encontrar caminhos para poder voltar a pensar em diálogos, rachaduras na dicotomia nós x eles.

De volta a uma voz que se propõe plural, vale dizer, porém, que o principal objetivo desta pesquisa não é examinar o MBL em si, buscando entender como teria se estruturado desde 2013 ou suas articulações on e offline, mas o contexto digital em que diferentes grupos se movem e conquistam adeptos, conseguindo crescer de forma significativa. Assim, este trabalho não tem como tema central o Movimento

---

<sup>3</sup> O cientista político Lucas Aragão, em entrevista ao Metrôpoles, afirma que, a partir de 2019, “a narrativa do antipetismo grudou no bolsonarismo e o MBL ficou órfão de discurso”. A reportagem também traz dados sobre o engajamento das publicações do grupo em redes sociais ao longo do tempo, apontando que o MBL teve um pico no número de visualizações no YouTube e na quantidade de *likes* e *retweets* no Twitter em 2018, apresentando queda contínua desde então. Disponível em: <<https://metropoles.com/brasil/politica-brasil/com-relevancia-em-queda-mbl-busca-dialogo-ate-com-a-esquerda>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Brasil Livre, mas questões relativas à propaganda política computacional. Porém, por ter relativa importância entre os grupos com forte atuação online, o universo comunicacional relativo ao MBL se apresentava como um recorte interessante, permitindo analisar um *modus operandi* que o grupo exerce com sucesso, ainda que não seja exclusivamente seu – por exemplo, gerar engajamento em suas publicações a partir da mobilização de afetos como raiva ou medo. Dessa forma, a proposta, aqui, não será olhar para a propaganda política de maneira a entender o funcionamento do MBL, especificamente; antes, pretende-se, a partir da análise das mensagens sobre um grupo relevante entre a nova direita brasileira, buscar identificar algumas dinâmicas que podem estar em jogo nas mobilizações políticas que ocorrem em ambientes digitais.

Especificamente, escolhemos analisar as 100 publicações com maior volume de compartilhamento entre as menções ao MBL no Twitter durante o período eleitoral de 2018, entendendo que, neste recorte, é possível ter pistas tanto sobre o conteúdo que teve mais adesão entre a audiência quanto acerca das formas como a estrutura técnica tem sido construída coletivamente nesta plataforma – afinal, o que mais circula também impacta no que será mostrado adiante. É provável que grande parte desses compartilhamentos tenha sido feita por robôs; no entanto, não buscamos limpar o material deste tipo de agente, uma vez que já é parte integrante das dinâmicas que ocorrem online, mas entendê-lo como mais um aspecto a ser levado em conta na pesquisa.

Uma vez que o material empírico que seria analisado nesta pesquisa estava coletado, algumas angústias teóricas logo se fizeram presentes. A principal: como incluir, na análise, questões relativas à significação e à recepção sem deixar de lado também as dinâmicas de produção, distribuição e reenvio de mensagens, uma vez que os diferentes âmbitos de um processo comunicacional estão interligados e o espaço em que tais discussões se dão não é neutro? Além disso, seria possível trabalhar com uma perspectiva teórica que não desse primazia a um dos lados da questão, pensando que a produção, a distribuição e a recepção seriam igualmente importantes no processo? Em paralelo, mobilizar noções como emissor e receptor em um momento em que as distribuições no formato *broadcast* (um-muitos) e em rede (um a um, ramificando-se) misturam-se também parecia adicionar outros complicadores ao cenário.

Em um primeiro momento, pensou-se que uma saída para tais angústias poderia ser tentar criar pontes entre diferentes perspectivas teóricas. Assim, buscou-se construí-las entre uma bibliografia fundamentada principalmente em Deleuze, Foucault e seus pares, que ajudaria a olhar para as questões relativas a algoritmos, estrutura tecnopolítica, distribuição, etc, e a Análise de Discurso de matriz francesa, que seria mobilizada principalmente quando fosse a hora de se voltar para os processos de estruturação de sentidos. Porém, não houve sucesso: as pontes seriam muito forçadas em alguns momentos; em outros, até poderiam ocorrer, mas estavam fracas, a amarração parecia estar a ponto de se soltar a qualquer movimento mais brusco. Acreditamos que tais ligações podem ser feitas; no entanto, não foi possível fazê-las de forma que a base teórica do trabalho ficasse suficientemente sólida.

Quando o orientador desta pesquisa indicou o artigo “A amplificação nos processos de informação”, de Simondon (2020a [2010]), a sustentação teórica do trabalho começou a fluir melhor. Neste texto, ele sugeriu que se prestasse atenção principalmente na transdução, um modo de amplificação da informação que tinha muito em comum com o que é possível observar nos processos de viralização online, tão presentes nas dinâmicas de compartilhamento de mensagens em redes sociais. Ali, poderia haver algumas pistas interessantes para a análise. E, por esta porta de entrada, foi-se explorando todo um sistema filosófico que fazia coexistir diferentes modos de funcionamento (a princípio, completamente dispartados), com paralelos possíveis de se traçar com o que é observado também em ambientes digitais. Simondon permite pensar, simultaneamente, em modulação e em recepção, e faz com que seja possível associar a proposta de informação, tão cara à cibernética, também à significação. Assim, emissão/distribuição/circulação e recepção poderiam ser analisadas como diferentes aspectos de um mesmo processo, como continuidade, em uma dinâmica que interliga realidades e modos de funcionamento diversos.

Esta dissertação, portanto, tem nas propostas filosóficas de Simondon uma de suas principais bases de sustentação teórica. Aqui, tem-se por norte especialmente dois trabalhos deste autor: o artigo sobre a amplificação nos processos de informação (2020a [2010]) e o livro “A individuação à luz das noções de forma e de informação” (2020b [1958]), tese de doutorado de Simondon e o trabalho em que ele fundamenta o seu sistema filosófico.

Nosso percurso nesta dissertação, porém, não é linear. Se temos as

possibilidades de política digital como horizonte de pesquisa, a cada momento buscamos olhar para a questão a partir de um novo ângulo. Em certo sentido, há também na estrutura deste texto uma espécie de repetição que explora, no retorno, o diverso: ao voltarmos a um aspecto para rediscuti-lo, é de forma a propor outras camadas a partir do que já havia sido colocado.

Porém, de que forma está dividido este trabalho? Para fundamentar o terreno em que iremos caminhar, o primeiro capítulo traz uma discussão teórico-metodológica que busca discorrer sobre os principais conceitos filosóficos que norteiam a pesquisa, como individuação, modulação, transdução e informação, sempre pensados à luz das noções de processo e de relação – e por que consideramos estes dois aspectos tão relevantes em um estudo sobre propaganda política computacional. Em paralelo, há uma tentativa de mapear diferentes modos de funcionamento que coexistiriam em ambientes digitais, contextualizando o ecossistema em que está inserido o tema desta pesquisa.

Este capítulo também discute algumas noções caras à comunicação, como as relações entre emissor e receptor, analisando-as à luz da filosofia. Busca distanciar-se de uma proposta de comunicação que coloca a primazia do processo em um ou outro lado da questão e aponta como, nas origens da cibernética, a tensão entre comandos de controle e significação já se colocava, ainda que uma noção de comunicação como condicionamento tenha vindo a ser muito presente posteriormente na cibernética e nas ciências dela originadas.

No segundo capítulo, olha-se para a questão dos afetos em mobilizações políticas, a qual entendemos ser bastante central também na propaganda que é o tema deste trabalho. E, além da relação com a técnica, Simondon norteia possibilidades de análise interessantes sobre os afetos na política, uma vez que permite pensar o humano não apenas a partir de sua interioridade, tampouco como pura exterioridade: para este autor, sujeito e coletivo fundamentam-se juntos, na descoberta/resolução de uma problemática que se localiza no plano da afetivo-emotividade. Assim, o capítulo segundo inicia-se discutindo tais conceitos e delimitando, também, como buscaremos pensar noções como rede e reticulação na pesquisa.

Em seguida, trazemos alguns estudos sobre propaganda política que se relacionam com os afetos e com a atuação em rede, sobretudo em ambientes digitais.

O levantamento bibliográfico de pesquisas neste sentido busca reforçar os pontos de contato com a análise que faremos adiante e apontar algumas questões que nos diferenciam, especialmente em termos de metodologia.

A apresentação de nosso material empírico é feita com mais detalhes no terceiro capítulo. Em um primeiro momento, contamos como foi o processo de coleta dos dados e de que forma o caminho trilhado até o material também influenciou no recorte para a análise. Depois, discorreremos sobre alguns dos aspectos mais recorrentes encontrados nas mensagens sobre o MBL durante o período eleitoral de 2018 no Twitter, como menções a questões tidas como de esquerda, críticas à imprensa, acusações de *fake news* contra opositores, mobilização de afetos como medo e desprezo e de que forma diferentes candidatos presidenciais e pautas foram abordados neste universo. Além de destacar aquilo que se repete e aponta para estratégias comunicacionais “eficazes”, buscamos observar também alguns possíveis desvios, como mensagens que ganham um novo significado ao circular ou afetos que parecem ter ressoado mais em um grupo que em outro.

Este trabalho não se pretende fechado: afinal, não é de nosso interesse estabelecer o que são as mobilizações políticas online. Antes, percorremos possibilidades de *como*, apontando pistas sobre os modos pelos quais a propaganda política computacional tem funcionado. E, assim como trabalhamos com um pensamento filosófico que olha para o processo de individuação e não para o objeto final, esperamos que esta pesquisa se mantenha metaestável: passível de transformações e podendo gerar novas possibilidades ao entrar em contato com o que, em alguma medida, lhe é outro.

## CAPÍTULO 1

### O contínuo movimento: modos de funcionamento do espalhamento digital

Com a explosão no acesso à Internet, uma série de novas formas de participação, manifestação e construção coletiva tem ganhado corpo. Nas décadas recentes e, com mais intensidade, a partir de 2010, diferentes plataformas online têm sido parte significativa em mobilizações políticas, sociais e culturais, no Brasil e no mundo. Os exemplos surgem frequentemente à nossa volta mas, para mencionar alguns, podem-se citar: a eleição de diversos nomes para cargos legislativos e executivos a nível local, estadual e nacional a partir de campanhas feitas principalmente em redes sociais; os debates sobre propriedade intelectual e acesso ao conhecimento, que ganham força significativa quando muito do que é produzido pode ser transmitido ou lido online; ou mesmo a expansão das discussões sobre feminismo e questões de gênero no Brasil, que tiveram grupos no Facebook como importantes aliados na divulgação.

Neste cenário, um tipo de movimento tem tido especial destaque: a militância de direita, que conquistou adeptos de classes sociais, contextos e idades variados utilizando a seu favor uma série de ferramentas digitais, como grupos de WhatsApp, sites apócrifos, páginas no Facebook, perfis e robôs no Twitter, canais no YouTube, entre outros. Trata-se, porém, de um grupo bastante heterogêneo, que conjuga atores tão díspares como líderes religiosos, policiais militares e jovens defensores do livre mercado. Em geral, convencionou-se chamar tal universo político de “nova direita”, e será em grande parte para ele que iremos olhar neste trabalho.

O termo “nova direita”, porém, é mais um conceito-problema que de fato uma definição precisa. Como destaca Cepêda (2018), há, logo de início, ao menos três complicadores em uma investigação sobre o tema no Brasil: qual é o campo ideológico da direita, por qual razão esta seria “nova” e como levar em conta as características específicas que cada movimento adquire a depender do contexto local. Ou, nas palavras da autora,

o primeiro [complicador], sobre as fronteiras ideológicas que delimitariam o campo da direita, estabelecendo as balizas de sua identidade teórica ou programática; o segundo, sobre os limites

temporais que permitiriam a adoção do termo nova direita, com características que sustentassem um arranjo distinto daquele concertado em momentos anteriores; o terceiro, originado no reconhecimento de que, embora o momento conservador dos últimos anos seja internacionalmente expressivo, ele varia conforme as configurações nacionais, interagindo com contextos sociais e históricos específicos onde a nova direita assume uma coloração própria - exigindo a investigação dos elementos de identidade geral do campo e, ao mesmo tempo, ajustando-se às trajetórias políticas nacionais específicas. (CEPÊDA, 2018, p. 41)

Poderíamos dizer, portanto, que “nova direita” é menos uma definição que um campo de questões, apontando para algo que segue aberto e em mutação. Diferentes autores debruçaram-se sobre o assunto, com classificações que se aproximam em certos aspectos e divergem em outros. Miguel (2018), por exemplo, ao comentar o que chamou de “reemergência” da direita brasileira, afirmou que não é possível falar em uma direita única, no singular, e que há diversos grupos diferentes que convergem em prol da defesa um ideal ou de combater um inimigo em comum. E, entre os setores mais extremos, haveria três eixos principais: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do anticomunismo. Por sua vez, Ribeiro (2018), ao analisar uma série de páginas no Facebook que divulgavam ideias de direita, também destacou que suas pautas são variadas, identificando quatro *clusters* principais: patriotismo, segurança pública, conservadorismo moral e liberalismo econômico. Já Cesarino (2020) analisa manifestações deste campo a partir do que chamou de “populismo digital”, evidenciando em mensagens que circularam em grupos pró-Bolsonaro no WhatsApp durante as eleições de 2018 aspectos como sistema líder-povo, antagonismo amigo-inimigo e significantes vazios potencializados pela maleabilidade de ambientes digitais.

Dessa forma, não apenas este é um grupo que não é homogêneo, como os olhares sobre ele também são diversos. Existem, porém, certos aspectos em que há consenso: os movimentos de direita têm crescido nos últimos anos em diferentes países divulgando principalmente ideias liberais na economia e conservadoras nos costumes com parte significativa de sua força vindo da atuação em ambientes digitais, nos quais conseguem espalhar suas mensagens em grande velocidade e escala. Assim, de maneira a contribuir para as pesquisas que se voltam para as formas contemporâneas de mobilização e participação política, iremos nos debruçar sobre o ecossistema comunicacional digital relacionado à nova direita brasileira, buscando mapear alguns modos como a propaganda política computacional tem funcionado

neste universo.

## 1.1 A tecnopolítica à luz das noções de processo e de relação

As movimentações digitais e suas diversas causas, consequências e formatos têm estado no centro das atenções de diferentes setores e pautado pesquisas e debates variados. Quando se fala em grupos políticos digitais, porém, ainda que este seja um campo vasto e heterogêneo, não raro observa-se certo movimento de encaixá-los em duas correntes: por um lado, há a utopia de que o online poderia ajudar a destituir governos opressores e promover a emancipação humana, em uma construção coletiva de futuros igualitários (ou libertários, a depender da ideologia) a partir de uma estrutura em rede horizontal; por outro, a distopia de que a Internet, com seus *bots* e *fake news*, poderia impossibilitar completamente a política (esta, entendida principalmente a partir de um debate livre e *esclarecido* de ideias), manipulando os usuários de redes sociais e eliminando toda a pluralidade de futuros possíveis. Esta pesquisa, por se debruçar sobre os modos de funcionamento da propaganda digital no universo da nova direita brasileira, poderia ser a princípio categorizada em qualquer uma dessas duas chaves (ainda que, para nós, a primeira seja consideravelmente mais difícil). No entanto, a proposta, aqui, será outra.

Desde a criação de uma “rede conectada”, houve várias previsões otimistas sobre o que uma estrutura descentralizada e universalmente acessível poderia promover, com a defesa, por exemplo, de que o ciberespaço permitiria uma maior liberdade individual e ações políticas coletivas inovadoras, longe de um Estado “opressor” (BARLOW, 1996). A Primavera Árabe, que começou em dezembro de 2010, parecia ser a concretização de uma utopia em que movimentos populares iniciados online poderiam derrubar ditaduras e promover a construção coletiva de um novo futuro (RAMONET, 2011) - não à toa, o nome com que a série de manifestações foi batizada remete a florescimento, nascimento de novas formas de vida, assim como faz referência à mobilização por reformas ocorrida em Praga em 1968 contra a então União Soviética. Tunísia, Argélia, Líbia, Egito e vários outros: como um efeito dominó que se espalhava por grande parte do Norte da África e Oriente Médio, manifestações organizadas online ganhavam força e provocavam mudanças significativas em países

os mais diversos. No entanto, como lembra Evangelista (2018), a deposição de líderes autoritários por manifestações populares não necessariamente teve como consequência a instalação de governos democráticos. No Egito, por exemplo, os protestos foram capazes de derrubar o ditador Hosni Mubarak, mas as eleições que ocorreram logo depois levaram a Irmandade Muçulmana, um grupo fundamentalista islâmico, ao poder.

Paralelamente, Evangelista comenta que, ao final de 2011, o movimento Occupy, em que manifestantes permaneciam em espaços públicos de forma a denunciar a desigualdade e a concentração de renda, também nascia das redes sociais e buscava utilizar técnicas de organização horizontal, fortemente inspirado pelo que seria uma utopia cibernética. Ali, a rejeição a práticas hierárquicas pode ter, em alguns casos, ajudado a oxigenar a participação política; porém, a indignação frequentemente difusa e a falta de propostas e demandas efetivas fez que com que tais protestos não gerassem grandes frutos. Além disso, como aponta o autor,

Em alguns contextos políticos, a rejeição absoluta de lideranças e dos partidos estabelecidos – em nome da utopia cibernética da descentralização e da multidão conectada em rede – provocou a ascensão das forças mais conservadoras, cujos militantes não abandonaram os sistemas tradicionais de representação. (EVANGELISTA, 2018, p. 64)

Pouco tempo depois, veio também o que parecia ser a nossa espécie de “primavera”. Os movimentos de junho de 2013 no Brasil, no início, tinham ares de Revolução. Organizados online e contra a cobrança de taxas abusivas no transporte público, tais protestos desafiavam a ordem “natural” das coisas e abriam caminho para que outras formas de ação política se fizessem possíveis. A cidade parecia pulsar; para uma geração que nunca tinha vivenciado manifestações políticas significativas em escala nacional, um mundo de possibilidades se abria (SIQUEIRA; PREIS, 2013).

Após algumas manifestações, porém, algo parecia fora do lugar: toda e qualquer indignação tomava as ruas, das mais difusas às mais específicas. Havia ainda críticas ao preço das passagens de ônibus, mas também aos gastos do governo com grandes eventos esportivos, às acusações de corrupção e até à política em geral, em uma espécie de “contra tudo o que está aí”. Ali, como sabemos hoje (ROCHA, 2018), também começaram a se articular e a ganhar força uma série de grupos que defendiam diferentes ideias de direita e que viriam a ter atuação relevante nos anos que se seguiram, como nas manifestações pelo impeachment da ex-presidente Dilma

Rousseff, em 2016, e nas eleições de 2018 - tanto como parte importante do apoio do candidato à presidência eleito naquele ano quanto na composição do Congresso Nacional e dos governos estaduais.

Enquanto o nosso junho de 2013 apontava que a relação entre política e redes digitais tinha mais meandros do que a princípio tínhamos suposto, os Estados Unidos e a Europa confrontavam-se com a revelação de que a Internet não seria assim tão livre, segura e isonômica quanto sugeriam suas belas premissas. No início do mesmo mês, os jornais *The Guardian*<sup>4</sup> e *The Washington Post*<sup>5</sup> publicaram revelações feitas por Edward Snowden de que o governo dos Estados Unidos, por meio da Agência de Segurança Nacional (NSA, na sigla em inglês), havia espionado e monitorado sua própria população e de países da Europa e da América Latina, a partir, entre outros métodos, de servidores de empresas como Google, Apple e Facebook.

Pouco tempo depois, entre 2017 e 2018, divulgou-se<sup>6</sup> que a empresa Cambridge Analytica, do Reino Unido, teria coletado dados de cerca de 50 milhões de perfis do Facebook a partir de testes online aparentemente inofensivos; as respostas colocadas ali, porém, permitiriam que a empresa traçasse um perfil psicológico minucioso de cada um dos participantes da suposta brincadeira. Tais informações, associadas a dados demográficos e de comportamento online, teriam tornado possível fazer uma segmentação de propaganda online com um nível de granularidade completamente impossível se por meios éticos; e, assim, passava-se a bombardear os perfis com a mensagem perfeita, muitas vezes falsa, para engajá-los a favor de um político ou causa. A Cambridge Analytica divulgou ter atuado nas campanhas de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e em favor do Brexit (a saída do Reino Unido da União Europeia), e o sucesso de ambas poderia ser explicado, em grande parte, pelos métodos controversos utilizados<sup>7</sup>. Diante das acusações de uso

---

<sup>4</sup> Link para uma das reportagens: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jun/06/us-tech-giants-nsa-data>>. Acesso em: 23 maio 2020.

<sup>5</sup> Link para uma das reportagens: <<https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2013/06/06/everything-you-need-to-know-about-the-nsa-scandal/>>. Acesso em: 23 maio 2020.

<sup>6</sup> Reportagem do New York Times: <<https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>>. Acesso em: 23 maio 2020.

<sup>7</sup> O *The Guardian* compilou todas as notícias que publicou sobre o caso, aqui: <<https://www.theguardian.com/news/series/cambridge-analytica-files>>; acesso em: 24 out. 2020. No artigo “Big Data: Toda democracia será manipulada?” (GRASSEGER; KROGERUS, 2017), há uma boa explicação sobre o funcionamento da psicométrica, que busca medir traços psicológicos a partir de dados e que embasou os métodos da Cambridge Analytica. Há também dois documentários que

irregular de dados pessoais, diversos processos foram abertos nos Estados Unidos e no Reino Unido contra a empresa e o Facebook para investigar o caso. Em maio de 2018, a Cambridge Analytica declarou falência.

No Brasil, houve acusações de que executivos da empresa teriam estado em contato com Jair Bolsonaro; no entanto, não foi comprovada sua participação na campanha. Isso, porém, não significa que as eleições brasileiras de 2018 não foram alvo de métodos questionáveis de distribuição de propaganda eleitoral online. Em nosso país, mais relevante que o Facebook, nesse sentido, foi o WhatsApp: de acordo com a jornalista Patrícia Campos Mello<sup>8</sup>, empresas favoráveis a Bolsonaro teriam comprado serviços de disparo em massa de mensagens políticas no aplicativo, e *fake news* contra os opositores do candidato foram distribuídas em larga escala. Assim como os métodos da Cambridge Analytica eram difíceis de ser monitorados, uma vez que a empresa fazia uso de *dark posts*<sup>9</sup> no Facebook, também é muito complicado rastrear a atividade no WhatsApp, pois só é possível saber o que foi enviado em determinados grupos caso se participe deles. A reportagem veio à tona durante o período eleitoral de 2018 e, no ano seguinte, o problema das notícias falsas ganhou amplitude institucional, com a instalação de inquérito no Supremo Tribunal Federal em março e de CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) no Congresso em setembro.

Diante de um cenário de crescimento da extrema direita, uso abusivo de dados pessoais e, em certa medida, possibilidade de influenciar escolhas políticas, não é de se estranhar que a mesma tecnologia que antes poderia ser a chave para uma utopia passou a ser vista como catalisadora do pior dos mundos possíveis. Porém, é possível dizer que tanto uma quanto outra visão têm certo ponto em comum: uma espécie de determinismo técnico, a ideia de que as consequências do uso de uma tecnologia dependem inteiramente das configurações contidas nela; ou mesmo uma noção de que o objeto técnico tudo pode, sem que sejam levadas em consideração as relações que ele cria com o meio, com outros objetos técnicos e com o humano - ou definindo-

---

exploram bem o caso: “Privacidade Hackeada” (dir. Karim Amer e Jehane Noujaim) e “Driblando a Democracia” (dir. Thomas Huchon).

<sup>8</sup> Link para a reportagem: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 23 maio 2020.

<sup>9</sup> Anúncio publicitário que não era visível publicamente e não aparecia na linha do tempo da marca ou causa que o veiculava. Apenas aqueles que eram definidos como público-alvo podiam vê-lo, e em suas próprias timelines. Atualmente, o Facebook não disponibiliza mais esta ferramenta.

as *a priori*. Portanto, ainda que nos últimos anos o espaço digital tenha sido palco de uma série de abusos éticos ou tenha permitido a propagação de mensagens com discurso de ódio, é importante pensar a técnica também como um plano da vida que se relaciona com outros, como cultural, social, político e econômico. Sozinha, a tecnologia não explica totalmente os fenômenos relacionados a ela; é uma mediação entre humano e mundo, ou entre indivíduos e grupos e o seu meio.

Simondon, na introdução de seu “Do modo de existência dos objetos técnicos” (2008 [1958]), defende que se busque pensar outras formas de relação entre o humano e os objetos técnicos. O autor critica a visão que opõe cultura e técnica, humanidade e máquina, e que colocaria a tecnologia como aquilo que está sempre “fora” (e também aquela que coloca a técnica apenas dentro) do que é considerado humano; seja tomando o aparato como meramente útil, seja dotando-o de *status* de deus - em um sentido de todo-poderoso, *sobre-natural*:

A cultura comporta assim *duas atitudes contraditórias* com relação aos objetos técnicos: por um lado, ela os trata como puros *conjuntos de matéria*, desprovidos de verdadeiro significado e apresentando apenas utilidade. Por outro lado, ela supõe que esses objetos são também robôs e que eles são animados por *intenções* hostis com relação ao homem, ou representam para ele um perigo permanente de agressão, de insurreição. (SIMONDON, 2008, grifos do autor)

Nessa chave, a relação da cultura moderna e ocidental com o objeto técnico tenderia frequentemente a dois extremos: por um lado, o aparato que nada significa, apenas executa funções, é *neutro* em relação ao que pode fazer e a seu entorno; por outro, a máquina que tudo pode, que age *por si só* e que seria capaz de destruir as conquistas humanas.

Não se busca defender, aqui, que a desconfiança recente com as redes sociais e os impactos negativos que seu uso teve na democracia é igual, *ipsis litteris*, ao medo de um robô super-poderoso que vai se insurgir contra a Humanidade. Afinal, como foi dito, não faltam exemplos de problemas e abusos das mais diversas ordens relacionados ao uso da tecnologia digital; é, portanto, natural que ela esteja sob intenso escrutínio<sup>10</sup>. O que se critica, porém, é um olhar sobre a tecnologia que não

---

<sup>10</sup> Uma das formas de se nomear esta relação é *techlash*, junção das palavras *technology* e *backlash* – termos em inglês para tecnologia e reação negativa, respectivamente. A expressão pode ser usada para se referir à animosidade pública contra empresas de tecnologia, especialmente as originárias do Vale do Silício, que ganhou força após acusações como uso indevido de dados pessoais, difusão de desinformação, prática de *truste* ou relações de trabalho abusivas. Mais informações podem ser lidas em publicação do Draft sobre o termo, disponível em: <<https://www.projeto-draft.com/verbete-draft-o-que-e-techlash/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

leve em conta as *relações*, tome-a como fechada em si mesma e que determine, apenas a partir de suas configurações prévias, os impactos que poderá ter no meio e no humano. E é nesse sentido que Simondon poderá iluminar algumas possibilidades de análise.

Dessa forma, entende-se que tanto uma visão exageradamente “otimista” sobre o que pode a tecnologia quanto um medo extremo do que ela poderá causar, ainda que sejam visões opostas entre si, estão, de certa maneira, localizadas em uma região próxima no espectro de análises possíveis. O humano, em uma lógica que exacerba os poderes da técnica, seria tido assim como uma espécie de marionete, dominado pelas máquinas que ele mesmo criou e sem ação criativa, inovadora ou indeterminada para além do que é previsto nas configurações do objeto técnico - sejam estas em uma chave de emancipação ou de prisão. Nesta concepção da tecnologia, extinguem-se as possibilidades de política, de construção conjunta ou de acontecimentos inesperados, pois tudo o que ocorre já estaria definido *a priori* na técnica. Não se estaria *em relação* com o objeto técnico, mas *sendo sujeito a*.

No outro extremo, em que a técnica é entendida como neutra ou apenas útil, não seria possível pensar nos impactos que ela causa a partir de suas configurações próprias; ou de que forma as diferentes tecnologias, *em relação* com o humano e com o meio, criam novas possibilidades, novos contextos. Da mesma forma, a ideia de que haveria uma neutralidade natural no objeto técnico também elimina o que há de humano na técnica, as questões culturais, sociais e políticas que estão contidas já na construção da tecnologia. Assim, como diz Simondon, é preciso conhecer o funcionamento da máquina, mas entendendo-a como parte de seu meio; a cultura vista de forma mais ampla, e não em oposição à técnica:

A máquina é a estrangeira; é a estrangeira na qual está aprisionado algo de humano, desconhecido, materializado, escravizado, mas ainda humano. A mais forte causa de alienação no mundo contemporâneo reside nesse desconhecimento da máquina, que não é uma alienação causada pela máquina, mas pelo não-conhecimento de sua natureza e de sua essência, pela sua ausência do mundo das significações e por sua omissão no quadro dos valores e conceitos que participam da cultura. (SIMONDON, 2008)

É, portanto, neste *entre* que se pretende operar nesta pesquisa; um caminho que pense a tecnologia em suas relações. Assim, ao olhar para situações que envolvem a técnica, não menosprezar sua lógica e materialidade próprias, de forma que apenas as questões “puramente” humanas saltem aos olhos. Por outro lado,

também não tomar o objeto técnico como todo-poderoso, capaz de, sozinho, definir os rumos da Humanidade.

Porém, como fazer uma análise que funcione em outras concepções, para além desses “extremos”? Como pensar o humano e a tecnologia mais em relação, em troca e construção conjunta, que em oposição? Se o objeto técnico não é neutro, e tampouco suas configurações pré-determinam completamente o resultado que virá do sistema de que faz parte, é preciso olhar para o *processo*. Ou seja, para as maneiras pelas quais estabelecem-se as conexões que constituem *algo*, quais as relações entre o humano e a técnica - entre a significação da linguagem e a estrutura digital, por exemplo. Dessa forma, ao analisar algumas situações, não se pretende apontar aspectos *a priori* que teriam determinado um resultado, mas de que forma a *resolução* de tensões surgidas em um encontro *torna-se*.

Nesse sentido, seguiremos com Simondon. Uma de suas mais célebres contribuições para a ontologia<sup>11</sup> é fundamentar a análise na *individuação*, no processo de vir-a-ser, e não no *indivíduo*, no resultado final e acabado. E a ideia de “indivíduo” não precisa se restringir apenas a um humano ou objeto técnico, mas pode se referir a qualquer existência individuada, de forma mais ampla; tal noção poderia ser aplicada nos diferentes níveis de existência (físico, biológico, psíquico, coletivo), ainda que cada um tenha características e complexidades diferentes. Combes (1999) resume essa proposta filosófica da seguinte forma:

Esse é todo o erro da ontologia tradicional que, ao privilegiar o termo constituído, deixou à sombra a *operação* de constituição do indivíduo, ou ainda a *individuação como processo*. Para compreender a individuação, é preciso olhar para o processo, no seio do qual um princípio pode não apenas funcionar como também ser constituído. Nessa desintração que ele realiza de ser enquanto ser e de ser enquanto ser individuado, o primeiro gesto de Simondon consiste, portanto, em substituir a individuação ao indivíduo, a operação ao princípio. (COMBES, 1999, p. 6, grifos da autora, em tradução livre)<sup>12</sup>

Assim, Simondon, em “A Individuação à luz das noções de forma e de informação” (2020b [1958]), questiona as duas vias tradicionais na filosofia que se

<sup>11</sup> Em filosofia, a área que trata das questões relativas ao ser e à existência.

<sup>12</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: C’est toute l’erreur de l’ontologie traditionnelle, qui, en privilégiant le terme constitué, a laissé dans l’ombre l’opération de constitution de l’individu, ou encore l’individuation comme processus. Pour comprendre l’individuation, il faut se tourner vers le procès, au sein duquel un principe peut être non seulement mis en oeuvre mais encore constitué. Dans cette désintração qu’il effectue de l’être en tant qu’être et de l’être en tant qu’être individué, le premier geste de Simondon consiste donc à substituer l’individuation à l’individu, l’opération au principe.

debruçavam sobre o ser enquanto indivíduo: o substancialismo e o hilemorfismo. A primeira seria aquela que toma o ser como uno, “consistente em sua unidade, dado por si próprio, fundado sobre si mesmo, não engendrado, resistente ao que não é ele mesmo” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 13); a segunda, a ideia de que o indivíduo é o encontro entre uma forma e uma matéria. E, para Simondon, ambas as perspectivas estariam contaminadas por um mesmo problema: a suposição de que “exista um princípio de individuação anterior à própria individuação, suscetível de explicá-la, de produzi-la, de conduzi-la” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 13). Ou seja, nas duas tradições, o processo de constituição de algo já estaria pré-determinado por um princípio anterior a ele. O autor reforça:

A noção de *princípio de individuação*, em certa medida, deriva de uma gênese às avessas, de uma ontogênese *revertida*: para dar conta da gênese do indivíduo, com seus caracteres definitivos, é necessário supor a existência de um termo primeiro, o princípio, que traz em si aquilo que explicará que o indivíduo seja indivíduo e que dará a razão de sua *ecceidade*<sup>13</sup>. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 14, grifos do autor)

De acordo com Simondon, no substancialismo a existência já estaria dada; o princípio de individuação estaria na infinidade de átomos, que se unem ao acaso. Já no hilemorfismo o ente não estaria dado, há um processo de formação a partir do encontro entre forma e matéria, mas o princípio se encontraria *a priori* em uma das duas; o encontro entre ambas não seria entendido como capaz de engendrar algo totalmente novo, mas apenas de fazer nascer o que já seria, de certa forma, previsto. Simondon, então, propõe que a individuação não seria mera passagem entre tal princípio e o indivíduo final, e coloca os holofotes sobre o processo mesmo em que o indivíduo *torna-se* - a (trans)formação contínua é que seria central na existência, sob diferentes ritmos e modos.

A individuação simondoniana é entendida como a *resolução* das tensões que surgem em um “quase sistema” entre seus elementos constituintes. A maneira como essa resolução se dará não é previsível, não pode ser definida anteriormente; ainda que dependa dos potenciais contidos ali. Forma e matéria podem ser elementos presentes no processo, mas de seu encontro é criado algo novo, uma existência surgida *na* e *a partir da* relação. Nas palavras do autor,

Uma tal individuação não é o encontro de uma forma e de uma matéria prévias, existindo como termos separados anteriormente constituídos, mas uma resolução que surge no seio de um sistema metaestável rico

<sup>13</sup> Em linhas gerais, aquilo que caracteriza um ser, distinguindo-o dos demais.

em potenciais: *forma, matéria e energia preexistem no sistema*. Nem a forma nem a matéria são suficientes. O verdadeiro princípio de individuação é mediação, geralmente supondo dualidade original de ordens de grandeza e ausência inicial de comunicação interativa entre elas e, depois, comunicação entre ordens de grandeza e estabilização. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 20, grifos do autor)

Assim, a individuação em Simondon é um processo que pressupõe relações, encontros entre heterogêneos; este *tornar-se* é a maneira como tais conexões se estabelecem. Ao se analisar apenas o “indivíduo” final, buscando um princípio anterior que o teria definido, perde-se a possibilidade de olhar para a constituição mesma desta existência, o que houve no encontro entre diferentes realidades que gerou algo.

Ao longo deste trabalho, as propostas de Simondon serão valiosas para se pensar as situações que incluem relações entre a tecnologia digital e o humano na atuação política, buscando evitar uma lógica que, ao olhar para o resultado de um processo, para certa existência, busque o fator determinante, um *princípio de individuação* responsável por ocasionar algo. Neste sentido, ao analisar os modos de funcionamento da propaganda política digital, não se pretende apontar as causas específicas do resultado das eleições, por exemplo, como se tudo o que ocorreu já pudesse ter sido definido de antemão apenas pelo uso de uma determinada técnica computacional ou discurso político. Antes, entende-se que há diversas variáveis no processo e o resultado que sairá dele não pode ser completamente previsto, nasce na resolução das tensões entre os diferentes elementos presentes no sistema.

Além disso, especialmente após as denúncias contra a Cambridge Analytica e as acusações de uso de robôs em campanhas políticas, passou-se a temer que a democracia teria sido esvaziada pela tecnologia; afinal, bastaria utilizar a técnica certa para divulgar mensagens sobre determinado político ou causa, por exemplo, que a eleição estaria ganha. O fato de este tipo de estratégia ter funcionado, porém, não significa que sempre dará certo (e, mesmo assim, talvez o sucesso não se explique totalmente pela estrutura técnica). Ainda não se sabe a extensão da eficácia de métodos como o utilizado pela Cambridge Analytica; é preciso estudar tais questões mais a fundo, entendendo qual foi o seu funcionamento, para que se possa combater abusos e apontar que mecanismos políticos entram em cena quando a tecnologia digital passa a fazer parte do sistema. E, como aponta Evangelista,

[T]entar jogar fora o bebê junto com a água do banho seria um esforço tanto inútil quanto pouco produtivo. A cibernética – e seus derivados – nos ofereceu contribuições inestimáveis em termos de conhecimento

sobre as relações entre pessoas e máquinas, entre pessoas e pessoas, entre máquinas e máquinas e entre elas todas e o mundo. (...) O caminho interessante parece estar em fazer juntos, em operar criticamente. (EVANGELISTA, 2018, p. 71)

Observando o crescimento de movimentos de direita no meio digital nos últimos anos, escolheu-se estudar este tipo de grupo por supor que, ali, poderia haver pistas sobre novos modos de funcionamento da propaganda política computacional - e não necessariamente como modelo a ser seguido, uma vez que, não raro, este tipo de atuação esbarra também em questões éticas. Aspectos como a grande viralização de mensagens, apelo às emoções, relativização do que é verdade/real, embaralhamento dos papéis de emissor/receptor e definição de si a partir do rechaço ao outro compõem este universo e serão analisados ao longo deste trabalho. Tais práticas não estão restritas a este tipo de grupo político (e, em alguns casos, nem à ação online), mas ganharam novos contornos e significativa importância neste contexto.

A atuação política digital é algo relativamente recente; portanto, não é o intuito, aqui, dar respostas definitivas à questão. Ao explorar possibilidades de entendimento do fenômeno, aliando tanto noções de estrutura técnica quanto aspectos da recepção da mensagem, este trabalho pretende contribuir para as pesquisas que, em um esforço conjunto, buscam novos caminhos para os problemas que afligem a democracia. E, principalmente, deseja poder pensar a política em relação com a técnica - uma política mais híbrida, mas, ainda assim, possível.

## 1.2 A amplificação nos processos informacionais

Há algumas grandes tensões que atravessam este trabalho e, de forma geral, também estão presentes em várias pesquisas sobre questões relativas à comunicação: em especial, os conflitos entre estrutura técnica e significação, bem como entre emissor e receptor. Em diversos momentos, inclusive, tais duplas misturam-se, fazem com que os limites entre diferentes âmbitos se tornem particularmente difusos. Nos estudos sobre propaganda política digital, um exemplo significativo deste caso se dá na troca de mensagens entre elementos técnicos e pessoas, especialmente quando um parece simular o comportamento que é tido como do outro – robôs que agem como humanos, e vice-versa. Em brigas de pares de

(supostos) opostos, muitas vezes a saída é escolher um lado; explora-se a questão profundamente a partir de uma área única, buscando evitar as incongruências que o contato com o que lhe é externo pode causar.

Aqui, porém, interessa-nos o paradoxal. A escolha por seguir com Simondon, em uma filosofia do processo e das relações, é poder olhar para o que surge quando realidades tão díspares entram em contato. Não se defende, porém, que pesquisas mais restritas a um dos lados das questões sejam mais fracas; trata-se fundamentalmente de uma diferença na escolha da perspectiva de análise. Neste trabalho, busca-se um estudo dos encontros, em uma espécie de entre-lugar. As regiões de sombra, com os diversos tons de cinza que parecem não se encaixar nas respostas anteriores, são alguns dos caminhos por onde se pretende andar.

Esta pesquisa, porém, não pretende apaziguar incongruências ou evitar contradições, mas colocá-las à luz, trazê-las como fonte de novas questões. Assim como Simondon descreve para os processos de individuação, a *resolução* das tensões presentes em um sistema não significa que elas deixam de existir. Para o autor,

A individualidade resolutiva é a que conserva as tensões no equilíbrio de metaestabilidade, em vez de anulá-las no equilíbrio de estabilidade. A individuação torna as tensões compatíveis, mas não as relaxa; ela descobre um sistema de estruturas e de funções no interior do qual as tensões são compatíveis. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 305).

Assim, a resolução é a criação de novas estruturas, novas realidades, e não o apagamento das tensões de um sistema. Afinal, “só a morte seria a resolução de todas as tensões; e a morte não é a solução de problema algum” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 305). No encontro entre díspares, cria-se algo; não em uma síntese do que é comum, eliminando-se as diferenças, mas na integração de todos os elementos por meio de uma dimensão nova. Este texto pode ser, de certa forma, entendido como a resolução de tensões que atravessaram todo o processo de pesquisa; longe de estarem anuladas, tais tensões são o que constitui a principal trama em que é sustentado este trabalho.

As oposições entre técnica digital/significação e receptor/emissor também se relacionam com um paradoxo mais amplo: os limites entre estrutura e ação. Ou, em outras palavras, somos condicionados por um sistema, ou é possível agir de forma autônoma? Nessa chave, surgem impasses como modulação em ambientes digitais x ativismo online, intenção do emissor x entendimento do receptor, manipulação x

liberdade. Uma das possíveis “resoluções” para tais dicotomias é a ideia de informação, como apresentada por Simondon: algo simultaneamente age e transforma o sistema, uma operação de mediação entre tensões que cria estruturas novas. Exploraremos tais questões nas páginas adiante.

### 1.2.1 Controle e modulação

Em estudos sobre estrutura tecnopolítica digital, já se tornou clássica a menção às sociedades de controle, termo cunhado por Deleuze (1992) para se referir a um novo meio de exercício de poder baseado na modulação. O autor contrapôs este conceito às sociedades disciplinares, como definidas por Foucault (2014 [1975]), nas quais o poder seria exercido em locais fechados a partir de diferentes formas de confinamento - a prisão, a escola e o hospital são os exemplos mais clássicos da análise foucaultiana. A ideia de “molde” seria um bom símbolo para se referir às sociedades de disciplina: encaixa-se, normaliza-se, organiza-se a partir do padrão. Deleuze, por sua vez, aponta que a partir de meados do século XX um novo modo de exercício de poder, maleável, fluido, teria ganhado corpo. O filósofo comparou o que seriam as duas questões centrais dos diferentes modos de poder da seguinte forma:

Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (DELEUZE, 1992, p. 225, grifos do autor)

A modulação, portanto, seria um modo de exercício do poder maleável, que poderia agir em qualquer ponto, no espaço aberto, moldando-se às necessidades e especificidades do momento. Na modulação, não há limites, fins para novos inícios, passagens de um ambiente fechado a outro: ela é constante, contínua, fluxo de forças que não cessa.

Deleuze não se referia apenas ao ciberespaço ao falar sobre modulação, mas a um novo momento da sociedade capitalista, de forma mais ampla. Enquanto nas sociedades de disciplina foucaultianas o exercício do poder era interessado por uma forma de dominação dos corpos, tornando-os produtivos, punindo (sansão normalizadora) ou eliminando os que não se encaixassem em padrões que pudessem ser geridos, nas sociedades de controle o acesso à informação torna-se central, de

forma a influenciar os fluxos, as escolhas, os caminhos. Como ele aponta,

A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro - que servia de medida padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. (DELEUZE, 1992, p. 226-227, grifos do autor)

Em um regime informacional, a existência de uma linguagem tida como universal (matemática, numérica, digital), capaz de traduzir qualquer singularidade, é central. Assim, não é preciso buscar conhecer um sistema, uma população ou quaisquer grupos a partir de sua “*média*”, pois torna-se possível abarcar também as suas variáveis, incluir todos os desvios. Aquilo que, a princípio, poderia se apresentar como liberdade de padrões, pode também ser entendido como sujeição total - se o que controla pode tudo conhecer, não há nada que escape. Não haveria como fugir à norma, ter comportamentos desviantes, pois tudo é integrado rapidamente na lógica modulatória.

Não à toa, comparações entre as ideias de Deleuze e dinâmicas de poder que ocorrem na Internet são frequentes, ainda que o ambiente digital não seja o único local em que este poder modulatório seria exercido. Com a geração, coleta e análise de dados em larga escala (o chamado *big data*), seria possível ter um conhecimento quase total do que ocorre no e por meio do online. E, a partir de algoritmos cada vez mais complexos, modular os fluxos digitais.

A ideia de governamentalidade algorítmica, como cunhada por Rouvroy e Berns (2015), é uma boa forma de se exemplificar como a modulação, quando entendida a partir desta leitura das sociedades de controle, poderia ocorrer por meio da coleta de dados e do funcionamento de algoritmos em meios online. Ainda que os autores não associem diretamente o fenômeno que descrevem neste artigo ao conceito de modulação de Deleuze, há alguns paralelos que são possíveis de ser traçados entre ambas as ideias. Em resumo, os autores assim definem:

Por governamentalidade algorítmica, nós designamos, a partir daí, globalmente um certo tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar,

por antecipação, os comportamentos possíveis. (ROUVROY; BERNIS, 2015, p. 42)

A modulação ocorre por meio da ação de algoritmos em conjunto com a coleta, o tratamento e a análise de grandes volumes de dados (*big data*). O conhecimento produzido pela ciência dos dados que orienta a ação dos sistemas decisórios baseados na utilização de algoritmos é pretensamente imanente aos dados e à realidade que eles representam. Nesse sentido, o desvio à norma não se constitui como problema, pois os *outliers* são integrados ao cálculo contínuo da norma e ao movimento de antecipar, determinando o curso dos devires. Rouvroy e Bernis apontam para isso ao comentar sobre os impactos da governamentalidade algorítmica nas perspectivas de emancipação: para os autores, os saberes gerados por meio do *big data* interfeririam na geração de novas relações, “religando-as” da forma como lhes for mais conveniente e excluindo, “precisamente, a possibilidade de uma realidade metaestável no seio da qual se inscreveria um devir” (ROUVROY; BERNIS, 2015, p. 52-53), pois não haveria mais disparação, diferenciação, condição essencial para que haja individuação. Nas palavras de ambos,

“O que define essencialmente um sistema metaestável é a existência de uma ‘disparação’, ao menos de duas ordens de grandeza, de duas escalas de realidade díspares, entre as quais não há ainda comunicação interativa”, escreve Deleuze (2002), leitor de Simondon. Ora, essa evitação da falha ou do desvio opera como negação desta “disparação”. A governamentalidade algorítmica apresenta uma forma de totalização, de encerramento do “real” estatístico sobre si mesmo, de redução da potência ao provável (...). Esse “impedimento da falha” da modelização digital dos possíveis – pela preempção dos possíveis ou pelo registro e inscrição automática de toda “irregularidade” nos processos de refinamento dos “modelos”, “padrões” ou perfis (no caso dos sistemas algorítmicos autodidatas) – retira do que poderia surgir do mundo em sua dissimetria relativa à realidade (aqui, o que lhe substitui é o corpo estatístico) sua potência de interrupção, de colocar em crise. (ROUVROY; BERNIS, 2015, p. 53)

Dessa forma, tudo já seria pré-determinado; o sistema apenas colocaria em curso a realidade definida por aqueles que detêm a tecnologia e, principalmente, o acesso aos dados gerados por ela bem como os meios de processamento e análise. Porém, a negação de toda disparação se confirma? Para que seja possível pensar se há algum tipo de movimentação espontânea, podemos investigar se outros tipos de dinâmicas coexistem online simultaneamente, se há outras forças em jogo. Ainda que algoritmos possam ter acesso a um grande volume de dados e condicionar comportamentos, até que ponto impediriam de fato qualquer transformação

indeterminada?

Antes de continuarmos, porém, é preciso fazer um pequeno delineamento do que, nesta pesquisa, são consideradas “movimentações espontâneas”, “transformações indeterminadas”. Não se tratam, apenas, de perspectivas emancipatórias - ainda que, frequentemente, as noções se sobreponham. Este trabalho se interessa pelo universo comunicacional da nova direita brasileira e, apesar de grupos do gênero clamarem sobre “liberdade”, não entendemos que a ascensão de discursos de ódio possa ser classificada como emancipatória, para mencionar apenas um exemplo. Investiga-se, por outro lado, se o crescimento de tais ideias poderia ser explicado *apenas* por modulação, por certa forma de atuação de algoritmos, ou se outros fatores e modos de funcionamento também estão presentes. No limite, o que se pesquisa é se há possibilidade de política online - ainda que sob outras formas. Se tudo puder ser definido *a priori* por quem detém a tecnologia (ou o dinheiro para pagar por ela), se o uso de redes sociais bombardeando propaganda extremista puder definir sempre o resultado de eleições, a política se restringe, na melhor das hipóteses, à divisão de uma “esfera pública digital” por diferentes grupos. Quem conseguir atingir mais usuários, leva. Deixa de haver diálogo, troca, construção: o futuro é apenas o resultado de um processo do tipo estímulo-resposta, teatro das determinações investidas em um software.

Por outro lado, partindo do princípio de que, no crescimento de tais movimentos de direita, há também algo de espontâneo, há construção conjunta ao longo do processo, é possível pensar em outras saídas. A esperança ao se considerar esse cenário como uma conjunção de fatores é poder imaginar que nem tudo pode ser previsto, pré-determinado pela estrutura técnica. Analisar a atuação online da nova direita brasileira também não é tomá-la como modelo a ser seguido, como se tais grupos fossem um exemplo de como “quebrar o sistema”, mas tentar entender que novos tipos de trocas e relações se dão nesses espaços. Se, nos últimos anos, grupos que divulgam ideias em grande parte extremistas tiveram ascensão significativa em ambientes digitais, pretende-se olhar para seus modos de atuação como pistas para novas dinâmicas que ocorreriam online - e, assim, também poder pensar em outras maneiras para diminuir diferentes abusos, para além de um olhar que considere apenas o funcionamento certo e automático de algoritmos.

Mas, antes de considerar outras dinâmicas que poderiam coexistir no digital,

voltemos à modulação. Yuk Hui (2015), em artigo que explora concepções deleuzianas e simondonianas para o termo, afirma que certa leitura da ideia de modulação presente no artigo sobre as sociedades de controle (DELEUZE, 1992) como uma espécie de poder universal e totalitário não seria a única possível - apenas, talvez, uma de suas variáveis dentro de um conceito filosófico mais amplo. O autor aponta, inclusive, que em outros momentos do percurso de Deleuze a modulação teria sido entendida como uma forma de resistência contra forças coercitivas, moldes rígidos, por sua flexibilidade, constante capacidade de adquirir novas moldagens em relação a diferentes forças - ou seja, posteriormente tida como símbolo do poder nas sociedades de controle, a modulação poderia ser entendida como a chave da resistência em um contexto das sociedades de disciplina.

Paralelamente, Hui destaca que o conceito teria sido uma espécie de resistência também contra uma determinada história da filosofia, centrada em Aristóteles e Kant, por questionar tanto a via hilemórfica de entendimento da existência quanto a substancialista. A partir da ideia de modulação, como formulada por Simondon, seria possível não mais focar o pensamento filosófico no ser completo, finalizado, mas no processo de tornar-se, no devir. Hui retoma o exemplo da fabricação de tijolos, mencionado algumas vezes por Simondon ao longo de seu trabalho, como um dos melhores símbolos para se entender a relevância da noção de modulação para ambos os franceses:

Considere a moldagem de um tijolo: nós intuitivamente podemos entender que é o resultado da aplicação de uma forma, concretizada como o molde, na matéria, nomeadamente a argila. Simondon contesta esta intuição hilemórfica, porém, e propõe entender este processo como operatório, significando que pode ser mais bem entendido como a comunicação de informação entre diferentes partes do molde, a areia, a umidade, e assim por diante, moduladas pelas mãos do artesão, e depois o processo de aquecimento no forno que produz o tijolo. Neste exemplo, podemos ver que o hilemorfismo é uma redução simples mas poderosa, enquanto a modulação deriva de uma ontologia diferente da matéria, a qual podemos chamar de filosofia da gênese, em oposição à filosofia do hilemorfismo. A filósofa Anne Sauvagnargues também vê isso como o fundamento do empirismo simondoniano e deleuziano: 'a análise da modulação consiste em substituir o confronto abstrato da matéria e da forma por uma nova análise da forma, entendida como variação intensiva de forças e materiais, como informação, que supõe que a existência de um sistema em equilíbrio metaestável possa ser individuada'. (HUI, 2015, p. 76-77, em tradução livre)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: Consider the moulding of a brick: we can intuitively understand that it

Assim, a modulação, a princípio, seria também uma forma de conceituar o processo de vir-a-ser, como uma espécie de correlação entre diferentes forças, elementos, circunstâncias. A proposta de Simondon, portanto, seria essencial para se entender a existência a partir da constituição de relações, e não apenas por meio de substâncias definidas por moldes rígidos. Hui destaca que, além de abrir caminho para uma nova metafísica, a modulação e a substituição da dualidade forma/matéria pela noção de informação permitiram pensar em novas formas de funcionamento, como as que se tornaram essenciais para a cibernética, e contribuíram para a formulação de conceitos e percepção de diferentes fenômenos sociais e políticos, que poderiam permanecer invisíveis se analisados apenas a partir de metodologias e ferramentas anteriores. Nas palavras de Hui,

Não é que Deleuze e Simondon tenham descoberto um novo modo de controle, mas que a metafísica que eles desenvolveram torna visível uma transformação social e política específica. Da mesma forma, essa interpretação metafísica não emerge meramente da história da própria filosofia; também é influenciada pela descoberta da mecânica quântica e sua aplicação na eletrônica. (...) A substituição do hilemorfismo baseado na modelagem por uma teoria da informação e intensidade baseada na modulação torna visível a realidade social e política de nosso tempo: o surgimento de novos padrões de regulação e governança que Deleuze finalmente nomeia com seu conceito das "sociedades de controle". (HUI, 2015, p. 83)<sup>15</sup>

---

is the result of applying a form, concretised as the mould, to matter, namely the clay. Simondon contests this hylomorphic intuition, however, and proposes to understand this process as operative, meaning that it is best understood as the communication of information between different parts of the mould, the sand, the moisture, and so on, modulated by the hands of the craftsman, and later the heating process in the oven that produces the brick. In this example, we can see that hylomorphism is a simple but powerful reduction, while modulation derives from a different ontology of matter, which we may call a philosophy of genesis, as opposed to the philosophy of hylomorphism. The philosopher Anne Sauvagnargues also sees this as the foundation of Simondonian and Deleuzian transcendental empiricism: 'the analysis of modulation consists in substituting the abstract confrontation of matter and form with a new analysis of form, understood as intensive variation of forces and materials, as information, that supposes that the existence of a system in metastable equilibrium can be individuated'.

<sup>15</sup> Original: It is not that Deleuze and Simondon have discovered a new mode of control, but rather that the metaphysics they have developed renders a particular social and political transformation visible. By the same token, this metaphysical interpretation does not merely emerge from the history of philosophy itself; it is also influenced by the discovery of quantum mechanics and its application in electronics. (...) The substitution of hylomorphism based on moulding with a theory of information and intensity based on modulation, renders visible a social and political reality of our time: the emergence of new patterns of regulation and governance which Deleuze ultimately names with his concept of "control societies".

### 1.2.2 *Transdução, modulação e organização: os três modos de amplificação*

Se as ideias de Simondon foram essenciais na construção de bases conceituais que sustentam a análise de diversas situações atuais, voltar à sua filosofia em momentos de contradição poderia iluminar outras possibilidades de caminho. Dessa forma, olharemos para algumas propostas do autor sobre modulação e, principalmente, para o sistema teórico em que ele as insere.

Simondon, como é de seu estilo, partia da explicação de fenômenos “técnicos” para falar de diferentes problemáticas da existência. No artigo “A amplificação nos processos de informação”<sup>16</sup>, o autor discorre sobre três modos de processos que colocariam em funcionamento um sistema metaestável - ou, em outras palavras, operações que provocariam transformações em sistemas abertos à mudança, ricos em potenciais (“quase-sistemas”). Tais modos de amplificação são: a modulação, a transdução e a organização.

Para o autor, nesta diferenciação a modulação seria, essencialmente, um processo em que uma fonte de energia terceira, “externa” a um sistema, o controla, “domesticando” as transformações que ocorrem nele. Nas palavras de Simondon,

A entrada age como um isolamento variável que se interpõe entre a fonte de energia e a carga; esse isolamento não acrescenta energia ao quase-sistema, tampouco a suprime; ele governa, controla o regime de mudança de estado de energia potencial, a cada instante, seja por escolha entre dois valores (tudo ou nada, regime pleno ou nulo, abertura ou fechamento do circuito reunindo a fonte de energia e a carga), seja por escolha entre uma infinidade de valores entre um máximo e um mínimo, entre a saturação e a interrupção. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 289)

Aqui, portanto, há alguns paralelos interessantes com a noção que, cerca de três décadas depois, foi desenvolvida por Deleuze sobre as sociedades de controle. A energia externa age sobre as possibilidades de transformação em um sistema, governando o que poderá se dar nele. Neste exemplo, a modulação se dá pelas diferentes cargas, ou forças, que o controlador aplica em um meio, aumentando ou diminuindo sua intensidade de acordo com os impactos que pretende promover. Para Simondon, a modulação é uma amplificação orientada para o passado, pois o novo é

---

<sup>16</sup> O artigo foi publicado apenas em 2010, mas trata-se do texto de uma conferência ministrada por Simondon em 1962. Nos anais do evento (LE CONCEPT D'INFORMATION DANS LA SCIENCE CONTEMPORAINE, 1965) foi incluído apenas o resumo da apresentação. Trabalho aqui com a versão traduzida para o português, publicada em 2020.

condicionado a partir da estrutura do antigo. Ela é “o ato crítico, redutor, no sentido próprio do termo; ela é o modelo do controle, da autoridade, no domínio social, assim como da operação destinada a evitar a variação fortuita, a detectar o erro” (SIMONDON, 2020a [2010], p. 298).

Pode ser que a noção de modulação fique um pouco abstrata no caso técnico, mas, quando Simondon a aplica a outros domínios, torna-se mais evidente. No social, por exemplo, ela poderia ser entendida como um conjunto de normas que norteia as ações individuais; não de forma a determinar completamente como tais ações poderiam se dar, mas “polarizando” os indivíduos em relação a uma escala de valores:

Um grupo social, e também um organismo, possuem uma unidade funcional, pois os diferentes subconjuntos que os constituem admitem uma polarização comum, variando para todos ao mesmo tempo quando ela sofre reajustes. A unidade do grupo social repousa sobre a homogeneidade de normas de ação; ora, as normas não são, na grande generalidade dos casos, sinais ou conteúdos que desencadeiam por si próprios uma ação determinada, em um momento determinado, como um programa; antes, as normas são uma escala de valores a qual constitui a polarização prévia de cada membro do grupo, tornando-o capaz de apreciar uma informação determinada, um esquema de conduta, como uma grandeza positiva ou negativa com relação a essa polarização inicial. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 293-294)

Dessa forma, em Simondon a modulação poderia ser entendida como uma espécie de grade polarizante, estrutura flexível, conjunto de forças que condiciona processos, os norteia, mas não os determina completamente - depende da forma como se estabelecerá a relação entre diferentes realidades. Hui, no artigo citado anteriormente, destaca que, ainda que a ideia simondoniana de modulação fale de controle, ela oferece um quadro conceitual mais amplo que uma noção totalmente equalizada com a prática de vigilância:

Esta exibição do conceito de modulação de Simondon acrescenta dois pontos à análise conceitual de Deleuze: primeiro, uma dimensão técnica que oferece uma compreensão diferente do "controle" de apenas o equacionar com a prática da vigilância; segundo, a relação de amplificação com modulação, que abre espaço para especulação. (HUI, 2015, p. 82)<sup>17</sup>

No entanto, o “modo mais elementar” de amplificação, segundo Simondon, é a transdução. Neste caso, em vez de ser controlada por uma fonte externa, a informação

---

<sup>17</sup> Original: This exposition of Simondon’s concept of modulation adds two points to Deleuze’s conceptual analysis: firstly a technical dimension that offers a different understanding of ‘control’ from merely equating it with the practice of surveillance; secondly the relation of amplification to modulation, which opens up space for speculation.

é amplificada um a um: uma transformação local, em uma molécula ou indivíduo, por exemplo, transmite algo aos elementos vizinhos, igualmente provocando uma mudança de seus estados e sendo passada adiante, e assim sucessivamente. A referência preferida de Simondon para exemplificar este processo é a formação de cristais: quando algo é introduzido (aleatoriamente ou intencionalmente; o objetivo importa menos que o modo) em uma solução supersaturada, uma pequena molécula se cristaliza. As moléculas imediatamente vizinhas, impactadas pelo ocorrido, também se cristalizam, e a informação vai sendo realizada por toda a solução:

Um tal processo de amplificação progride indefinidamente: cada camada do cristal já constituído serve de sinal para a solução supersaturada imediatamente vizinha, e a faz cristalizar: é gradualmente, no limite progressivo do cristal em vias de se “nutrir” na sua “água-mãe”, que a informação se transmite: a função entrada e a função saída se propagam, recrutando progressivamente toda a energia potencial da solução primitiva, até a estabilidade final. É essa transferência gradual, alimentada energeticamente pela mudança de estado no próprio local onde se produz a transformação, que se pode nomear *transdução*. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 286, grifo do autor)

A ideia de “contágio” é uma das que mais bem ilustram o funcionamento da transdução. Assim, em tempos de pandemia, é impossível deixar de falar da Covid-19 ao tratar deste modo de amplificação da informação. A transmissão um a um é a principal característica deste tipo de processo: o coronavírus, por exemplo, é passado pelo contato, pela proximidade entre os indivíduos, e vai se espalhando exponencialmente enquanto há possibilidade para tal<sup>18</sup>. Se os encontros entre pessoas são mantidos, a transmissão só é interrompida quando não há mais potencial para que ela ocorra – no caso, se a população estiver vacinada. A viralização tende ao infinito e se espalha com grande velocidade: por ser um processo de transmissão local, de um indivíduo ao outro, ele próprio é o gerador de seu combustível de movimento, não depende de uma fonte externa de energia para se espalhar (apenas para ser contido).

Uma tal concepção também poderia ser aplicada aos processos psicossociais, como a transmissão de boatos ou o desencadeamento de conflitos que se desdobram a partir de um momento específico; de forma geral, transformações que se propagam

---

<sup>18</sup> Em epidemiologia, funções exponenciais são ferramentas matemáticas utilizadas para prever o crescimento e o decréscimo na transmissão do vírus. Para este campo, tais funções não têm crescimento infinito, uma vez que o tamanho da população é um possível ponto de saturação. Porém, se contarmos com a possibilidade de reinfeção e de mutação do vírus, esse limite não se aplica.

em cadeia a partir de uma perturbação ou acontecimento pontual. A estrutura de transmissão é a mesma, seja qual for o tipo de existência: um evento impacta um ser, provocando nele uma mudança de equilíbrio, e esta perturbação é passada àqueles que estão imediatamente próximos, desencadeando processos em outros seres, e assim sucessivamente.

O modo de funcionamento da transdução é criação, construção a partir dos potenciais do próprio sistema, transmissão que progride indefinidamente enquanto ainda houver energia para tal. Diferentemente da modulação, que se norteia pelo passado, reforça um sistema já estruturado, a transdução é orientada para o futuro, é a ação capaz de gerar novas estruturas. Como difere Simondon,

A amplificação transdutiva é essencialmente positiva; ela não supõe nem isolamento, nem limite; ela é o modelo da operação positiva, que se alimenta dela mesma e se propaga pelo resultado instantâneo de seu próprio exercício: ela se afirma, porque causa perpetuamente sua própria capacidade de avançar; ela é autoposição, e não é autolimitada. Ao contrário, a modulação supõe isolamento entre seus órgãos fundamentais: fonte de energia, entrada e saída do modulador; ela não é uma propagação autocondicionada, mas uma operação localizada [*à poste fixe*], que só é possível por uma inibição da atividade espontânea possível: ela se inscreve negativamente na atualização de uma energia potencial, e diminui o rendimento da transformação possível. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 298)

A organização, o terceiro modo de amplificação da informação, é a equalização entre os dois processos anteriores. Enquanto a transdução é ação que cria estruturas e a modulação gere o sistema a partir do passado, a organização é o equilíbrio entre ambas. É, por exemplo, o processo de *feedback*, em que o novo modifica o antigo e o antigo condiciona o novo, simultaneamente. Como define o autor, “a série transdutiva de decisões é modulada por uma informação tomada sobre o conjunto do campo, que intervém, assim, como uma totalidade no percurso que o recobre e o transforma” (SIMONDON, 2020a [2010], p. 295).

A organização é a descoberta de um sistema de compatibilidade entre movimentos antagônicos, correlação funcional entre um processo transdutivo e um processo modulador, entre o “impulso instantâneo rumo ao futuro” e a “iteração fixa do passado sob forma de conservação” (SIMONDON, 2020a [2010], p. 299), entre a transmissão local feita “um a um” e uma estrutura polarizante “externa”. Seria, como aponta o autor, “a forma mais complexa de amplificação” (SIMONDON, 2020a [2010], p. 297), e leva à resolução de problemas de diversas ordens, em diferentes níveis de

existência (do físico ao coletivo, de objetos técnicos a sociedades complexas). É um modo de articulação entre processos, a princípio, incompatíveis.

### 1.2.3 Modulação e condicionamento da ação

Yuk Hui, ao analisar os três modos de amplificação da informação descritos por Simondon, propôs transpô-los para fenômenos sociais da seguinte maneira:

Simondon estava muito consciente do fato de que esses esquemas de amplificação poderiam ser transpostos para domínios sociais (ibid). Na busca por este último ponto, nós poderíamos ainda caracterizar esses três modos de amplificação, em termos de (1) efeito multidão - por exemplo, colaboração coletiva [*crowd sourcing*] ou financiamento coletivo [*crowd funding*] - caracterizado por velocidade transdutiva; (2) a repetição de padrões comportamentais, ou de unidades particulares de informação, que atuam como um *relé* para criar efeitos mais significativos (por exemplo, marketing); (3) a auto-regulação dos sistemas sociais, por exemplo, a *auto-regulação* dos bairros locais. (HUI, 2015, p. 82, grifos do autor)<sup>19</sup>

É interessante observar que, ao apresentar um referente social para a modulação, Hui fala em “repetição de padrões comportamentais” que poderiam ser usados como relé para efeitos mais significativos. Ao transpor esta ideia para o funcionamento do ciberespaço, poderíamos considerar que a modulação simondoniana seria uma chave de entendimento para a operação dos algoritmos em diferentes ambientes digitais, assim como também já foi apresentada a modulação deleuziana: uma “grade polarizante” que condiciona os caminhos que poderão ser trilhados online, levando a escolhas ou permanências que atendam aos interesses daqueles que colocam em prática as técnicas de modulação do comportamento. Ou ainda, como define Silveira (2018),

A modulação é um processo de controle da visualização de conteúdos, sejam discursos, imagens ou sons. As plataformas não criam discursos, mas possuem sistemas algorítmicos que distribuem os discursos criados por seus usuários, sejam corporações, sejam pessoas. Assim, os discursos são controlados e vistos, principalmente, por e para quem está dentro dos critérios que constituem as políticas de interação desses espaços virtuais. (SILVEIRA, 2018, p. 37-38)

---

<sup>19</sup> Original: Simondon was very conscious of the fact that these schemes of amplification could be transposed onto social domains (ibid). In pursuing this last point, we might further characterise these three modes of amplification, in terms of (1) crowd effect - e.g. crowd sourcing or crowd funding - characterized by transductive speed; (2) the repetition of behavioural patterns, or of particular units of information, which act as a *relay* to create more significant effects (e.g. marketing); (3) the self-regulation of social systems, for example the *self-regulation* of local neighbourhoods.

Em alguns momentos, a modulação digital pode soar como uma espécie de sinônimo para a manipulação. No entanto, Silveira (2018) nos lembra que ambos os conceitos possuem diferenças significativas. A noção de manipulação midiática é fruto principalmente de uma das primeiras propostas de entendimento de comunicação, que nasceu no início do século XX (mais precisamente, logo após a Primeira Guerra Mundial), e, posteriormente, veio a ser chamada de “teoria da bala mágica” ou “teoria da agulha hipodérmica” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993). Nesta chave, que buscava analisar os efeitos da comunicação de massa, entende-se que as mensagens veiculadas na mídia poderiam ser estruturadas de uma maneira tal que o público adotaria imediatamente determinadas opiniões, sem resistência ou questionamento.

Diversas críticas já foram elaboradas no último século a uma proposta de comunicação que entende a recepção como pura passividade, apenas respondendo a estímulos. No entanto, para além de questionar a validade de tais propostas, Silveira (2018) destaca que a manipulação ocorre fundamentalmente pelo discurso, a partir da criação de narrativas. Por sua vez, a modulação algorítmica tem, para este autor, a circulação como seu componente principal: as plataformas digitais não produzem conteúdo, mas distribuem-no. Assim,

Para engendrar o processo de modulação não é preciso criar um discurso, nem uma imagem ou uma fala, apenas é necessário encontrá-los e destiná-los a segmentos da rede ou a grupos específicos, conforme critérios de impacto e objetivos previamente definidos. (SILVEIRA, 2018, p. 38)

A gestão dos fluxos digitais, portanto, é o ponto central da modulação algorítmica. E as diferentes plataformas, ao moderar a distribuição de conteúdo, colocam-se também como intermediadoras de relações, buscando favorecer certos encontros em detrimento de outros. É preciso pontuar, porém, que ainda que a modulação algorítmica atue na administração dos fluxos e não na produção de narrativas, conteúdo e distribuição não são esferas que estão completamente separadas. Afinal, *o que* é dito em uma mensagem também impacta a maneira como se dará sua circulação em ambientes digitais, com reflexos nas decisões algorítmicas de para que usuários de uma plataforma será exibido um conteúdo, por exemplo. Ou, por outro lado, a estruturação de narrativas em uma comunicação de massa também é influenciada, de certa forma, pelo modo de distribuição (fala-se para um “todo”, e não para um “específico” – ainda que este “todo”, ou o que se entende por um

indivíduo “médio”, padrão, também possa ser alvo de uma série de questionamentos).

Além disso, vale observar que tanto a manipulação quanto a modulação algorítmica trabalham com, em alguma medida, uma espécie de concepção comportamentalista do humano. Há uma forte influência do behaviorismo na teoria da “bala mágica” ou da “agulha hipodérmica”, especialmente no entendimento da comunicação como um processo do tipo estímulo-resposta, em que a audiência seria completamente passiva (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993). Por sua vez, a modulação algorítmica opera a partir da coleta e processamento de dados de fluxos digitais. E, se o que os dados captam são um reflexo do que é feito online, é factível conhecer o usuário da Internet por meio de seu comportamento e pensar, portanto, em dinâmicas a partir dessa chave, como maneiras de interferir nas ações ou escolhas. Como apontam Bruno, Bentes e Faltay,

[A] atual dinâmica do capitalismo de dados, centrado no modelo de negócios das plataformas e aplicativos digitais, tem como um de seus pilares a extração de valor de dados provenientes de mecanismos automatizados de coleta e análise de nossas ações e comportamentos online. Sob a ordem de grandeza do *big data* e a velocidade da gestão algorítmica, os difusos processos de monitoramento digital estão cada vez mais atrelados a estratégias econômicas que visam prever e modificar o comportamento humano. (BRUNO; BENTES; FALTAY, 2019, p. 6)

A extração de valor de dados comportamentais e a possibilidade de prever e condicionar o comportamento humano em ambientes digitais foi apontada principalmente por Zuboff (2018, 2019) ao descrever a forma como o Google teria se apropriado de um “excedente” de rastros deixados por indivíduos ao realizar pesquisas na plataforma, principalmente metadados (local, data e hora da busca, por exemplo). A autora norte-americana chamou tal excesso de “mais-valia comportamental” (*behavioral surplus*) e destacou que, a partir de dados aparentemente inofensivos, colaterais, passou-se a, além de prover resultados de pesquisas mais acurados, bombardear o usuário do serviço com propagandas cada vez mais refinadas. Assim, seria possível não apenas prever o comportamento dos internautas, mas, em algum sentido, induzi-lo. Nas palavras da autora,

Google não exploraria mais os dados comportamentais estritamente para melhorar o serviço para os usuários, mas para ler as suas mentes com o propósito de combinar os anúncios com seus interesses, já que tais interesses são deduzidos dos traços colaterais do comportamento online. Com o acesso exclusivo do Google a dados comportamentais, agora seria possível conhecer o que um *determinado* indivíduo em um determinado momento e lugar estava pensando, sentindo e fazendo. O

fato de que isso não parece mais surpreendente para nós, ou talvez até digno de nota, é a evidência do profundo entorpecimento psíquico que nos fez acostumar com uma virada significativa e sem precedentes nos métodos capitalistas. (ZUBOFF, 2019, p. 79, grifos da autora, em tradução livre<sup>20</sup>)

É também digno de nota, porém, observar o pano de fundo de Zuboff, reconhecer o recorte específico em que se localiza o seu trabalho. Evangelista (2019), por exemplo, ao resenhar o *The Age of Surveillance Capitalism (2019)*, destacou as posições políticas, filosóficas e geográficas da autora, especialmente porque, neste caso, tais perspectivas norteiam fortemente as premissas, possibilidades e críticas presentes no livro. Entre a série de apontamentos que o autor faz, nesta pesquisa interessa-nos observar que Zuboff, durante seu percurso acadêmico, esteve próxima da ciência comportamental de B. F. Skinner, um dos fundadores do behaviorismo radical. Como Evangelista menciona,

As consequências dessas práticas que parecem chocar mais a autora - onde ela identifica um processo de desumanização dos indivíduos - estão em conexão com a ciência comportamental de B. F. Skinner, professor de Harvard e colega de Zuboff com quem ela relata ter conversado durante seu tempo de graduação. Skinner é uma figura importante na constituição de um ramo da psicologia que é dedicado a controlar o comportamento social. Nessa escola de pensamento, o ser humano é apenas um organismo como qualquer outro e é comparado a um animal. (...) Nesse behaviorismo radical, a ideia de liberdade e livre arbítrio é inversamente proporcional ao conhecimento. Quanto mais conhecimento se acumula sobre o meio em que vive o organismo e sobre as determinações que atuam no corpo, mais a impossibilidade de liberdade se revela e podemos reconhecer como é uma ilusão. (EVANGELISTA, 2019, p. 248, em tradução livre<sup>21</sup>)

Dessa forma, interessada, em alguma medida, por uma ciência que entende o

---

<sup>20</sup> Original: Google would no longer mine behavioral data strictly to improve service for users but rather to read users' minds for the purposes of matching ads to their interests, as those interests are deduced from the collateral traces of online behavior. With Google's unique access to behavioral data, it would now be possible to know what a *particular* individual in a particular time and place was thinking, feeling, and doing. That this no longer seems astonishing to us, or perhaps even worthy of note, is evidence of the profound psychic numbing that has inured us to a bold and unprecedented shift in capitalist methods.

<sup>21</sup> Original: The consequences of these practices that seem to shock the author the most—where she identifies a process of the dehumanization of individuals—are in connection with the behavioural science of B. F. Skinner, a Harvard professor and colleague of Zuboff's with whom she reports having had conversations with during her time as an undergraduate. Skinner is a leading figure in the constitution of a branch of psychology that is dedicated to controlling social behaviour. In that school of thought, the human being is just an organism like any other and is compared to an animal. (...) In this radical behaviourism, the idea of freedom and free will is inversely proportional to knowledge. The more knowledge that is accumulated about the environment in which the organism lives and about the determinations that operate on the body, the more the impossibility of freedom is revealed and we can recognize how it is an illusion.

humano a partir de uma chave de controle, de condicionamento do comportamento, não parece ser estranha a Zuboff a ideia de que é possível “ler mentes” por meio de dados sobre o que é feito online. A partir de uma perspectiva comportamental, a maneira de condicionar um indivíduo a fazer algo seria dando-lhe estímulos de forma a seguir por um ou outro caminho. Nessa chave, o elemento humano seria entendido em uma concepção muito mais passiva, apenas respondendo a influências do meio e sem possibilidade de liberdade.

Faltay, questionando a alardeada eficácia de procedimentos que pretendem acessar uma espécie de “núcleo essencial da personalidade” (FALTAY, 2019, p. 14) dos usuários de serviços digitais a partir da coleta, processamento e análise de dados, comenta alguns trabalhos que se voltam para a possibilidade de prever comportamentos em ambientes online e condicioná-los. Em especial, as pesquisas capitaneadas por Michal Kosinski, cujos estudos sobre a relação entre perfis psicométricos e comportamento digital embasaram os métodos da Cambridge Analytica. Tais trabalhos fizeram uma série de experimentos a partir do teste *MyPersonality*, que circulou no Facebook e permitia que usuários da plataforma pudessem conhecer a própria personalidade a partir da incidência de cinco características: a abertura, a realização, a extroversão, a socialização e o neuroticismo. Em troca, bastava apenas disponibilizar os dados do próprio perfil para o aplicativo. Kosinski e seus parceiros, assim, puderam cruzar estes dados sobre a personalidade com o que os usuários faziam online e, segundo argumentavam, “descobrir correlações aparentemente invisíveis entre o comportamento online e o caráter psicológico com grande precisão e eficácia” (FALTAY, 2019, p. 9).

É relevante observar que o uso de sistemas algorítmicos para conhecer e prever comportamentos a partir de dados de fluxos digitais em escala massiva assenta-se também em uma suposta objetividade e neutralidade que as máquinas teriam, distantes de processos “puramente” humanos e subjetivos de análise. Neste sentido, Faltay menciona que, nos trabalhos de Kosinski e seus colegas, é frequente a defesa de uma “predominância da alegada objetividade das análises algorítmicas em relação à interpretação humana, mesmo quando se está em jogo dimensões tão subjetivas como personalidade e sexualidade” (FALTAY, 2019, p. 10). A título de exemplo, de acordo com o autor, em um de tais trabalhos os pesquisadores alegam que, com 150 curtidas no Facebook, um conjunto de algoritmos seria capaz de

conhecer melhor a personalidade de alguém que um membro de sua própria família. Com 300, superaria o cônjuge.

Porém, como Faltay argumenta, além dos aspectos neopositivistas de produção de conhecimento sobre o sujeito presentes nas pesquisas de Kosinski, as alardeadas objetividade e neutralidade do uso da técnica esbarram em questões como os limites do banco de dados de que os algoritmos se alimentam, ou ainda a maneira como se dá o aprendizado das máquinas. Este tipo de sistema é, muitas vezes, construído com o objetivo de buscar correlações e padrões em um grande volume de dados e, assim, poder projetar tais padrões em funcionamentos futuros. No entanto, não é raro que reproduza vieses encontrados no material de que se alimenta, ou encontre conexões onde há apenas coincidências.

Ainda assim, o caso Cambridge Analytica segue no imaginário como o grande exemplo de um uso da técnica que, combinando conhecimentos sobre a personalidade dos usuários de redes sociais, seu comportamento em ambientes digitais e dados demográficos, seria capaz de condicionar escolhas políticas e definir os rumos da democracia. Como Faltay menciona,

Um dos aspectos contraditórios do caso Cambridge Analytica-Facebook foi que, apesar de trazer infortúnios graves às empresas – a Analytica foi fechada e Mark Zuckerberg e seu império enfrentam fortes reveses legais, financeiros e de credibilidade pública –, o imbróglio também serviu para intensificar a concepção de eficácia do uso de dados digitais para inferir, prever e conduzir o comportamento humano. (FALTAY, 2019, p. 11-12)

Em chave similar, Bruno, Bentes e Faltay (2019) também destacaram as várias controvérsias que envolvem uma ciência comportamental: os métodos que conhecem indivíduos e populações a partir de suas ações e intervêm no meio de forma a condicioná-las já são alvo de críticas há cerca de um século, em campos variados como psicologia, sociologia ou filosofia. Porém, os autores também apontam que “o fato de tais pesquisas e estratégias estarem sujeitas a muitas falhas e erros não minimiza as nossas inquietações. Os erros não significam, neste contexto, ausência de efeitos” (BRUNO; BENTES; FALTAY, 2019, p. 16).

Aqui, portanto, não buscamos minimizar os efeitos dos métodos que visam controlar o humano a partir da análise de dados de seu comportamento online, mas investigar também as possibilidades de movimento em ambientes digitais para além do que é condicionado. E, voltando às formas de amplificação da informação que

foram trabalhadas por Simondon, a transdução parece ser aquilo que escapa de forma mais evidente, uma amplificação orientada para o futuro. É possibilidade de ação indeterminada, a troca um a um que constrói o novo. Mesmo que, também a partir das concepções de Simondon, a organização busque uma forma de coexistência entre os dois funcionamentos aparentemente opostos, incorporando novas estruturas geradas pela transdução no mecanismo de modulação, esta divisão em três modos provoca alguns deslocamentos analíticos importantes em relação aos pressupostos das sociedades de controle.

Em Simondon, “a operação transdutiva é uma individuação em progresso” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 29). Portanto, se a individuação não pode ser definida *a priori*, se o encontro entre realidades diferentes é o que seria capaz de gerar uma terceira existência, a transdução não pode ser determinada. O autor também aponta que “a individuação é uma modulação” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 329). A modulação opera em uma chave de tentativa de controle, condicionamento de comportamento, repetição de estruturas prévias, mas ambas as formas de amplificação da informação, por estarem relacionadas a processos de individuação, ocorrem a partir de um encontro e dependem dos potenciais presentes em um sistema. Assim, a forma como se dará a resolução das tensões não pode ser completamente prevista.

Ainda que seja possível iniciar intencionalmente um processo de amplificação transdutiva, não haveria como fazê-lo já antevendo completamente as estruturas novas que serão construídas, a maneira como vai se desenrolar a reação em cadeia – e o mesmo ocorre para processos modulatórios e organizativos. Simondon cita um incêndio em uma floresta para exemplificar a transdução, uma vez que o fogo pode ser transmitido de árvore em árvore, expandindo-se por quilômetros: neste caso, é possível provocar o início do processo, mas a forma como o fogo vai se espalhar, em que direções vai correr, não são definidas no ato primeiro que o inicia. Paralelamente (e aplicando tais noções ao tema de interesse deste trabalho), ainda que mensagens políticas distribuídas online possam ser pensadas e estruturadas visando o compartilhamento em grande volume e velocidade, a ocorrência de um processo transdutivo não dependeria da intenção colocada no primeiro envio – a maneira como tais mensagens vão se espalhar, se de fato terão um comportamento de “viralização” em ritmo exponencial, não poderia ser completamente prevista. Uma vez que a

amplificação é feita um a um, é preciso que o receptor seja mobilizado para que ele envie a mensagem adiante; a significação, portanto, também deve ser incluída como parte relevante em uma equação que poderia representar o processo de distribuição de mensagens políticas em larga escala em redes sociais.

Dessa forma, ao pensarmos em propaganda política computacional a partir de tais noções de Simondon, é possível considerar os algoritmos para além de uma visão de todo-soberano, entendendo sua atuação como uma relação com o humano e com o meio. Em paralelo, torna-se possível incluir no sistema conceitual que a nova direita tenha crescido em ambientes digitais não apenas pela modulação ou por ação condicionada por um sistema, mas também por atuações espontâneas, por transmissão um a um de determinada mensagem. A transdução não é um modo de funcionamento exclusivo da propaganda deste tipo de grupo, e nem a única forma como pode ser entendida a sua amplificação; mas, uma vez que é frequente que suas mensagens sejam transmitidas em larga escala por um mecanismo transdutivo (e, frequentemente, já são construídas de forma a encorajar o compartilhamento um a um), olhar também para este processo de espalhamento pode ser essencial para a compreensão do fenômeno.

Nos estudos sobre dinâmicas que ocorrem em ambientes digitais, a metáfora biológica é uma constante. Portanto, não raro chama-se de “viralização” as mensagens que se propagam em larga escala e com velocidade impressionante e vão sendo transmitidas um a um, expandindo-se até os limites do possível. Neste ecossistema online, porém, há diversos fatores em jogo. Por mais que a transdução, a modulação e a organização tenham sido descritas como fenômenos separados, a simbiose entre elas é mais complexa que dizer que certo acontecimento é fruto apenas de um tipo de movimento. Mas, por um momento, daremos mais atenção para o aspecto transdutivo do processo de viralização de mensagens políticas e os mecanismos que podem estar por trás de seu funcionamento - assim como, durante a pandemia de Covid-19, acompanhar o processo de espalhamento do vírus um a um também tem se mostrado crucial.

#### *1.2.4 Transdução e viralização*

Em artigo recente que comenta a pandemia do novo coronavírus e seus

impactos na política, Hui (2020) critica alguns contornos racistas e xenófobos que as ações coletivas e individuais de contenção do vírus podem ter, como fechamento de fronteiras e perseguição a orientais ou a chineses, e caracteriza este momento como uma crise autoimune: um acontecimento interno a um sistema desencadeia uma crise em diversos níveis para tentar contê-lo e abre espaço para atitudes de exceção, de rechaço ao outro e de permanente conflito. A reação a algo inesperado parece corroer por dentro uma certa forma de globalização, de democracia e de outras construções coletivas humanas. Hui (2020) também afirma que “todas as formas de racismo são fundamentalmente imunológicas”; para o autor, surgem como resposta ao contato com um “outro”, são um “antígeno social, dado que claramente distingue o eu e o outro e reage contra qualquer instabilidade introduzida pelo outro” (HUI, 2020).

Poderíamos considerar que o racismo, a xenofobia, a ojeriza a tudo o que é “diferente”, além de possuírem narrativas de imunização, têm também um comportamento transdutivo, “viral”: um contágio que se espalha um a um, expandindo-se exponencialmente em um ambiente de medo, instabilidade, insegurança. A narrativa de imunização contra um agente supostamente externo (pois a estranheza também poderia ser produzida internamente), própria dos discursos de ódio, na prática, permite que outro vírus se espalhe livremente. Este, atravessa todos os tipos de fronteiras, transcende os diferentes espaços digitais e ganha as ruas, as Câmaras, as Assembleias, o Congresso, o Planalto.

Ao continuar sua argumentação sobre uma ideia de imunologia que sustentaria o racismo, Hui aponta que,

Aparentemente, atos imunológicos, que não podem simplesmente ser reduzidos a atos racistas, justificam um retorno às fronteiras - individuais, sociais e nacionais. Tanto na imunologia biológica, quanto na política, após décadas de debates sobre o paradigma eu-outro e sobre o paradigma organísmico, os Estados modernos retomam controles de fronteira como a forma mais simples e intuitiva de defesa, mesmo quando o inimigo não é visível. Na verdade, estamos apenas lutando contra a encarnação do inimigo. Aqui, estamos todos atados ao que Carl Schmitt denomina “político”, definido pela distinção entre amigo e inimigo - uma definição não facilmente negável e provavelmente fortificada durante uma pandemia. (HUI, 2020)

Em um paralelo com a viralização da propaganda política, poderíamos afirmar que, na esfera pública digital brasileira, também houve uma espécie de comportamento imunológico: aqueles que não concordavam com ideias associadas à extrema direita afastaram-se de seus simpatizantes. Por outro lado, os apoiadores de

tais visões de mundo fortaleceram-se, uniram-se, também fechando-se à compreensão do outro, entendendo-o como o vírus a ser combatido. Neste cenário, a polarização é uma constante, com grupos políticos afastando-se cada vez mais daqueles que consideram seus opostos. Ainda que tenha se tornado mais evidente durante as eleições de 2018, autores como Ortellado e Ribeiro (2018c) apontam que este processo teria começado a ganhar força significativa já em 2013, durante os protestos de junho daquele ano<sup>22</sup>.

No caso do vírus biológico, é necessário que haja um afastamento físico, de fato, para que ele possa ser contido - o que Hui faz, neste artigo, não é questionar o isolamento social como resposta ao coronavírus, mas debater os limites difusos entre proteção sanitária e racismo, preocupação em conter o espalhamento do vírus e xenofobia. O vírus político, porém, parece só ganhar mais força com um afastamento, pois um dos caminhos para a resposta imunológica a ele poderia ser justamente o contato com a pluralidade de existências, o entendimento do outro, a solidariedade coletiva. Ou, como Hui apontou entre as possibilidades de saída para o novo coronavírus, uma “solidariedade concreta”, de apoio mútuo e ações efetivas em prol do bem-estar coletivo, em oposição a uma abstrata, vulnerável ao cinismo:

Na medida em que a imaginação de uma co-imunidade - como um possível comunismo ou uma ajuda mútua entre nações - puder apenas ser uma solidariedade abstrata, ela é vulnerável ao cinismo, de forma similar ao caso da “humanidade”. (...) A solidariedade abstrata é atraente porque é abstrata: oposta à concreta, a abstrata não é fundada e não tem localidade. (...) A verdadeira co-imunidade não é uma solidariedade abstrata, mas antes, parte de uma solidariedade concreta cuja co-imunidade deve fundar a próxima onda de globalização (se é que haverá uma). (...) Podemos, pois, conceber uma solidariedade concreta que contorne o impasse de uma imunologia baseada em Estados-nação e em solidariedade abstrata? Podemos considerar a infoesfera como uma oportunidade que aponta para tal imunologia? (HUI, 2020)

Assim, seria possível pensar em uma possibilidade de resposta imunológica coletiva à viralização de propaganda que estimularia, entre outros, o discurso de ódio? Olhar apenas para o funcionamento de algoritmos seria tentar alcançar, pelo macro, situações que também têm dinâmicas específicas no micro. Em mais um paralelo com a pandemia, dizer que ela é o resultado (somente) da aglomeração de pessoas seria fechar os olhos para o funcionamento biofísico do vírus, de que forma se dá a

---

<sup>22</sup> Voltaremos à questão da polarização política no Brasil no próximo capítulo.

contaminação. No caso da Covid-19, é possível entender sua disseminação também como resultado de um sistema social e econômico, com suas particularidades próprias - afinal, estatísticas mostram<sup>23</sup> que a doença tem sido mais infecciosa entre a população de baixa renda, que não tem acesso às condições de realizar o distanciamento social (necessidade de trabalhar, moradia precária, entre diversos outros fatores) e aos mesmos hospitais que as classes mais altas. Mas, para que também seja possível compreender o funcionamento do vírus e desenvolver remédios e vacinas eficientes, é preciso que se saiba, entre outros, em que partes do corpo age o coronavírus, como se dá a resposta imunológica, que ligações biológicas e químicas são realizadas quando ele ingressa no indivíduo, para se citar algumas possibilidades que a comunidade científica e o jornalismo especializado têm discutido.

Em chave similar, para compreender o contágio da propaganda política, além do funcionamento de algoritmos e do sistema digital de forma mais ampla, defendemos que é preciso analisar também como se dá o contato com tais mensagens, que elementos ressoam com mais força entre o público, o que faz com que elas sejam compartilhadas em larga escala, entre outros. E, nesse sentido, voltar às definições de Simondon para informação pode iluminar algumas alternativas de caminho.

### 1.3 Informação e processos comunicacionais

Simondon propõe uma noção de informação que difere da forma como é tradicionalmente trabalhada em outras concepções de comunicação. Como exemplifica Laymert Garcia dos Santos (2003), no jornalismo ela seria entendida como “esse dado da realidade que, uma vez trabalhado pela linguagem humana, se torna o componente das mensagens capaz de estruturar a comunicação entre emissor e receptor, e manifestar a originalidade da troca simbólica que se estabelece” (SANTOS, 2003, p. 12). Porém, em Simondon, a informação tem caráter operatório: não é aquilo

---

<sup>23</sup> De acordo com o Projeto SoroEpi MSP, que monitora a infecção por coronavírus no município de São Paulo (SP), entre 15 e 24 de junho de 2020 os distritos com a metade mais pobre da população tiveram uma soroprevalência 2,5 vezes maior que a metade mais rica. Disponível em: <[https://0dea032c-2432-4690-b1e5-636d3cbeb2bf.filesusr.com/ugd/6b3408\\_08bbcd940e9e4b84a29a7e64fce02464.pdf](https://0dea032c-2432-4690-b1e5-636d3cbeb2bf.filesusr.com/ugd/6b3408_08bbcd940e9e4b84a29a7e64fce02464.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2020.

que contém um fato e o leva de um emissor ao receptor, mas a operação mesma que coloca ambos em contato e provoca uma transformação.

Para formular seu conceito de informação, Simondon inspira-se, ainda que de forma crítica, em uma proposta da cibernética: a tentativa de criar uma linguagem comum a todas as formas de existência. Assim, a partir de pressupostos de uma tal ciência, a informação é aquilo que conecta, está entre, medeia o vivo e o não vivo, o físico e o imaterial, o indivíduo e o coletivo. É o que permite a passagem entre uma existência e outra, coloca diferentes realidades em relação. Nas palavras do autor,

Seria preciso poder definir uma noção que seria válida para pensar a individuação tanto na natureza física quanto na natureza viva e, em seguida, para definir a diferenciação interna do vivente que prolonga sua individuação separando as funções vitais em fisiológicas e psíquicas. Ora, se retomarmos o paradigma da tomada de forma tecnológica, acharemos uma noção que parece poder passar de uma ordem de realidade a outra, em razão de seu caráter puramente operatório, não ligado a esta ou àquela matéria, e definindo-se apenas relativamente a um regime energético e estrutural: a noção de informação. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 328)

Na cibernética, o objetivo é “conceber um substrato comum à matéria inerte, ao ser vivo e ao objeto técnico” (SANTOS, 2003, p. 13). E um tal aspecto que poderia atravessar realidades tão diversas quanto o humano, o animal e a máquina estaria necessariamente no âmbito da comunicação, como uma espécie de tradução entre diferentes ordens de existência. Assim, como menciona Vicentin (2021, p. 185), na cibernética “a realidade é compreendida a partir de seu plano comunicacional. As mais variadas entidades podem ser vistas e descritas como um sistema comunicacional dotado de um dispositivo de entrada e outro de saída, bem como de um estado interno”. Dessa forma, a partir de noções como emissor, receptor e canal, entre outras, aliadas à ideia de informação, seria possível compreender as mais diversas dinâmicas da existência.

Tais propostas foram debatidas e desenvolvidas principalmente no âmbito das chamadas conferências Macy, uma série de debates ocorridos entre 1946 e 1953 em Nova York e que reunia teóricos de áreas as mais diversas, como matemática, engenharia de comunicações, engenharia de computação, neurofisiologia, filosofia, psicologia e ciências sociais (como apontam EVANGELISTA; KANASHIRO, 2013, ou VICENTIN, 2021). Neste meio, desenvolve-se um entendimento da comunicação que ficou conhecido como Teoria Matemática da Informação (TMI), defendida principalmente por Shannon e Weaver. Rodriguez (2012), por exemplo, menciona que

A celebridade da TMI advém em grande medida da postulação de um modelo de comunicação válido para qualquer sistema, natural ou artificial. Não é que Shannon e Weaver o tenham levantado dessa forma, mas foram outras disciplinas que adotaram o modelo. É algo bastante conhecido: um emissor de um lado e um receptor do outro, uma mensagem no meio e, em torno dela, o código e o canal. (...) [Os] sistemas biológicos, artificiais e sociais foram rapidamente entendidos como sistemas de comunicação e, como tal, puderam ser analisados como sistemas de processamento de informações (RODRIGUEZ, 2012, p. 35, em tradução livre<sup>24</sup>)

Norbert Wiener, o “pai” da cibernética e um dos responsáveis pelas bases filosóficas da TMI, investigava a comunicação enquanto comandos de controle, buscando uma forma que pudesse valer tanto para humanos quanto para máquinas. Para este autor, a informação seria essencialmente destinada a provocar respostas, ajuste às contingências do meio. No livro que veio a se tornar uma das referências nos estudos da área, Wiener assim afirma:

Informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. O processo de receber e utilizar informação é o processo de nosso ajuste às contingências do meio ambiente e de nosso efetivo viver nesse meio ambiente. (...) Dessarte, comunicação e controle fazem parte da essência da vida interior do homem, mesmo que pertençam à sua vida em sociedade. (WIENER, 1984 [1954], p. 17-18)

Evangelista e Kanashiro (2013) destacam que o trabalho de Wiener vai além: não apenas propõe um entendimento da realidade baseado em formas específicas de comunicação, mas, para isso, é preciso também postular um outro modelo do que seria o humano. Em vez de definido por seu interior, ou seu “inconsciente” (vale lembrar que os estudos de Freud sobre psicanálise haviam sido divulgados alguns anos antes), Wiener propõe um humano que se define pela exterioridade. De acordo com os autores,

Quanto ao homem, suas características definidoras são três: sua existência dada por ser um ser social, feito de comunicação; sua transparência, ausência de interior; e a apologia da racionalidade, a valorização de processos mentais – em especial os baseados no cálculo – em detrimento da existência corporal. O homem wieneriano não se define pela sua humanidade, mas por ser um ser social e é a

---

<sup>24</sup> Original: [L]a celebridad de la TMI proviene en gran medida de la postulación de un modelo de la comunicación válido para cualquier sistema, natural o artificial. No es que Shannon y Weaver lo hayan planteado así, sino que fueron otras disciplinas las que adoptaron el modelo. Es algo bastante conocido: un emisor de un lado y un receptor del otro, un mensaje en el medio y, rodeándolo, el código y el canal. (...) [L]os sistemas biológicos, artificiales y sociales fueron comprendidos rápidamente como sistemas de comunicación y, como tal, pudieron ser analizados como sistemas de procesamiento de información.

sua capacidade de se comunicar que assim o define. (EVANGELISTA; KANASHIRO, 2013, p. 61)

Nesta chave, portanto, a comunicação é central na compreensão da realidade, mas é concebida em termos de condicionamento. É relevante apontar que tal visão convive em harmonia com a tradição de pesquisas no âmbito da ciência comportamental, citada anteriormente: se o humano é entendido a partir de suas ações, é possível pensar em condicionar o outro para seguir determinado caminho. Para Wiener, a comunicação poderia ser resumida enquanto ordens, comandos. Segundo o autor, por exemplo, “tanto quanto alcança minha consciência, estou ciente da ordem emitida e do sinal de aquiescência recebido de volta” (WIENER, 1984 [1954], p. 16). Não à toa, portanto, há uma série de inquietações atualmente sobre as capacidades dos algoritmos de condicionar comportamentos: afinal, as bases da cibernética fundamentam-se em uma dinâmica de controle e partem de uma epistemologia que entende o humano e as máquinas principalmente a partir de suas ações, de forma a encontrar a melhor maneira de provocar dinâmicas em um ou outro caminho.

Assim, ainda que a TMI tenha postulado um sistema que categorizava a realidade a partir das noções de emissor, receptor, mensagem, código e canal, nas origens da cibernética a primazia do processo estaria no emissor: é ele que determinaria os caminhos da comunicação, buscando a forma mais efetiva de condicionar o receptor. Pereira (2020), ao propor um paralelo entre a TMI e as formulações de Simondon, menciona os trabalhos de Shannon e Weaver, e assim descreve as propostas dos dois:

Já nas primeiras linhas de sua nota introdutória para a teoria matemática da comunicação de Claude E. Shannon, Warren Weaver esclarece que a comunicação, segundo tal abordagem, inclui “todos os procedimentos pelos quais uma mente [ou mecanismo] pode afetar outra[o]” (SHANNON; WEAVER, 1964, p. 3, trad. nossa). Embora a comunicação aí se estabeleça como capacidade de transformação, assumindo inclusive o interesse de influenciar condutas, a explanação que se segue não contempla o afeto ou a mudança. Erigida em torno de intenções de comando, essa teoria da comunicação só cede à mente afetada a chance de, no melhor dos casos, espelhar uma engenharia complexa cujo estudo pertence inteiramente ao âmbito da mente que afeta. (PEREIRA, 2020, p. 142)

Pereira critica as propostas da teoria matemática para entender o processo comunicacional como comandos a serem repetidos, sem resistência ou modificação.

E afirma que, por esta concepção,

Pode-se sentir aí um desejo de desmaterialização que, pelo acesso direto ao outro, gostaria de liberar a comunicação de toda mediação, o que, bem entendido, encaminha o apagamento do outro: se reservo ao outro não mais do que a função de repetir o que envio, a comunicação se torna palavra de ordem, e a alteridade, um incômodo. (PEREIRA, 2020, p. 143)

A proposta comunicacional postulada por Shannon, que buscava pensar principalmente qual seria a maneira mais eficiente de transmitir uma mensagem por um canal, possuía um conceito formal estrito que “permitia evitar questões ligadas à semântica, ou seja, ao significado que a mensagem adquire para o receptor” (VICENTIN, 2021). Tal aspecto, ainda à época das conferências Macy, foi alvo de críticas por outros participantes dos debates, especialmente Donald MacKay. Em um modelo alternativo ao de Shannon-Weaver, o físico dava ênfase ao receptor, associando informação a significação e apontando que, no processo de recepção, a interpretação permitiria adicionar novas camadas à mensagem enviada. Hayles (1994), ao analisar a transcrição dos debates realizados durante as conferências Macy, menciona esta tensão, apontando que MacKay argumentava em prol de

uma conexão estreita entre informação e significado. Na retórica das conferências, "objetivo" era associado a ser "científico", enquanto "subjetivo" era uma palavra de código que indicava que alguém havia caído em um pântano de sentimentos inquantificáveis que poderiam ser magníficos, mas com certeza não eram ciência. (...) MacKay defendeu outro tipo de informação que chamou de "estrutural": a informação estrutural tem a capacidade de "aumentar o número de dimensões no espaço de informação" agindo como uma metacomunicação. (HAYLES, 1994, p. 448-449, em tradução livre<sup>25</sup>)

De acordo com a autora, durante as conferências Macy formaram-se dois grandes grupos, duas “constelações”, em constante tensão entre si. O primeiro centrava-se na ideia de homeostase (a capacidade de um organismo de manter-se estável) e era “profundamente conservador, privilegiando a constância sobre a mudança, a previsibilidade sobre a complexidade, o equilíbrio sobre a evolução”

---

<sup>25</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: Donald MacKay took the opposite view, using his privileges as a guest lecturer at the Macy conferences to argue for a close connection between information and meaning. In the rhetoric of the conferences, "objective" was associated with being "scientific," whereas "subjective" was a code word implying that one had fallen into a morass of unquantifiable feelings that might be magnificent but were certainly not science. (...) MacKay argued for another kind of information that he called "structural": structural information has the capacity to "increase the number of dimensions in the information space" by acting as a metacommunication.

(HAYLES, 1994, p. 446<sup>26</sup>). Por esta perspectiva, na qual Wiener era um dos principais nomes, “a autoconservação torna-se o objetivo final de um sistema, reduzindo ao máximo o aumento da entropia” (VICENTIN, 2021, p. 186). O segundo grupo, por sua vez, defendia os valores opostos, preferindo olhar com mais atenção para a transformação e buscando entender o sistema a partir de um funcionamento mais complexo. Neste outro lado, o principal norte era a ideia de reflexividade, que, nas palavras de Hayles, “pode ser definida como virar as regras de um sistema contra si mesmo de modo a fazer com que ele se envolva em um comportamento mais complexo” (HAYLES, 1994, p. 446<sup>27</sup>). E, não à toa, ambas as perspectivas eram também, em algum sentido, reflexo de sua época:

Em termos sociais mais amplos, a homeostase refletia o desejo de um "retorno à normalidade" após o turbilhão da Segunda Guerra Mundial. Em contraste, a reflexividade apontava para o horizonte aberto de um mundo pós-moderno imprevisível e cada vez mais complexo. (HAYLES, 1994, p. 446<sup>28</sup>)

Hayles aponta que a proposta centrada na reflexividade, à época mais amorfa que a da homeostase, terminou entrando em colapso enquanto modelo viável. Por outro lado, o grupo opositor também não se manteve isolado, e uma nova fase da cibernética, com elementos de ambos os predecessores, nasceria a partir daí. No entanto, ideias como controle, condicionamento e *feedback* até hoje marcam profundamente os campos do conhecimento que se originam de noções estabelecidas nas décadas de 1940 e 1950.

Simondon, por sua vez, ainda que parta de concepções da cibernética, propõe uma definição significativamente diferente daquela concebida pela TMI, afirmando que informação não seria “algo”, mas um “processo”: não uma estrutura pronta e acabada que vai realizar determinado objetivo, mas a operação de incidência em um sistema que resulta em transformações também a partir dos potenciais contidos ali. O artigo do filósofo francês sobre a amplificação da informação foi o texto de uma conferência realizada em um colóquio em 1962 em que ele dialogava com, entre outros nomes, Wiener e MacKay (LE CONCEPT D'INFORMATION DANS LA SCIENCE

---

<sup>26</sup> Original: One of these was deeply conservative, privileging constancy over change, predictability over complexity, equilibrium over evolution.

<sup>27</sup> Original: The central concept embedded in it was reflexivity, which for our purposes can be defined as turning a system's rules back on itself so as to cause it to engage in more complex behavior.

<sup>28</sup> Original: In broader social terms, homeostasis reflected the desire for a "return to normalcy" after the maelstrom of World War II. By contrast, reflexivity pointed toward the open horizon of an unpredictable and increasingly complex postmodern world.

CONTEMPORAINE, 1965). E, não à toa, Simondon assim inicia sua fala:

*Ser ou não ser informação* não depende somente de características internas de uma estrutura; a informação não é uma coisa, mas a operação de uma coisa ingressando num sistema, e nele produzindo uma transformação. A informação não pode ser definida fora desse ato de incidência transformadora e da operação de recepção. Não é o emissor que faz de uma estrutura uma informação, pois uma estrutura pode se comportar como informação com relação a um receptor dado, sem ter sido composta por um emissor individualizado e organizado (...). Em contraposição, os sinais emitidos por um emissor resultam apenas na degradação de sua energia portadora, se eles não encontrarem um ou mais receptores nos quais eles desempenhem um papel eficaz, determinando as mudanças de estado que não poderiam ocorrer sem a incidência dos sinais: a realidade *local*, o receptor, é *modificado em seu devir* pela realidade *incidente*, e é essa modificação da realidade local pela realidade incidente que é a função da informação. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 283-284, grifos do autor)

Dessa forma, para Simondon, a informação não poderia ser definida fora da operação de recepção: só é informação um processo que efetivamente provocar mudanças no receptor, que criar novas estruturas. E, aplicando tais ideias ao tema de estudo desta pesquisa, busca-se entender o processo comunicacional digital a partir deste encontro entre a mensagem e os potenciais presentes naquele que a recebe, criando novas realidades, e não por meio de uma chave em que o resultado do processo poderia ser definido apenas pela intenção daquele que a envia.

Além disso, se uma operação informacional é definida pela transformação no receptor, a efetividade da propaganda política computacional não é determinada pela dualidade real/falso; não é necessário, assim, um lastro de verdade, ou uma espécie de ancoragem institucional para que a comunicação aconteça. Se um boato efetivamente provocar alterações em um sistema, ele é tão gerador de um processo informacional quanto um anúncio formal:

No caso do fenômeno psicossocial, o ato de incidência constitui a entrada pelo próprio fato de a amplificação transdutiva ser efetivamente desencadeada, e não por um privilégio institucional: o boato pode ser mais eficaz do que o anúncio, mesmo que o anúncio se beneficie de importantes meios de transmissão hertziana ou da imprensa de grande tiragem. (SIMONDON, 2020a [2010], p. 288)

No processo informacional, essa transformação depende também da relação que será criada com a realidade local, não é determinada apenas pela realidade incidente. Assim, na visão de comunicação simondoniana, é preciso pensar em relações, em como algo é recebido e significado em um sistema específico, e não apenas em intenções.

Traçando mais uma vez o paralelo com a pandemia, a Covid-19 também pode ser entendida como o resultado de uma relação entre o coronavírus e o corpo que o recebe, um encontro de singularidades. Por um lado, o “vírus” não é sempre o mesmo: há estudos que apontam que tem sofrido mutações<sup>29</sup> em diferentes regiões do planeta e que a carga viral<sup>30</sup> com que uma pessoa entra em contato impacta na gravidade dos sintomas. Por outro, a doença também varia muito a depender da pessoa que o recebe. Uma vez que cada indivíduo é uma combinação única de fatores, com diferentes características (sistema imunológico, condições gerais de saúde, idade, presença de outras doenças, etc), a maneira como a realidade incidente vai se relacionar com a realidade local não pode ser completamente prevista. No coronavírus, a imprevisibilidade torna-se mais evidente com os casos de pessoas consideradas do grupo de risco que não chegaram a apresentar sintomas e de indivíduos jovens sem complicadores *a priori* que desenvolveram versões graves da Covid-19. A forma como o vírus vai se comportar, como vai se dar o processo informacional, depende também dos potenciais presentes no sistema em que ele vai ingressar.

Para Pereira (2020), Simondon teria dado ao receptor o protagonismo da comunicação, pois sua transformação é a exigência para que haja um processo informacional. No entanto, entendemos que a contribuição de Simondon à questão não seria dar um privilégio ontológico a um ou outro lado, mas colocá-los em pé de igualdade: o receptor e o emissor passam a ter a mesma relevância no processo. Se um dos pilares da filosofia simondoniana é a mediação entre realidades diferentes, uma vez que considera “toda verdadeira relação como tendo posto de ser” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 22), a comunicação não é definida no momento da emissão, pela intenção de uma mensagem ou estímulo específicos, nem pela operação de recepção apenas, mas pela mediação entre ambas. Ao voltarmos à tese de 1958, observamos uma definição de informação que reforça esta ideia:

Uma informação nunca é relativa a uma realidade única e homogênea, mas a duas ordens em estado de *disparação*: a informação, seja no nível da unidade tropística, seja no nível do transindividual, nunca é depositada numa forma que pode ser dada; ela é tensão entre dois reais díspares, é a *significação que surgirá quando uma operação de individuação descobrir a dimensão segundo a qual dois reais díspares*

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/05/06/coronavirus-as-mutacoes-do-sars-cov-2-que-intrigam-cientistas.htm>>. Acesso em: 26 set. 2020.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/09/risco-de-morrer-por-covid-aumenta-quando-a-quantidade-de-virus-e-maior-no-organismo-apontam-estudos.ghtml>>. Acesso em: 26 set. 2020.

*podem devir sistema; portanto, a informação é um encetante de individuação, uma exigência de individuação, jamais uma coisa dada; não há unidade e identidade da informação, pois a informação não é um termo; ela supõe tensão de um sistema de ser; só pode ser inerente a uma problemática; a informação é aquilo pelo qual a incompatibilidade do sistema não resolvido devém dimensão organizadora na resolução* (SIMONDON, 2020b [1958], p. 26-27, grifos do autor)

Assim, informação não pode ser definida como tal *a priori*, apenas no processo em que algo é recebido e gera transformações, significações. A comunicação na visão de Simondon, portanto, não seria apenas um estímulo que provocaria respostas previsíveis, mas a relação entre este estímulo (ou mensagem, ou sinal... aquilo que ingressa, de forma geral) e o sistema em que ele é recebido: a significação a partir da mediação.

Como formulado por Gregory Bateson (apud SANTOS, 2003, p. 13), informação é “uma diferença que faz a diferença”. Assim, é preciso que uma diferença afete o sistema, haja uma relação de disparação entre duas realidades, para que uma transformação ocorra. No entanto, só é possível haver informação se aquilo que ingressa em um sistema puder ser incorporado, se houver significação em relação a formas prévias - ou seja, em alguma escala, também repetição, compatibilidade, ressonância interna:

Para que os sinais ganhem um sentido num sistema, é preciso que não aportem algo de inteiramente novo; um conjunto de sinais só é significativo sobre um fundo que quase coincida com ele; se os sinais recobrem exatamente a realidade local, não são mais informação, mas apenas iteração exterior de uma realidade interior; se diferem dessa realidade em demasia, não são mais apreendidos como tendo um sentido, não são mais significativos, não sendo integráveis. Os sinais devem encontrar, para serem recebidos, *formas prévias* relativamente às quais eles são *significativos*; a significação é relacional. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 333, grifos do autor)

O processo informacional é, portanto, uma composição entre diferença e compatibilidade: se há apenas diferença, não é possível que haja significação, pois não há formas prévias com as quais seria possível haver relação; se é totalmente compatível, o sinal apenas se sobrepõe ao sistema, não desencadeia uma transformação.

A partir da estrutura conceitual que estamos tentando definir com as leituras de Simondon, é possível dizer que a propaganda da nova direita teve alcance significativo não apenas por atuação de robôs, mas também porque havia uma relação de ressonância entre ela e aqueles que as receberam. Para que haja um processo

informativa, é preciso que a mensagem encontre um solo fértil; sem as condições necessárias, uma semente não germina. O bombardeamento em massa de propaganda por meio de *bots* não necessariamente provoca adesão a um ou outro discurso político; é preciso que algo preexistente seja afetado. Dessa forma, uma estrutura de distribuição ampla pode não ser suficiente para que a engrenagem entre em funcionamento.

Paralelamente, é possível dizer que, se a operação informativa envolve necessariamente algo de compatibilidade e algo de diferença, por mais que uma mensagem possa se utilizar de táticas consolidadas de convencimento ou tente reforçar crenças prévias, a repetição nunca é total: há uma margem de indeterminabilidade que se faz presente quando uma relação comunicacional é estabelecida, e que pode contribuir para uma significação imprevista, um compartilhamento fora da curva ou outros desvios não cogitados no ato da criação ou do envio.

Na propaganda política observada em redes sociais nos últimos anos, o espalhamento em cadeia é a chave do que pode ser considerada uma mensagem “de sucesso”: ao conseguir motivar seu público a passá-la adiante, ela cumpre o seu papel. O reenvio é a constatação maior de que a comunicação se estabeleceu: o receptor foi, de alguma forma, afetado por algo no conteúdo do que recebeu, e o retransmite, em uma amplificação fundamentalmente transdutiva. Assim, mais que analisar como uma mensagem foi construída, por que aquilo que a compõe está ali, parece-nos relevante olhar para os elementos que podem ter agido como disparadores do processo, o que naquela mensagem pode ter “enganchado” no receptor e deu “certo”, movimentado algo pré-existente. Além disso, buscaremos observar também os momentos em que a imprevisibilidade se manifestou de forma mais evidente, apontando possíveis brechas na maneira como se constituíram as relações comunicacionais.

Em mensagens políticas online, é frequente observar que *fake news* e discursos extremistas são algumas das modalidades que mais viralizam, movimentando grande número de usuários da Internet. O que, porém, seria o seu combustível? Como se dá esse processo informativo, que potenciais no sistema do receptor podem ser movimentados de forma que o processo se mantenha em contínua expansão? É para estas questões que se pretende olhar a seguir.

## CAPÍTULO 2

### Relação, redes e afeto: construções de coletivo

Um trabalho que busca analisar a propaganda política computacional e que, em grande parte, se norteia por Simondon pode parecer, sob algum ângulo, um pouco fora de lugar. A escolha deste autor pelo lado “técnico” da questão, de certa forma, é bastante clara - ainda que, para o filósofo, a tecnologia não possa ser pensada como uma entidade fechada em si mesma (há sempre algo também de humano e do meio). Conhecido principalmente por sua filosofia da técnica, Simondon traz noções interessantes para se pensar a relação humano-máquina e a amplificação da informação, como se buscou demonstrar no capítulo anterior. Além disso, especialmente no que é o interesse desta pesquisa, o sistema teórico que o autor constrói permite que coexistam diferentes modos de funcionamento e forças motrizes, técnicos e humanos, fazendo com que questões a princípio paradoxais observadas em ambientes online possam conviver também analiticamente.

Porém, e a política? Como incluir aspectos políticos nos modos de funcionamento descritos pelo filósofo? Em um primeiro olhar, Simondon poderia não ser o autor mais indicado para abordar este tipo de questão, uma vez que não parece comentar sobre possibilidades políticas em seu trabalho, sejam estas no âmbito da tomada de decisão, da estrutura, do discurso ou da ação. No entanto, assim como ocorre em outros momentos de sua filosofia, a riqueza maior deste filósofo não estaria (apenas) no objeto analisado, mas em sua proposta de análise: como destaca Combes (1999), Simondon desenvolve uma “teoria das operações” que permite pensar realidades a partir de seu funcionamento e da noção de construção contínua, de processo; portanto, poderia aplicar-se a diferentes modos de existência.

Andrea Bardin (2019), por sua vez, em artigo que discorre sobre as possibilidades políticas apresentadas pelo trabalho de Simondon, destaca este incômodo com uma filosofia que, a princípio, não teria nada de político. O autor, porém, aponta que justamente onde parece haver ausência há uma presença que se espalha por todos os lados, uma vez que está já na fundamentação de todo o sistema filosófico:

Que seja muito difícil e talvez impossível de encontrar tomadas de posições políticas explícitas nos escritos de Simondon, é bem isso o que permite explicar o debate sobre a significação política de sua

filosofia da individuação e de sua filosofia da técnica, desenvolvidas respectivamente em *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (ILFI) e *Do modo de existência dos objetos técnicos* (MEOT) (...) As duas obras-primas de Simondon são habitadas por dois projetos acoplados: de um lado, o de uma unificação epistemológica das ciências humanas e, de outro, um projeto político-educacional ancorado em sua filosofia da técnica. O solo onde estes dois projetos se enraizam é o de uma crítica do dualismo metafísico, que se prolonga a uma oposição ao substancialismo ontológico e ao determinismo que caracterizam a mecânica moderna. É neste quadro que os conceitos de informação e de tecnicidade permitem a Simondon desenvolver uma ontologia não determinista, uma epistemologia não dedutiva e uma teoria política de invenção coletiva. (BARDIN, 2019, em tradução livre)<sup>31</sup>

A possibilidade de quebra tanto com o hilemorfismo quanto com o substancialismo, portanto, não é mero detalhe para a construção do sistema filosófico simondoniano. A partir de sua concepção de individuação, é possível sair de um determinismo ontológico e desfazer “a maior parte dos acoplamentos conceituais (forma/matéria, ativo/passivo, sujeito/objeto) sobre os quais falsas alternativas (...) se apoiaram durante séculos”<sup>32</sup> (BARDIN, 2019), podendo olhar para os processos contínuos de construção a partir de relações entre diferentes realidades.

A relevância de uma espécie de “terceira via” filosófica proposta por Simondon na metafísica já foi apresentada no capítulo anterior; porém, mais especificamente, o que tal noção poderia contribuir para a ideia de política neste trabalho? Ou, em outras palavras, o que significaria pensar a política a partir de noções de processo e de relação, basilares para o que Simondon apresenta como individuação?

Se a existência de qualquer realidade, seja ela física, biológica, psíquica ou coletiva, é concebida como um processo não determinado e formado a partir de relações, uma mediação entre existências a princípio disparatadas, também assim

---

<sup>31</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: Qu'il soit très difficile et peut-être impossible de trouver des prises de position politiques explicites dans les écrits de Simondon, c'est bien là ce qui permet d'expliquer le débat concernant la signification politique de sa philosophie de l'individuation et de sa philosophie de la technique, développées respectivement dans *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (ILFI) et *Du mode d'existence des objets techniques* (MEOT) (...) Les deux chefs-d'oeuvre de Simondon sont habités par deux projets couplés: d'un côté celui d'une unification épistémologique des sciences humaines, de l'autre, un projet politico-pédagogique ancré dans sa philosophie de la technique. Le sol où ces deux projets s'enracinent est celui d'une critique du dualisme métaphysique, qui se prolonge dans une opposition au substantialisme ontologique et au déterminisme caractérisant la mécanique moderne. C'est dans un tel cadre que les concepts d'information et de technicité permettent à Simondon de développer une ontologie non déterministe, une épistémologie non déductive, et une théorie politique de l'invention collective.

<sup>32</sup> Original: La philosophie de l'individuation de Simondon joue un rôle de démystification, car elle défait la plupart des couplages conceptuels (forme/matière, actif/passif, sujet/objet) sur lesquels de fausses alternatives (...) se sont appuyées des siècles durant.

podemos entender a política. Ou seja, como um campo em construção contínua e cujos acontecimentos não podem ser definidos *a priori*, pois dependem de um encontro; um processo que está sempre em curso e que só pode ser construído coletivamente. Em chave similar, Bardin destaca que o sistema filosófico de Simondon

permite conceber a política como um campo onde os problemas coletivos emergem e onde podem encontrar soluções, e não como um problema que deve ser resolvido a partir de uma suposta natureza humana: a política aqui é um processo aberto à experimentação. (BARDIN, 2019)<sup>33</sup>

Assim, em Simondon a política poderia ser também espaço de criação e construção conjunta, ao não ser entendida apenas por meio de uma oposição entre indivíduo e grupo - ou pela determinação do devir de um dos lados da relação a partir do outro. Para este filósofo, sujeito e coletivo nascem juntos, reciprocamente, no que chama de individuação psíquico-coletiva, fundamento do transindividual:

O ser psíquico, isto é, o ser que cumpre o mais completamente possível as funções de individuação, não limitando a individuação àquela primeira etapa do vital, resolve a disparação de sua problemática interna na medida em que participa da individuação do coletivo. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 243)

Como Bardin (2019) também destaca, a proposta de Simondon permite uma teoria da ontogênese dos sistemas sociais “desprovida de toda dialética entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo é visto como parte de um conjunto sistemático de relações que o atravessam e o constituem” (BARDIN, 2019)<sup>34</sup>. Dessa forma, é possível conceber a política para além de uma oposição ou determinação, mas em permanente construção.

No artigo de 2019, Bardin escreve em francês. Em trabalho de 2015, porém, em inglês, o autor faz uma diferenciação entre *the political* e *politics* que pode ser interessante de ser observada. Ambas as palavras poderiam ser traduzidas por “política” em português (ou *politique* em francês); para marcar a diferença, por um momento chamaremos *political* de político e *politics* de política. Ao comparar escritos de Simondon sobre o transindividual no “A Individuação à luz das noções de forma e de informação” (2020b [1958]) com comentários sobre sistemas sociais no “Do modo

<sup>33</sup> Original: Cela permet de concevoir la politique comme un champ où des problèmes collectifs émergent et peuvent trouver des solutions, plutôt que comme un problème qui doit être résolu à partir d'une supposée nature humaine : la politique est ici un processus ouvert à l'expérimentation.

<sup>34</sup> Original: Simondon propose, au contraire, une théorie de l'ontogenèse des systèmes sociaux dépourvue de toute dialectique entre l'individu et la société. L'individu est vu comme partie d'un ensemble systémique de relations qui le traversent et le constituent.

de existência dos objetos técnicos” (2008 [1958]), Bardin afirma:

[É] possível avançar a tese de que através do conceito de transindividual Simondon tenta nomear "o político" [the political] como um processo, diferenciando-o de "política" [politics] como a estrutura dos sistemas sociais. O político [the political] seria, nesse sentido, o que ultrapassa qualquer organização possível dos sistemas sociais, porque não pode ser reduzido à homeostase, e ainda assim não pode ser neutralizado na medida em que é o processo ontogenético que permite que os sistemas sociais surjam e se desenvolvam. (BARDIN, 2015, p. 221, em tradução livre)<sup>35</sup>

Por esta diferenciação, é possível considerar que o “político”, enquanto processo, é a construção constante de estruturas que, uma vez estabelecidas, normatizadas, institucionalizadas, tornam-se “política”. Se voltarmos ao capítulo anterior, poderíamos fazer um paralelo, em alguma medida, entre ambos e a transdução e a modulação, respectivamente: o primeiro, orientado para o futuro, pode ser uma tomada de forma de novas estruturas a partir de uma expansão veloz um a um, movimento de mudança mais evidente; o segundo, o condicionamento do novo segundo o antigo, voltado para o passado, regulação a partir de estruturas já constituídas. E, assim como mencionamos anteriormente, em sistemas, organismos e sociedades os dois processos, transdução e modulação, ocorrem simultaneamente. Um terceiro, a organização, é a possibilidade de compatibilização entre os dois anteriores, a princípio antagônicos (SIMONDON, 2020a [2010]).

A política (agora, unindo *political* e *politics*), portanto, pode também ser entendida como um sistema com diferentes forças e modos de funcionamento, criação e regulação, construção e condicionamento, atuando ao mesmo tempo e em diferentes âmbitos. Neste trabalho, porém, pretendemos jogar mais luz sobre os processos políticos de invenção e construção coletiva. Aqui, interessa-nos a mobilização: a propaganda política computacional é analisada principalmente como ferramenta em prol da criação de um coletivo que não está dado, de um futuro que está em constante disputa.

Mas, por que aspectos pode ser pensada/estruturada esta constante invenção

---

<sup>35</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: From this background, it is now possible to advance the thesis that through the concept of transindividual Simondon attempts to name ‘the political’ as a process, by differentiating it from ‘politics’ as the structure of social systems. The political would be in this sense what exceeds any possible organisation of social systems because it cannot be reduced to homeostasis, and yet it cannot be neutralised insofar it is the ontogenetic process which allows social systems to emerge and develop.

coletiva? Em Simondon, diferentemente também de uma tradição filosófica moderna, a trama em que pode ser construída a coletividade não é formada pela razão, mas por afetivo-emotividade. Kant, por exemplo, um dos nomes-símbolo do que poderia ser considerada tal tradição, em texto que tenta responder à pergunta “O que é o Iluminismo?”, afirma que “para esta ilustração, nada mais se exige do que *a liberdade*; e, claro está, a mais inofensiva entre tudo o que se pode chamar liberdade, a saber, a de fazer um *uso público* da sua razão em todos os elementos” (KANT, 2008 [1784], p. 2, grifos do autor). As noções presentes no texto, ainda que tenha sido escrito há mais de 200 anos, são centrais para uma ideia de atuação política sustentada pela razão. Na visão kantiana, o “sagrado direito da humanidade” é a possibilidade de guiar-se pela própria racionalidade, de forma autônoma e esclarecida.

Simondon, por outro lado, apresenta-nos à ideia de transindividual: uma virtualidade que está simultaneamente no e para-além do sujeito é o que sustenta a possibilidade de construção coletiva, e só é acessada por meio dos afetos. A base da coletividade para este autor, portanto, não é a racionalidade, pois fundamenta-se na resolução de algo que está no plano da afetivo-emotividade:

Se é possível falar, em certo sentido, da individualidade de um grupo ou daquela de um povo, não é em virtude de uma comunidade de ação, descontínua demais para ser uma base sólida, nem de uma identidade de representações conscientes, amplas demais e contínuas demais para permitir a segregação dos grupos; é no nível dos temas afetivo-emotivos, mistos de representação e ação, que se constituem os agrupamentos coletivos. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 368)

Para o filósofo, a afetivo-emotividade é o que permite ao sujeito entrar em contato com aquilo que está além de sua existência individuada (o pré-individual), compatibilizando a disparação entre as tensões internas que não poderiam ser resolvidas no plano do indivíduo e incorporando-o ao coletivo. Neste sentido, Bardin aponta que a emoção “estrutura a relação do organismo consigo mesmo *através* da relação com o meio externo, isto é, também com outros organismos como *sujeitos*”<sup>36</sup> (BARDIN, 2015, p. 81, grifos do autor). Simultaneamente, a emoção é também o fundamento deste coletivo nascente, sem a qual ele não poderia se estruturar. Ou, nas palavras de Simondon,

[A emoção] manifesta no ser individuado a remanescência do pré-individual; ela é aquele potencial real que, no seio do indeterminado

---

<sup>36</sup> Original: Emotion structures the relationship of the organism with itself *through* the relation with the external milieu, i.e. also with other organisms as *subjects*.

natural, suscita no sujeito a relação ao seio do coletivo que se institui; há coletivo na medida em que uma emoção se estrutura; (...) a emoção remete à exterioridade e à interioridade, pois ela não é algo de individuado; ela é a troca, no seio do sujeito, entre a carga de natureza e as estruturas estáveis do ser individuado; troca entre o pré-individual e o individuado, ela prefigura a descoberta do coletivo. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 467-468).

Assim, coletivo e emoção estão intrinsecamente relacionados: um fundamenta-se no outro, não podem existir em separado. Ou, como destaca Combes (1999, p. 50), para Simondon o coletivo “nasce portanto ao mesmo tempo em que uma emoção se estrutura através de vários sujeitos, e como estruturação de uma tal emoção”<sup>37</sup>. Dessa forma, uma vez que ambos estão ontologicamente ligados, é possível dizer que o campo de atuação por excelência da mobilização política é também a afetivo-emotividade. Se a política é entendida como possibilidades de criação de futuro em um coletivo que não está dado, e este coletivo estrutura-se a partir do contato com uma afetivo-emotividade, a mobilização de questões que, de alguma forma, movimentam afetos nos sujeitos pode ser uma possível chave de entendimento para os processos de construção coletiva.

Além disso, Simondon entende ação e emoção como recíprocas: são aspectos de um mesmo processo, diferentes formas que pode assumir a relação entre indivíduo e coletivo. Para o autor, “a ação é a individuação coletiva apreendida do lado do coletivo, em seu aspecto relacional, enquanto a emoção é a mesma individuação do coletivo, apreendida no ser individual enquanto ele participa dessa individuação” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 376). Ou seja, em um processo de individuação coletiva, a emoção no nível individual chega ao coletivo sob forma de ação; paralelamente, uma ação no nível coletivo é integrada no sujeito a partir da emoção. Ambas estão fortemente ligadas: a emoção é o que permite que a ação tenha um sentido. Nas palavras do autor,

A emoção não é apenas mudança interna, amálgama do ser individuado e modificação de estruturas; ela é também um certo elã através de um universo que tem um sentido; ela é o sentido da ação. Inversamente, na emoção, mesmo interior ao sujeito, há uma ação implícita; a emoção estrutura topologicamente o ser; a emoção se prolonga no mundo sob forma de ação, assim como a ação se prolonga no sujeito sob forma de emoção: uma série transdutiva vai da ação pura à emoção pura; não são espécies psíquicas, operações ou estados isolados; é a mesma realidade que apreendemos abstratamente em

<sup>37</sup> Original: Le collectif tel que l'entend Simondon naît donc en même temps qu'une émotion se structure à travers plusieurs sujets, et comme structuration d'une telle émotion.

seus dois termos extremos, acreditando que eles bastam a si mesmos e podem ser estudados. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 378)

Uma vez que ação e emoção são dois extremos de uma mesma série transdutiva que se prolonga de um ponto ao outro, torna-se mais concreta a equação que busca entender a política a partir de um processo de construção coletiva afetiva. A emotividade estrutura o coletivo no sujeito; paralelamente, é dela que nasce a ação, pois este é o formato que a emoção ganha ao se prolongar no mundo. Em outra direção, ações coletivas ou de outros indivíduos prolongam-se no sujeito por meio da emoção, dando-lhe sentido e, simultaneamente, permitindo uma concepção de coletivo.

É preciso destacar, porém, que afetos e emoção não são sinônimos em Simondon - e, neste caso, cabe comentarmos um pouco sobre esta diferenciação, uma vez que também provoca deslocamentos importantes quando quisermos falar de afetos mobilizadores na política. Ainda que ambos estejam relacionados a uma dinâmica que é simultaneamente interna e externa ao sujeito, a emoção é, nele, a significação dos afetos, compatibilizando os contraditórios em uma ordem superior, organizando-os: a emoção “assume a afetividade, ela é o ponto de inserção da pluralidade afetiva em unidade de significação” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 376).

Assim, se a emoção é a resolução de díspares, ela só é possível caso haja pluralidade de afetos. Dessa forma, a relação é complexificada: a emotividade, a partir dos pressupostos simondonianos, não pode ser explicada pela lógica do estímulo-resposta, pois não é possível de ser determinada em uma direção específica provocada por um afeto único. Como é uma relação de compatibilização, é preciso que haja um encontro entre afetos díspares para que a emoção possa nascer. Ademais, Simondon aponta que a coordenação das afecções não poderia ser feita isoladamente, pois a significação emocional é necessariamente coletiva. Como o autor descreve,

A coordenação das dimensões afetivas primeiras não pode se cumprir completamente no sujeito sem a intervenção do coletivo, pois o coletivo é necessário para que a emoção se atualize; há na afetividade uma pré-emotividade permanente, mas a emoção não pode sair das afecções por via de simplificação ou de abstração; a abstração exercida sobre a afetividade só poderia chegar a uma síntese inferior, empobrecedora e redutora; as afecções não têm suas chaves em si mesmas, (...) é preciso um mais-ser do sujeito para que as afecções devenham mundo afetivo. (SIMONDON, 2020b [1958], p. 384)

Em resumo, Simondon aponta que a emoção é a resolução do múltiplo afetivo e se prolonga no mundo em forma de ação, mas não pode ser completamente condicionada: está intimamente ligada ao coletivo e depende também de um encontro. Assim, ainda que possamos, adiante, falar de afetos mobilizadores como centrais para o entendimento de uma atuação política digital, é principalmente a partir deste sistema teórico que nortearmos a análise. Os afetos podem ser uma chave interessante para pensarmos em construções de coletivo; porém, sua significação e seus desdobramentos são sempre relacionais e não podem ser completamente determinados.

A questão do apelo às emoções, ou então a algo para além da razão, não é exatamente novidade nos estudos de comunicação, ainda que possa haver uma tendência a olhar para o fenômeno da decisão política, por exemplo, como racional. Por que, porém, insistimos neste ponto, defendendo que este aspecto é tão central na propaganda digital? Uma das possibilidades de resposta parece ser o método de distribuição. Para ativar uma amplificação transdutiva, como discutido no capítulo anterior, fazendo com que algo “viralize”, seja compartilhado em massa e, assim, alcance um público muito maior (potencializando a possibilidade de adesão), o receptor da mensagem precisa ser afetado de tal modo que, como resultado, passe a mensagem adiante. Nesta engrenagem, a mobilização de afetos sustenta a construção de coletivos e permite que o espalhamento da propaganda computacional se mantenha em contínua expansão, pois o impulso de reenvio/relação com o outro pode ser motivado mais fortemente pelo mecanismo que movimenta emoções, ainda que não se possa prever completamente em que direções este movimento irá ocorrer.

Além disso, se entendemos a coletividade como construída por meio de uma afetivo-emotividade, analisar as questões que estão tendo grande circulação online a partir de seu componente emocional pode contribuir para a compreensão de processos como o crescimento da extrema direita ou a disseminação de *fake news*. Dessa forma, observaremos como afetos podem estar sendo mobilizados em ambientes digitais a seguir.

## 2.1 Rede e reticulação

Quando discutimos aspectos relacionados à propaganda política feita em ambientes digitais, incorremos quase que automaticamente na descrição de redes de mobilização e compartilhamento de mensagens. Uma vez que este tema parece sempre ecoar à menção de algum tipo de atuação online, cremos ser importante determo-nos um momento e delinear-mos em que sentido entenderemos, aqui, uma rede.

Neste trabalho, interessam-nos principalmente os processos de constituição: as construções contínuas de coletivos, estruturas, planos de realidade. Assim, não se pretende olhar para uma rede como uma organização já pronta, sempre à disposição para ser utilizada, fixa, estável; antes, buscaremos analisá-la como dinâmica, em permanente constituição, fluida. Simondon, neste sentido, permite um deslocamento analítico significativo: uma das bases de sua filosofia “consiste em não tentar compor a essência de uma realidade mediante uma relação *conceitual* entre dois termos extremos e em considerar que toda verdadeira relação tem posto de ser” (SIMONDON, 2020b [1958], p. 28, grifos do autor). Ou seja, em vez de entender uma rede como nexos entre termos pré-existentes, o que valorizaria os nós ou os elementos em detrimento dos encontros, o filósofo permite pensá-la a partir das relações que a estruturam. E tal concepção faz com que o foco se volte para o processo mesmo de constituição, dinâmico, em vez de considerar a rede como uma realidade já formada, pronta, e com uma estrutura rígida e imutável. Como destaca Vicentin,

Se é a relação que constitui e dá existência aos termos de um processo de individuação, seria no mínimo uma incongruência pensar uma rede como uma relação entre termos pré-existentes ou como conexão entre pontos. Uma rede é, antes de tudo, um cruzamento de relações, na medida em que as linhas precedem os pontos. São os cruzamentos das linhas que produzem os nós de uma rede. De fato, seguindo a trilha da alagmática simondoniana, a ideia de rede cede espaço e importância para a ideia de *reticulação*, ou seja, para a rede em sua operação de atualização. É a operação de tomada de forma, ou de concretização de uma rede que parece ser mais interessante. De outro modo, trataríamos uma rede como estrutura estática sobre a qual não incidem transformações; como simples *rapport* de termos. (VICENTIN, 2016, p. 90-91, grifos do autor)

Pensar a rede a partir da ideia de *reticulação*, portanto, como processo, permite vê-la como em contínua constituição, movimento fundador, criação de estruturas em constante transformação. Analisá-la deste ponto de vista é também entendê-la como

permanente criação de realidades, olhando-a a partir de suas potencialidades. É colocar o devir no centro do palco, o momento entre presente e futuro que se abre em construção. Neste sentido, reticulação é também transdução, pois é a operação de concretização. Como aponta Ferreira,

Reticulações são, para Simondon, as operações de transformação de uma realidade amorfa, pré-individual, potencial, em realidades estruturadas, individualizadas, concretizadas, i.e., as operações transdutivas pelas quais um novo indivíduo e seu meio emergem – elas correspondem, porém, exatamente à passagem, à transformação, à transdução, e não aos seus resultados. (FERREIRA, 2017, p. 119)

Há sempre diferentes forças em jogo: se a reticulação é transdução, criação constante de novas estruturas, aquelas já formadas podem também agir como meios de modulação. Simultaneamente, há em uma rede movimentos em direção ao futuro e de volta ao passado; uma tensão entre criação e condicionamento, explosão e retração. A partir desta perspectiva filosófica, é possível sair de uma concepção estática da rede e, como destaca Vicentin, entendê-la como um sistema metaestável, aberto a mudanças, que estrutura o real ao mesmo tempo em que é estruturada:

Afinal de contas, uma rede se concretiza e se solidifica por meio de relações ao mesmo tempo em que abre espaço para outras novas. Trata-se então de observar a rede como um sistema metaestável, sujeito a mudanças, e que existe enquanto modalidade de relação; enquanto modo específico de estruturação do real, ou seja, modo de estruturação das relações que produzem o real. (VICENTIN, 2016, p. 91-92)

Mas o que significaria, portanto, pensar a propaganda política digital a partir das noções simondonianas de rede e reticulação? Uma vez que a propagação de mensagens online ocorre principalmente via uma formação reticular, interessa-nos observar a maneira como se dão os encontros, ponto a ponto, fazendo com que o espalhamento se amplifique como malha. A comunicação, nesta chave, pode ser entendida a partir da criação constante de relações: ainda que existam realidades previamente construídas nas quais as mensagens possam circular, tais construções não determinam completamente os caminhos que serão percorridos. Mais concretamente, é possível apontar, por exemplo, a existência de estruturas online que podem agir como moduladoras, como os algoritmos específicos de cada rede social, as conexões já estabelecidas no Facebook, os seguidores no Twitter, os grupos de distribuição no WhatsApp, entre outros. Porém, ainda que alguns circuitos pelos quais a mensagem vai andar possam estar, em certo sentido, já construídos, a comunicação

precisa ser constantemente reativada. Uma mensagem não percorre toda a malha de conexões prévias “apenas” porque foi enviada num determinado ponto - é preciso que, a cada passo, ela seja reenviada, compartilhada mais uma vez. Ou seja, a distribuição de um conteúdo pode ocorrer em formato de rede, mas não necessariamente percorrerá toda uma estrutura construída anteriormente: a comunicação é uma contínua operação de atualização, mobiliza potenciais presentes no emissor e no receptor e concretiza-os em relação. O espalhamento reticular de uma mensagem também cria novas realidades, transforma uma malha enquanto é, em alguma medida, modulado por ela. Mas, que potenciais a propaganda política computacional pode atualizar?

## 2.2 Distribuição e impulsionamento

Em junho de 2018, pouco antes das eleições brasileiras, o InternetLab realizou um estudo que buscou calcular a presença de *bots* nos perfis no Twitter dos pré-candidatos à Presidência. De acordo com o relatório, “o uso desse mecanismo pode elevar o alcance, a repercussão, e, até mesmo, a confiabilidade de candidatos, que vêem seu número de seguidores crescer elevando sua influência nas redes sociais” (LAGO; MASSARO; CRUZ, 2018, p. 2), afinal, quando uma mensagem é compartilhada em larga escala, maior a probabilidade de um grande número de internautas recebê-la, aumentando também a possibilidade de adesão a um determinado discurso político. O estudo, porém, traz alguns dados que reforçam o argumento de que é preciso pensar a política digital também como criação contínua de relações, e para além de um aspecto estritamente técnico (especialmente quando temos em vista que a técnica não é uma “entidade” à parte, separada do humano).

Em primeiro lugar, é preciso mencionar que, de acordo com o estudo, todos os pré-candidatos à época tinham *bots* em seus perfis no Twitter: Guilherme Boulos (do Partido Socialismo e Liberdade - PSOL) seria o postulante à Presidência que teria proporcionalmente menos entre os analisados, e, ainda assim, cerca de 14% de seus seguidores se encaixariam na modalidade. Ou seja, o uso de *bots*, ainda que em maior ou menor medida, pode ser considerado uma prática comum nas campanhas políticas brasileiras online - e não algo restrito a alguns grupos, partidos ou candidatos. Como

o relatório aponta, “no Brasil, é possível diagnosticar o uso de bots em contextos eleitorais desde pelo menos 2011 e há evidências de que eles tenham sido utilizados no Twitter para apoiar candidatos nas eleições de 2014, durante o processo de impeachment e nas eleições municipais de 2016” (LAGO; MASSARO; CRUZ, 2018, p. 2).

Além disso, é relevante notar que os políticos que lideravam o ranking de *bots* não foram os que pautaram o maior volume de discussões online ou as mais relevantes, nem estiveram entre os mais votados no primeiro turno das eleições. Diferentes estudos (MALINI, 2017, ou ORTELLADO; RIBEIRO, 2018c, por exemplo) apontam que os debates políticos online desde 2013 estruturam-se principalmente entre os eixos “antipetista” – “anti-antipetista” (voltaremos a isso adiante). Porém, de acordo com o relatório do InternetLab, Marina Silva (Rede Sustentabilidade) detinha o maior volume numérico de *bots*, com aproximadamente 690 mil seguidores na categoria, e Álvaro Dias (Podemos) a maior porcentagem, tendo *bots* em cerca de 64,3% de sua audiência na rede social. No total, este último possuiria próximo de 263 mil *bots* no Twitter.

Em números absolutos, Jair Bolsonaro (à época, Partido Social Liberal - PSL), que veio a ganhar as eleições presidenciais, possuía cerca de 400 mil *bots* entre seus seguidores, o que era o equivalente a 33,8% de sua audiência total. Ele era o terceiro em volume total de *bots*, estando atrás ainda de Geraldo Alckmin (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), com aproximadamente 455 mil (45,8% do seu total de seguidores). À época, Fernando Haddad ainda não era oficialmente o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT); o estudo, portanto, analisou a audiência digital de Lula, e concluiu que o líder petista possuía cerca de 74,5 mil *bots* entre seus seguidores, aproximadamente 22% do volume total.

É importante destacar que o estudo ocorreu um pouco antes do início oficial da corrida eleitoral e, até outubro, muita coisa pode ter se alterado em tais audiências digitais - portanto, Jair Bolsonaro pode ter crescido também expressivamente em número de *bots*. De qualquer forma, é interessante notar que outros nomes que também teriam tido grande volume de robôs entre seus seguidores não parecem ter conseguido mobilizar internautas no Twitter de forma tão expressiva. Por mais *bots* que Bolsonaro possa ter vindo a ter, os números relativos a Marina Silva, Geraldo Alckmin e Álvaro Dias ainda seriam consideráveis.

É preciso reforçar que não se pretende, aqui, defender que o uso de certa técnica em campanhas políticas não interfere no processo eleitoral. No caso dos *bots* no Twitter, como mencionamos, é possível inflar de forma significativa o espalhamento de uma mensagem, fazendo com que ela alcance um público muito maior, aumentando a possibilidade de adesão. Em paralelo, vale também dizer que é frequente que a construção de um mecanismo de divulgação de propaganda esbarre em questões éticas ou legais, com coleta de dados pessoais de forma indiscriminada, por exemplo, como se observou no caso Cambridge Analytica (GRASSEGGER; KROGERUS, 2017). O que queremos apontar, por outro lado, é que a estrutura técnica de distribuição, por maior que seja, não poderia explicar, *sozinha*, o “sucesso” ou a eficácia de uma propaganda política: buscamos pensá-la *em relação* com o processo de recepção. Como no exemplo citado, candidatos como Geraldo Alckmin e Marina Silva podem ter tido uma legião técnica a seu favor (e o primeiro, além disso, era o que possuía a maior fatia do horário eleitoral na televisão); porém, não tiveram impacto tão significativo nas discussões políticas e eleições daquele ano. Nosso interesse, portanto, é investigar o que, aliado à técnica, também está em jogo na mobilização política: o que pode estar sendo mobilizado no processo de recepção que provoca a adesão a certas mensagens e não a outras e, potencializado pelas redes de distribuição, faz com que a disseminação de um conteúdo se mantenha em contínua expansão.

É também importante ressaltar que, se pensarmos a Internet e as redes sociais como uma espécie de esfera pública, sabemos que o espaço e as capacidades de falar e de ser ouvido não são compartilhados de forma igualitária online. Os algoritmos de diferentes plataformas modulam constantemente o conteúdo a que os internautas podem ter acesso, o que pode acabar por favorecer determinados grupos e agentes políticos em detrimento de outros. E não é possível saber de forma precisa como tal modulação estaria sendo feita, uma vez que o funcionamento de tais algoritmos é uma caixa-preta para a maior parte da sociedade. Como aponta Silveira,

Sem transparência, os algoritmos possuem critérios de distribuição indecifráveis pela sociedade. Plataformas como Facebook, Twitter e Instagram têm sido fundamentais para a formação da opinião política em grande parte dos países. Mas essas sociedades não têm como saber se a interferência algorítmica possui um viés político na condução dos debates e na disseminação de conteúdos. Isso quer dizer que os algoritmos podem estar beneficiando uma força política em detrimento das demais, permitindo que suas postagens sejam inseridas num

número maior de timelines que as dos seus adversários. Por isso, os algoritmos podem interferir no processo democrático, desequilibrando as condições de equidade dos discursos em disputa. (SILVEIRA, 2019, p. 32-33)

A técnica, portanto, não pode ser entendida como neutra. Algoritmos impactam o acesso a diferentes visões de mundo, fazendo com que internautas, páginas ou sites tenham posições e poderes distintos no jogo político. Mas, como o autor também aponta, “não basta um bombardeio de conteúdos para que todos sejam rapidamente convertidos. Não há prova de que a exposição de resultados elogiosos a Donald Trump possa convencer pessoas adeptas do pensamento democrático a apoiar suas decisões políticas” (SILVEIRA, 2019, p. 33). Assim, distribuição e recepção estão fortemente interligadas: é preciso analisá-las em conjunto, entendendo que o processo da comunicação política computacional é uma equação complexa, com diversas variáveis, e não pode ser definido por apenas um elemento ou outro.

Assim, em paralelo com a modulação em ambientes digitais ou o uso de *bots*, buscamos observar as potências que poderiam ser atualizadas no contato com mensagens distribuídas online e que sustentariam relações, permitiriam novas individualizações. É pela afetivo-emotividade que o indivíduo acessa o pré-individual e, simultaneamente, percebe-se como sujeito e constrói/toma consciência do coletivo - assim, as emoções podem ser uma chave importante para o entendimento da política enquanto construção, seja por provocarem ações em direção ao coletivo, seja por estruturarem no sujeito este coletivo nascente. Dessa forma, a propaganda política que mobiliza afetos e que se expande de um a um em forma reticular não seria eficaz apenas como objetivo final (convencer alguém de algo, vencer eleições), mas também como processo estruturante do real, fundamento de uma coletividade.

### 2.3 Afetos em movimento

A importância da afetivo-emotividade tem sido tema de variados estudos que se debruçam sobre mobilizações políticas. Em artigo de 2017, um grupo de pesquisadores ligados ao Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (LABIC/UFES) buscou mapear os principais sentimentos presentes em *tweets* sobre o impeachment de Dilma Rousseff (MALINI;

CIARELLI; MEDEIROS, 2017). A pesquisa coletou publicações no Twitter feitas em dois momentos: o início das manifestações pelo afastamento (15 de março de 2015) e quando a petista foi deposta da presidência (27 de agosto de 2016).

Como metodologia, o estudo norteou-se principalmente pelo método perspectivista de análise de redes e que, formulado por Malini, entende que as relações formadas a partir de interações em ambientes digitais, como compartilhamentos, comentários e curtidas, expressam pontos de vista coletivos “formando as partes da rede que, sobrepostas, compõem uma globalidade, podendo ser analisada ora a partir da topologia dos perfis (a posição da parte no todo), ora a partir de uma temporalidade dos laços (a parte do tempo como parte no todo)” (MALINI, 2016, p. 2). Adicionalmente, no trabalho de 2017 o trio buscou incluir no método perspectivista também uma análise dos sentimentos das mensagens, conjugando classificação humana de alguns *tweets* (apontando emoções que estariam relacionadas a determinados termos em um contexto/banco de dados específico) com uso de sistemas que poderiam aprender e reproduzir tal classificação em grandes conjuntos de dados a partir de palavras-chave e identificar tanto polaridades (positivo/negativo) quanto os sentimentos de alegria, raiva, medo, antecipação, desgosto, tristeza, surpresa e confiança.

No primeiro período analisado, os sentimentos que tiveram maior destaque foram os de antecipação, medo e raiva; no segundo momento, predominaram confiança, antecipação e raiva. Segundo o relatório, surpresa e alegria quase não estiveram presentes na base de dados analisada. O estudo também qualificou as mensagens entre pró e contra o impeachment e observou que os aspectos emocionais foram recorrentes em ambos os grupos, não estando restritos a um lado do debate. De acordo com os autores, por exemplo, no dia 15 de março de 2015,

[O] comportamento dos perfis foi mais intensamente relacionado ao sentimento de antecipação, medo e raiva, no que tange aos tweets a favor do impeachment. O mesmo comportamento notou-se entre os tweets contrários ao impeachment. Esse indicador demonstra que a polarização política refletia, naquele momento, uma relação de ódio mútuo entre os atores políticos, engajando os atores dentro de campos de indignação distintos. Para a oposição a Dilma, a indignação passava por um contexto pós-eleitoral, quando Dilma vence Aécio por uma diferença de 2% dos votos. (...) De outro lado, a base social governista se indignava contra as ruas, por elas não conterem pautas sociais explícitas, mantendo toda a energia na derrubada da presidenta. Por isso ridicularizavam as manifestações, vistas como resultante de um comportamento autoritário de não aceitação das derrotas nas urnas e

pela defesa irrestrita da agenda de uma elite empresarial, também alvo de investigações de corrupção na Lava Jato (MALINI; CIARELLI; MEDEIROS, 2017, p. 332).

Em 2016, por sua vez, ambos os lados demonstravam certeza na inevitabilidade da queda de Dilma, mas a partir de diferentes sentimentos. Como escrevem os autores, havia um “jogo ambíguo em que a raiva e a comemoração confiante pela derrota co-habitavam a conversação virtual” (MALINI; CIARELLI; MEDEIROS, 2017, p. 332).

O estudo, portanto, aponta para a relevância do componente emocional nos debates sobre questões políticas no Twitter, algo que também buscamos fazer nesta pesquisa. A análise de nosso material será feita apenas no próximo capítulo; porém, parece-nos relevante já delimitar, aqui, algumas diferenças entre a nossa metodologia e o trabalho do LABIC/UFES. É importante apontar que não dispomos de sistemas de análise de grandes bancos de dados, como é o caso do laboratório capixaba. Dessa forma, enquanto Malini, Ciarelli e Medeiros (2017) analisaram o conteúdo de todo um universo de menções a um assunto, nós iremos nos deter sobre uma parte específica do todo, ainda que representativa. E, neste sentido, o recorte escolhido parece ser a nossa maior diferença. Antes de realizar a análise do conteúdo, o trio afirma ter removido todos os *retweets* (ou RTs, o compartilhamento de uma mensagem no Twitter) dos *data sets*. Nesta pesquisa, por outro lado, é justamente sobre o compartilhamento que vamos nos debruçar. Adiante, vamos analisar as discussões sobre o Movimento Brasil Livre (MBL) no Twitter durante o período eleitoral, entendendo que o grupo é um representante importante entre os movimentos da nova direita brasileira. E nosso estudo buscará olhar com mais atenção para as 100 mensagens com maior volume de RTs no período.

Nossa escolha tem suas justificativas próprias. Em primeiro lugar, entendemos que as mensagens podem ter diferentes “pesos” em um ecossistema de debates políticos; afinal, uma publicação que foi compartilhada 2 mil vezes não apenas indica que seu conteúdo foi mais visto, mas também que a mensagem foi recebida com maior “sucesso” pela audiência em comparação com um *tweet* que conquistou 10 RTs (ainda que tal sucesso não necessariamente signifique endosso, pois há casos em que um grande volume de *retweets* ocorre como crítica, em um movimento paradoxal que se opõe ao que é dito ao mesmo tempo em que ajuda a divulgá-lo). Além disso, o material é representativo tanto em importância no universo quanto em volume: em nossa coleta,

o MBL pautou 1.089.234 *tweets* no período e, somando-se o número de RTs, as 100 publicações com maior compartilhamento correspondem a cerca de 23% deste montante.

Em paralelo, as mensagens com grande compartilhamento ajudam-nos a analisar, além do conteúdo do que circula em ambientes digitais, também a maneira como o que é dito se articula com a estrutura técnica. Afinal, se for possível identificar pontos importantes em comum entre as mensagens com maior volume de RTs, isto pode nos dar pistas sobre como o modo de funcionamento de uma plataforma se relaciona com os processos de recepção.

Malini, Ciarelli e Medeiros (2017) justificam ter retirado os RTs da amostra “por considerar que o uso desse artefato normalmente pode ser contaminado pela atuação de robôs e militantes, inflacionando a popularidade de uma determinada mensagem” (MALINI; CIARELLI; MEDEIROS, 2017, p. 331). Nesta pesquisa, porém, entendemos que este tipo de atuação também deve ser considerada uma variável importante nos debates políticos digitais e, portanto, buscar evitá-la poderia deixar a amostra menos representativa. Se há distorções provocadas por robôs no espalhamento de uma mensagem, isto também tem reflexos importantes na forma como se dão as mobilizações políticas.

Mas, voltando aos resultados do estudo de Malini, Ciarelli e Medeiros, é possível observar que, na diferenciação das mensagens entre pró e anti impeachment, há a presença significativa do sentimento de raiva em todas as amostras e momentos. Assim, é possível apontar que, mais que afetos “positivos” sobre o grupo de que se faz parte, há uma grande disseminação de mensagens de ataque ao “outro”, em uma espécie de composição de grupo/indivíduo a partir do rechaço ao que lhe é (supostamente) externo. E tal tendência não seria exclusividade das redes sociais ou da política brasileira: em um estudo sobre a polarização política nos Estados Unidos (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012), observou-se que tanto Republicanos quanto Democratas possuíam um “desgosto” crescente por seus opositores. Além disso, contrariando a ideia de que o fenômeno da polarização seria motivado por um interesse cada vez maior da população por ideias extremistas, identificou-se que a “preferência” política dos entrevistados pouco tinha a ver com as visões de mundo e propostas do partido com o qual se sentiam mais próximos. Ou seja, a defesa de um ou outro grupo político estaria mais próxima de questões afetivas que das ideias que

divulgavam. Como destacam os autores,

Apresentamos evidências de que o afeto partidário está inconsistentemente relacionado às preferências políticas e que a relação entre o afeto partidário e as atitudes políticas não se fortaleceu notavelmente ao longo do tempo. A explicação mais plausível, a nosso ver, é que o mero ato de se identificar com um partido político é suficiente para desencadear avaliações negativas da oposição (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012, p. 3, em tradução livre)<sup>38</sup>.

O estudo coletou dados de diferentes pesquisas de opinião pública que foram feitas nos Estados Unidos entre 1960 e 2010. Fazendo uma espécie de “termômetro” das notas que os entrevistados davam ao próprio partido e ao externo, o relatório apontou que, nos Estados Unidos, o afeto interpartidário manteve-se relativamente estável, apresentando pouca mudança ao longo de 50 anos. Por outro lado, houve uma queda vertiginosa das notas dadas ao grupo externo. Paralelamente, porém, o mesmo comportamento não foi observado quando, em vez de perguntados a partir dos partidos Democrata e Republicano, os entrevistados se deparavam com questões que identificavam os grupos pelas ideologias que defendiam - liberais (no país, diferenciando um pouco do Brasil, o termo é usado no sentido principalmente de “progressistas”) ou conservadores. Ainda que o grupo de que os perguntados faziam parte fosse muito mais bem avaliado que o externo, as notas se mantiveram em patamares similares ao longo das décadas. Portanto, as propostas político-econômicas não seriam suficientes para explicar o desgosto crescente em relação ao partido oponente.

A polarização, além disso, não ficava restrita a questões estritamente políticas. O estudo compilou também dados de pesquisas que perguntavam como a pessoa se sentiria caso o filho ou a filha se casasse com alguém do partido oposto. Em 1960, apenas 5% dos Republicanos e 4% dos Democratas responderam que não gostariam se isso ocorresse. Em 2008, outro levantamento fez perguntas similares e chegou aos resultados de que 27% dos Republicanos e 20% dos Democratas ficariam um pouco ou muito chateados com tal situação. Já uma pesquisa feita em 2010 apontou um aumento ainda mais significativo do sentimento de desgosto em relação ao grupo oposto, concluindo que 49% dos Republicanos e 33% dos Democratas ficariam um

---

<sup>38</sup> O texto não possui versão publicada em português. Portanto, todos os trechos citados neste trabalho serão traduções livres. Original: We present evidence that partisan affect is inconsistently related to policy preferences and that the relationship between partisan affect and policy attitudes hasn't notably strengthened over time. The more plausible explanation, in our view, is that the mere act of identifying with a political party is sufficient to trigger negative evaluations of the opposition.

pouco ou muito infelizes com um casamento do gênero.

O relatório também trouxe dados interessantes sobre os estereótipos associados ao próprio partido e ao oposto, apontando que houve um crescimento significativo na atribuição de características negativas aos oponentes ao longo de 50 anos. Como os autores destacam,

O senso de identidade partidária está cada vez mais associado a uma visão “nós contra eles”, maniqueísta, do mundo político. Democratas e Republicanos nutrem sentimentos geralmente negativos em relação a seus oponentes. Os estereótipos de apoiadores do partido tornaram-se cada vez mais diferenciados; traços positivos são atribuídos aos membros do partido, enquanto os traços negativos são atribuídos aos oponentes. Há animosidade suficiente para tornar a filiação partidária relevante para as relações interpessoais. Hoje, os partidários americanos são muito polarizados em seus sentimentos uns pelos outros. (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012, p. 17)<sup>39</sup>

Os autores buscaram identificar, primeiro, se tal polarização poderia ser explicada por diferenças significativas em políticas públicas defendidas pelos diferentes partidos, como gastos governamentais na área de saúde, ou por questões culturais, como aborto ou direitos LGBTQ+. De acordo com o estudo, ainda que Democratas tendessem a opiniões mais progressistas e Republicanos a mais conservadoras, a diferença não era tão significativa que pudesse explicar tamanha polarização.

Assim, o estudo investigou as campanhas políticas a que os norte-americanos estiveram expostos no período, e concluiu que os níveis cada vez mais altos de negatividade na propaganda do gênero teriam contribuído para o crescimento da polarização, pois reforçariam, entre outras coisas, estereótipos sobre apoiadores e oponentes de um partido. Os resultados são interessantes, pois apontam para a relevância da comunicação política no processo de construção de realidades coletivas, baseado especialmente na mobilização de afetos.

No entanto, apesar da importância do estudo, é preciso ter cautela para que suas premissas não sejam tomadas como universais, sem nuances ou contextualizações: assim como temos dito ao longo de todo este trabalho, a mera

---

<sup>39</sup> The sense of partisan identity is increasingly associated with a Manichean, “us against them” view of the political world. Democrats and Republicans harbor generally negative feelings toward their opponents. Stereotypes of party supporters have become increasingly differentiated; positive traits accrue to members of the in-party, while negative traits are ascribed to opponents. There is sufficient animosity to make partisan affiliation relevant to inter-personal relations. Today, American partisans are highly polarized in their feelings about each other.

exposição a mensagens políticas com ataques ou elogios não é suficiente para provocar o endosso a um ou outro discurso. No estudo norte-americano, as perguntas identificaram os afetos e o endosso a ideias políticas a partir de entrevistados que a princípio já se viam como pertencentes a certo grupo - assim, de alguma forma compartilhando premissas comuns. Como os autores apontam, “as campanhas *reforçam* o senso de identidade partidária dos eleitores e *confirmam* crenças estereotipadas sobre apoiadores e oponentes” (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012, p. 23, grifo nosso)<sup>40</sup>.

Mas, voltemos ao Brasil. Em nosso país, diferentes pesquisas afirmam que a polarização política teria ganhado força significativa especialmente a partir de 2013. Malini (2017), ao analisar discussões no Twitter sobre o julgamento do Mensalão, aponta que, ali, teria ocorrido uma espécie de “antecipação” da divisão que veio a ser a tônica da política brasileira nos anos subsequentes. O autor coletou as menções à hashtag #mensalão entre agosto de 2012 e fevereiro de 2013 na plataforma e, ao construir grafos que permitiam visualizar as formas como os perfis se aglutinavam na rede social (por exemplo, quem dá RT em quem), apontou que os debates estavam divididos principalmente entre os defensores do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Como o autor destaca,

No Twitter, o julgamento do mensalão derivou dessa “extraordinariedade”, isto é, da relação de co-dependência de militantes do PT e do PSDB para produzir acusações, sátiras, mensagens com alto teor emocional, enfim, de todo um conjunto de publicações de detração um do outro, ao mesmo tempo em que o próprio tema (#mensalão) mostrava-se como produto das reais práticas políticas de ambos partidos, demonstrando que a polarização ocultava práticas semelhantes [sic] suscitando diferenças estéreis (MALINI, 2017).

Ortellado e Ribeiro (2018c), por sua vez, afirmam que as discussões políticas online no Brasil se cindiram entre o final de 2013 e o início de 2014, em uma espécie de decorrência dos protestos de junho. Os dois trabalhos se aproximam em algumas descobertas, mas trabalham com bases de dados diferentes: enquanto Malini se debruça principalmente sobre mensagens publicadas no Twitter, coletando-as via hashtags ou palavras-chave, Ortellado e Ribeiro (2018c) olham para as publicações e páginas sobre política no Facebook, analisando as redes formadas em torno delas - por exemplo, que usuários da plataforma seguem determinadas páginas e como a

---

<sup>40</sup> Original: Campaigns reinforce voters' sense of partisan identity and confirm stereotypical beliefs about supporters and opponents.

audiência digital estaria se dividindo, que interesses poderiam ser os seus principais norteadores. A dupla de pesquisadores da Universidade de São Paulo, assim, aponta que, logo após a onda de manifestações de 2013,

[O]bservamos dois processos complementares que alteraram profundamente a estrutura do debate político no Facebook. Por um lado, o afastamento dos usuários que se mobilizavam contra a corrupção da esquerda começou a estruturar o que chamamos de *campo antipetista*. Em oposição a este campo se organizaram as páginas de esquerda em torno daquelas ligadas ao Partido dos Trabalhadores (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018c, p. 4).

Ortellado e Ribeiro destacam que, desde então, os debates online se estruturam em torno de dois grandes grupos: de um lado, haveria a aglutinação de pautas variadas como patriotismo, defesa dos militares, conservadorismo moral ou liberalismo econômico e, do outro, uma ligação entre ONGs, partidos da base aliada do então governo e defensores de questões relacionadas aos movimentos negro, feminista ou LGBT+, entre outros. A dupla da Universidade de São Paulo (USP), porém, faz uma diferenciação em relação à classificação de Malini que pode ser interessante de ser destacada, pois reforça a ideia de que a polarização brasileira teria se estruturado mais a partir da *negação* do outro que da *afirmação* de si - ou, de outro modo, que a existência de si passa pela relação com o outro, com o que é considerado alheio, externo, ainda que seja de modo a tentar refutá-lo. Ou seja, em uma definição/composição que é também relacional.

Malini aponta que os dois polos de discussões em 2013 agiam principalmente a partir do ataque a seus oponentes, associando-os à corrupção e fazendo acusações diversas, e classifica-os fundamentalmente enquanto militantes do PSDB e do PT. Ortellado e Ribeiro, por sua vez, diferenciam os dois grupos entre “antipetistas” e “anti-antipetistas”. A diferença na nomenclatura, ainda que possa parecer sutil, permite um deslocamento analítico importante. Em outro artigo publicado no mesmo ano, Ribeiro destaca:

De um lado, *antipetistas* defendem que o Partido dos Trabalhadores tomou o poder de Estado para seus interesses particulares e, com a ajuda dos movimentos sociais (que ele supostamente controla), manteve-se no poder até o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Do outro, *anti-antipetistas* denunciam que, por trás do discurso anticorrupção, esconde-se o verdadeiro interesse do campo antipetista, a saber, o de impedir medidas distributivas que ameaçam privilégios de classe. As narrativas que estruturam o debate sugerem uma dinâmica em que cada grupo se define pela negação da caricatura que faz de polo oposto, por isso a escolha peculiar dos nomes

(RIBEIRO, 2018, p. 85).

Ou seja, ainda que os grupos possam partilhar algumas premissas comuns ou defender causas similares, o aglutinamento se dá mais pelo distanciamento daquele que consideram o “outro” - e isso fica ainda mais evidente quando observamos com maior atenção o lado “antipetista”. Entre o grupo “anti-antipetista”, a associação com um campo de “esquerda” e “progressista” ocorre sem dificuldades, uma vez que de forma geral seus participantes defendem pautas como universalidade e gratuidade dos serviços públicos, direitos LGBTQ+ e autonomia da mulher, entre outras. O oposto, porém, não é verdadeiro, como nos aponta Ribeiro:

Caracterizar o campo antipetista em termos políticos é um desafio analítico não trivial. Pesquisas de opinião nas manifestações indicam que identificá-lo com a direita tradicional é equivocado, pois, contrariando a proposta de suas lideranças, a grande maioria dos manifestantes é a favor de serviços públicos e gratuitos. Além disso, se a esquerda incorporou os temas morais em suas pautas e podemos sem grandes riscos identificá-la com o *campo progressista*, tal qual descrito pela literatura das guerras culturais, temos fortes indícios de que a mesma identificação não seja válida entre o polo antipetista e o *campo conservador* (RIBEIRO, 2018, p. 87-88).

O campo “antipetista” no Facebook, como coloca Ribeiro, se estruturaria em alguns grupos principais: anticorrupção (com críticas principalmente ao PT), partidário (com páginas de políticos e partidos que faziam parte da oposição aos governos petistas, como PSDB e DEM - Democratas), defesa do liberalismo econômico (como as páginas do Instituto Mises Brasil e a do Partido Novo), policial (com apoio à atuação principalmente da Polícia Militar) e conservador em termos morais (com pautas como defesa da “família tradicional”). Ou seja, ainda que o campo apresente certa unidade, não é possível dizer que seja homogêneo. Além disso, suas composições e alianças conflitam com definições tradicionais sobre o que poderiam ser, por exemplo, os liberais e os conservadores, uma vez que, não raro, o liberalismo não se estende aos costumes.

Em paralelo, colocar o grupo à esquerda como “anti-antipetista” também é interessante. De certa forma, questões relativas ao PT são apresentadas como as fontes primeiras da divisão política - não à toa, figuram na raiz do nome de ambos os grupos. Porém, opor-se ao campo que critica o petismo não é, necessariamente, apoiar o partido: “anti-antipetistas” têm em comum mais a oposição aos “antipetistas”, a partir da defesa de questões progressistas, que um endosso a todas as pautas do

PT. Além disso, é relevante destacar que dizer que as discussões online estão divididas principalmente nestas duas esferas não é, por outro lado, colocar tais grupos como espelhos um do outro. Se ideias associadas à extrema direita têm encontrado amplo espaço para florescer no lado “antipetista”, isto não significa que o campo “anti-antipetista” seja necessariamente de extrema esquerda.

Ademais, classificar a divisão política brasileira para além de uma associação com partidos mostra-se pertinente também pelo motivo de que, no Brasil, a identificação partidária não é tão marcante quanto em outros locais. Citamos os Estados Unidos há pouco: neste país, as questões políticas giram basicamente em torno de Republicanos e Democratas, ainda que existam outros grupos que também participam do jogo. No Brasil, por outro lado, mesmo que em alguns momentos tenhamos observado uma espécie de antagonismo declarado entre dois grandes partidos (como PT e PSDB), nossas dinâmicas são mais pulverizadas entre diferentes grupos. Por exemplo, apenas no âmbito da política “institucionalizada” temos, em 2020, 33 partidos políticos registrados no TSE<sup>41</sup>; desses, 24 com representantes na Câmara dos Deputados<sup>42</sup> e 16 no Senado<sup>43</sup>. Assim, a filiação partidária poderia não ser a melhor chave de entrada para o entendimento das questões políticas brasileiras. Não à toa, o campo “antipetista” nas redes sociais, que poderia ser mais associado ao PSDB em um primeiro momento, conjuga atualmente uma pluralidade de grupos e partidos e compõe parte importante do apoio de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. O político foi eleito pelo PSL (Partido Social Liberal), considerado nanico antes do pleito daquele ano, e está sem partido atualmente.

Paralelamente, estudos feitos em nosso país sugerem que, assim como foi apontado nos EUA por Iyengar, Sood e Lelkes (2012), a defesa de ideias específicas, como maior ou menor presença do Estado na economia, também não são as principais norteadoras de mobilizações no Brasil. Em 2015, por exemplo, Pablo Ortellado e Esther Solano lideraram uma pesquisa (publicada em 2016) que teve por objetivo mapear as principais reivindicações de manifestantes antigoverno na cidade de São Paulo. À época, diversos protestos ocorriam em vários pontos do Brasil, com

---

<sup>41</sup> Fonte: site do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>42</sup> Fonte: site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/Internet/Deputado/bancada.asp>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>43</sup> Fonte: site do Senado Federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores>>. Acesso em: 18 set. 2020.

pautas às vezes difusas mas que se aproximavam principalmente nos pedidos pelo afastamento, impeachment ou renúncia de Dilma Rousseff. Os pesquisadores foram aos locais em que ocorriam tais movimentos nos dias 12 de abril e 16 de agosto e aplicaram questionários junto aos manifestantes presentes, buscando abordar diferentes aspectos das dinâmicas que poderiam estar em jogo.

Em primeiro lugar, o levantamento norteava-se principalmente pela ideia de que a descrença em relação ao governo federal, simbolizada principalmente no PT, não se restringiria ao partido e abarcaria também “todo o sistema político, entendido num sentido amplo que incluía os políticos e os partidos políticos, as Organizações Não Governamentais (ONGs) e os movimentos sociais, e a imprensa política e seus comentadores” (ORTELLADO; SOLANO, 2016, p. 170). Tal hipótese se confirmou: ainda que as críticas e desconfiâncias dos presentes fossem muito mais fortes em relação ao PT e a seus principais nomes, outros partidos e organizações associadas à política “tradicional” também não saíram ilesos. Mesmo o PSDB, em que grande parte dos manifestantes declarou ter votado nas eleições do ano anterior, não tinha a confiança de quase metade (47,6 %) dos entrevistados. O dado, portanto, reforça a proposta de que a preferência partidária não seria a melhor forma de compreensão da política brasileira.

Além disso, ainda que tais manifestações tivessem sido convocadas principalmente por grupos de orientação liberal (na economia) e conservadora (nos costumes), como o Vem pra Rua e o Movimento Brasil Livre, a opinião dos presentes sobre direitos sociais fundamentais estaria muito mais próxima de uma proposta “progressista” que das ideias defendidas por tais movimentos, especialmente no que se refere à gratuidade e à universalidade dos serviços públicos. Como diz o estudo,

Perguntamos aos manifestantes sua concordância com sentenças que defendiam a universalidade e a gratuidade de três serviços públicos: saúde, educação e transporte – os três serviços públicos que haviam aparecido mais frequentemente nas manifestações de junho de 2013. O grau de concordância foi muito alto. Cerca de 97% dos manifestantes concordava total ou parcialmente tanto com a universalidade, como com a gratuidade dos serviços públicos de saúde e educação, e mesmo a demanda por tarifa zero nos transportes públicos contava com a concordância total ou parcial de 50% dos manifestantes (ORTELLADO; SOLANO, 2016, p. 176-177).

Portanto, a pesquisa aponta que, ainda que tais protestos estivessem sendo convocados por grupos liberais, não era a defesa de ideias associadas à diminuição do Estado que levava as pessoas às ruas. Antes, tais manifestantes pareciam estar

movidos pela indignação em relação a toda a classe política após diversas denúncias de corrupção (uma desconfiança que se materializava principalmente no PT mas que não estava restrita a ele). O apoio a grupos como o Vem pra Rua era mais baseado na aparente “distância” da política (entendida a partir de concepções partidárias, como se a política se restringisse aos espaços de atuação do Executivo e Legislativo) que nas ideias que defendiam. E, como o relatório conclui,

Na ausência de grupos progressistas desvinculados dos partidos políticos, para além do MPL [Movimento Passe Livre], que fossem capazes de dar orientação e liderança para a indignação que foi despertada, os grupos liberais e conservadores se aproveitaram da oportunidade para moldar e explorar politicamente a insatisfação (ORTELLADO; SOLANO, 2016, p. 178).

A percepção de que diferentes lideranças seriam capazes de cooptar para si a indignação coletiva que tomava as ruas e timelines do país e, assim, divulgar e potencializar suas pautas próprias também foi apontada por Malini no estudo que analisou as discussões sobre o julgamento do Mensalão no Twitter. Ao comentar a dinâmica dos protestos de junho de 2013, o pesquisador da UFES afirmou:

As manifestações do MPL foram capazes de capturar para suas pautas a indignação das camadas médias contra a corrupção. Mas durou apenas até o dia 20 de junho. A partir do dia 21, o vácuo de indignação contra as castas do poder político seria paulatinamente ocupado por movimentos antipetistas, desconectados da agenda das demandas sociais abertas por frentes de ativistas daquele Junho (MALINI, 2017).

A indignação (com algo ou alguém, como uma situação de impunidade ou um grupo tido como oposto) como condição mais importante na atuação política que as ideias defendidas por aqueles que seriam tidos como os líderes é uma proposta de compreensão do fenômeno que ilumina algumas possibilidades de análise. Assim, movimentada junto a outros afetos (como medo ou insegurança, observados em casos que iremos apresentar no próximo capítulo), cria um estado que pode favorecer a adesão a um discurso político e ser combustível importante para a mobilização. Para discorrer sobre este ponto, voltemos à Simondon e a sua proposta de processo informacional.

Para este autor, só é informação uma operação que provoque transformações em um sistema receptor. Para que isto ocorra, é preciso que tal sistema seja metaestável - ou seja, que tenha certo equilíbrio, organização e coerência internas, mas que ainda esteja aberto a mudanças. Nos termos simondonianos, “é virtualmente *receptora* toda realidade que não possui inteiramente nela mesma a determinação do

curso de seu devir” (SIMONDON, 2020a [2010], p. 284, grifos do autor). Afinal, para o filósofo, um sistema estável é aquele completamente fechado, em que não há mais potencial para mudanças - em outras palavras, um sistema morto. E, ao comentar sobre a transdução no âmbito psicossocial, Simondon aponta que estados “tensos” seriam justamente aqueles que poderiam desencadear de forma mais eficaz um processo do gênero:

É informação a incidência que, em um grupo dado, conduz a uma mudança de equilíbrio em um certo número de indivíduos, que, pelo próprio resultado de sua mudança, desencadeia uma mudança em outros indivíduos potencializados de maneira análoga. A condição primeira é a existência, em um grande número de indivíduos, de uma metaestabilidade inicial, predeterminando seletivamente a categoria de incidências que podem desempenhar um papel eficaz de desencadeamento. Os estados tensos – medo, inquietude, esperança de transformação – são, muito geralmente, o equivalente psíquico dos regimes físicos de metaestabilidade (SIMONDON, 2020a [2010], p. 288).

Assim, individualmente, como apontamos no capítulo anterior, é preciso que o conteúdo encontre algo de diferença e algo de semelhança para que possa significar; e, a nível mais macro, os estados tensos experimentados coletivamente permitem que um grande número de indivíduos estejam “polarizados”, metaestáveis, em ponto de transformação, favorecendo que a mensagem se espalhe transdutivamente - ou seja, continuamente sendo repassada adiante, favorecendo reticulações, estruturando realidades. E, como Simondon aponta,

Nesse momento de metaestabilidade, nenhum determinismo da “boa forma” é suficiente para prever o que se produz: fenômenos como a epitaxia mostram que existe, no instante crítico (no momento em que a energia potencial é máxima), um tipo de relativa indeterminação do resultado; a presença do menor germe cristalino exterior, mesmo de outra espécie química, pode então encetar a cristalização e orientá-la. Antes do aparecimento do primeiro cristal, existe um estado de tensão que põe à disposição do mais delicado acidente local uma energia considerável. Esse estado de metaestabilidade é comparável a um estado de conflito no qual o instante de maior incerteza é precisamente o instante mais decisivo, fonte dos determinismos e das sequências genéticas que têm nele sua origem absoluta (SIMONDON, 2020b [1958], p. 347).

Assim, em momentos de grande indeterminação, dominados pelo medo, pela esperança ou pela indignação, a propaganda política com forte conteúdo emocional alastra-se como fogo em pólvora. Em paralelo, não apenas a adesão e a retransmissão têm chances de ocorrer de forma muito mais rápida, mas também as

realidades que nascem destes novos encontros podem provocar mudanças estruturais profundas, causando desestabilizações e transformações significativas. Não à toa, portanto, 2013 é mencionado tantas vezes como o início de novas dinâmicas que, hoje, marcam profundamente a política brasileira.

Alguns modos de funcionamento comentados neste capítulo estiveram muito presentes nas eleições de 2018. Neste ano, por exemplo, Jair Bolsonaro quase não tinha tempo de televisão no horário eleitoral, vultosos recursos financeiros ou alianças políticas, em comparação com a maioria dos outros candidatos, e se elegeu com uma campanha feita basicamente por redes sociais. A propaganda em prol do político frequentemente divulgava conteúdo falso, incerto e/ou com ataques ofensivos contra seus oponentes e era compartilhada em massa por aqueles que o apoiavam, no WhatsApp, no Twitter ou no Facebook. Além disso, o seu então partido, PSL, minúsculo até 2018, foi responsável por eleger a segunda maior bancada na Câmara dos Deputados, estando atrás apenas do PT. Em paralelo, mesmo os movimentos que se declaravam apartidários, como o Movimento Brasil Livre, elegeram representantes no Legislativo e podem ser considerados peças importantes no pleito daquele ano, uma vez que contribuíram, como buscaremos demonstrar adiante, com a distribuição de um material com forte rejeição à esquerda, mobilizando afetos em um universo relacionado a medo e instabilidade e que estimulava uma desconfiança com fontes tradicionais de informação, como veículos da grande imprensa. Tais mensagens, uma vez que tiveram circulação relevante em redes sociais, podem ter ajudado a potencializar um sentimento de insegurança e dado força a candidatos e discursos que se colocavam como opositores do PT ou de outros partidos e políticos de esquerda, como PSOL, PCdoB, Lula, Fernando Haddad, entre outros.

No próximo capítulo, voltaremos-nos para o período eleitoral brasileiro de 2018, buscando analisar alguns exemplos de uma propaganda política computacional que mobiliza a partir de uma afetivo-emotividade, construindo realidades e mantendo a circulação das mensagens em contínua expansão, e que encontra amplo terreno para se espalhar em momentos de tensão ou instabilidade coletivas.

## CAPÍTULO 3

### Twitter, MBL e outros seres: a comunicação e a política nas eleições brasileiras de 2018

Temos explorado, em diferentes âmbitos, a importância das noções de processo e de relação para se pensar questões que envolvem a atuação política em ambientes digitais. Nos dois capítulos iniciais, discorreremos sobre as perspectivas teóricas que norteiam este trabalho e o localizamos em relação a outros estudos na área da propaganda política computacional; agora, é chegado o momento de apresentarmos com mais detalhes nosso material empírico. Vale reforçar, porém, que buscamos entender as dinâmicas que ocorrem online a partir de forças diversas, em constante criação e recombinação. Assim, ainda que olhemos para dados de comportamento em redes sociais, não será de forma a endossar o argumento de que tais movimentações poderiam ser definidas *a priori* pelo uso de uma técnica de disseminação de mensagens ou por um conteúdo específico.

Se pensarmos os processos em uma plataforma como o Twitter como uma equalização entre os movimentos de gestão do presente por estruturas do passado e de criação constante de novas relações – ou, como comentado no primeiro capítulo, a organização como resolução da tensão entre modulação e transdução (SIMONDON, 2020a [2010]) -, podemos incluir em um mesmo sistema analítico, simultaneamente, a gestão de algoritmos, as redes de contato previamente estabelecidas, o uso de técnicas comunicacionais eficazes e consolidadas, a performance de robôs, o endosso de internautas a certos conteúdos e as possibilidades de significação imprevistas, entre outros aspectos. Neste cenário, modula-se constantemente as mensagens a que determinados perfis podem ter acesso; paralelamente, *tweets* que viralizam e discussões que chegam aos *Trending Topics* também são capazes de gerar novas realidades, modificar a estrutura pré-existente. E, nesta chave, as publicações com grande circulação ganham destaque especial: apontam para maior engajamento com o que foi publicado, permitindo observar que elementos têm desencadeado processos informacionais (SIMONDON, 2020a [2010]), e podem dar pistas sobre os modos como tem sido (re)construída a teia algorítmica que constantemente define o que deve ou não ser distribuído às diferentes timelines, com

potencial de gerar novas discussões capturando tempo e atenção dos usuários.

Além disso, se entendemos a atuação política a partir da disputa pela criação de um futuro que não está dado, a mobilização é uma importante ferramenta pela qual constrói-se um coletivo. Nesse sentido, a propaganda digital expande as possibilidades de atuação, colocando em contato indivíduos que, por outros meios, talvez não tivessem possibilidade de conexão. E, como comentamos ao longo do segundo capítulo, buscamos pensar a construção da coletividade a partir da afetividade (SIMONDON, 2020b [1958]): dessa forma, mensagens que buscam movimentar afetos podem ser meios relevantes para a estruturação de relações.

Assim, é com mensagens com grande circulação online que iremos trabalhar, buscando observar principalmente as maneiras como movimentaram uma afetividade. E, se a pesquisa se propõe a pensar as possibilidades e formas como é feita a mobilização política digital, o estudo de grupos que têm crescido online pode apontar pistas significativas para o entendimento das dinâmicas que ocorrem nesses espaços. Nesse sentido, analisar um universo comunicacional relacionado à nova direita brasileira coloca-se como um recorte relevante, uma vez que este é um campo que tem apresentado relativo sucesso em ambientes digitais nos últimos anos, conseguindo espalhar mensagens com rapidez significativa em diferentes redes sociais e conquistando adeptos a passos largos.

Como mencionamos no primeiro capítulo, “nova direita” é um termo que se refere mais a um campo de questões que a uma definição precisa de um grupo político, uma vez que se trata de um conjunto bastante heterogêneo e não há consenso entre as pesquisas da área sobre até que ponto tais movimentos constituiriam de fato uma direita “nova”. No entanto, convencionou-se utilizar a expressão para qualificar grupos e iniciativas que divulgam principalmente ideias liberais na economia e conservadoras nos costumes e, entre os diversos agentes que compõem este meio, escolhemos ter por foco a atuação do Movimento Brasil Livre (MBL) por entendermos ser ele um dos mais relevantes do gênero. Nascido no bojo das manifestações que se alastraram pelo Brasil em junho de 2013 (ROCHA, 2018), o grupo foi peça importante nos protestos que culminaram no impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016. Além disso, seus posicionamentos em casos como a iniciativa Escola sem Partido<sup>44</sup>,

---

<sup>44</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mbl-fara-marcha-pelo-escola-sem-partido-em-todo-o-pais-4i3elisi28qrft1bzodr5y1l/>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

que acusou instituições de ensino de doutrinação ideológica, ou em outras questões relativas à agenda de costumes, como a crítica a exposições sobre diversidade sexual<sup>45</sup>, tiveram grande influência em debates on e offline. Algumas ideias divulgadas pelo grupo chegaram a pautar propostas apresentadas a diferentes casas legislativas, tanto em nível municipal e estadual quanto nacional<sup>46</sup>. Atualmente, há membros do MBL que se elegeram para cargos políticos, como Kim Kataguiri, um de seus líderes e deputado federal pelo DEM-SP.

Olhar para as dinâmicas relacionadas ao MBL em ambientes digitais seria também observar os diversos planos e forças que o atravessam e que constituem importantes mobilizações políticas brasileiras. E, ao trabalharmos com as publicações sobre o grupo com maior circulação em um período específico, podemos ter pistas tanto sobre os temas e afetos que mais mobilizaram a audiência quanto acerca da estrutura técnica e política que é construída coletivamente no Twitter. Além disso, observaremos também alguns momentos em que o imprevisível se materializa de forma mais evidente, permitindo deslocamentos à tentativa de categorizar a mobilização digital como pura repetição de algo anterior.

Antes de apresentarmos os dados coletados, porém, parece-nos relevante comentar o caminho que foi feito até eles, uma vez que as possibilidades e dificuldades encontradas ao longo do processo também influenciaram na escolha do recorte para a análise.

### 3.1 Caminhos até o material

Desde o início do processo de pesquisa, gostaríamos de ter por foco o período eleitoral de 2018. O debate político online não se restringe aos meses imediatamente anteriores às eleições, mas, neste momento, ganha força significativa, uma vez que a escolha dos representantes está no centro das atenções nacionais. Além disso, no caso do Brasil, aquele ano parece ter sido um momento-chave na relação entre

---

<sup>45</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

<sup>46</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/15818/entenda-o-novo-projeto-do-escola-sem-partido-que-tramita-na-camara>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

Internet e política. Propagandas digitais e uso de redes sociais em campanhas não eram exatamente novidade em 2018 e sua importância já vinha sendo observada em disputas nacionais anteriores<sup>47</sup>. Naquele ano, porém, pela primeira vez, as mobilizações online podem ter tido mais influência nas eleições no Brasil que a televisão<sup>48</sup>, pois tivemos um presidente eleito com uma campanha feita principalmente online e vimos o candidato com maior tempo no horário eleitoral da televisão não chegar a 5% dos votos válidos. Ainda que o resultado do pleito não possa ser atribuído a um único fator ou meio de comunicação, é inegável que, a partir de 2018, a Internet ganhou relevância na esfera política, passando a ser entendida como um componente de grande importância nos debates e disputas no Brasil.

Porém, por que então não trabalhar com a campanha de Jair Bolsonaro à Presidência, uma vez que esta teve um enorme alcance digital nas eleições de 2018, e sim com um grupo como o Movimento Brasil Livre? Nossa escolha não se norteou pela maior relevância ou tamanho do fenômeno especificamente no período escolhido, mas pelas questões que o material permitiria analisar. A propaganda bolsonarista foi, inegavelmente, um sucesso gigantesco do ponto de vista de circulação e apoio digital, mas poderia nos deixar muito restritos a um campo diretamente ligado ao então candidato. Se o interesse da pesquisa não era apontar as táticas específicas de uma ou outra campanha, mas observar os modos como as mensagens políticas circulam online, que conteúdos têm conseguido maior apoio dos internautas e as relações entre diferentes atores em espaços digitais, olhar para a movimentação de um grupo político, e não para a campanha de um candidato, parecia ampliar as possibilidades de análise.

Esta possível limitação no material bolsonarista poderia ser resolvida de uma forma aparentemente simples: na raspagem dos dados<sup>49</sup>, não coletar apenas as

---

<sup>47</sup> Notícia sobre o assunto disponível em:

<[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140205\\_campanha\\_redes\\_fl](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140205_campanha_redes_fl)>. Acesso em: 1 nov. 2020.

<sup>48</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/internet-supera-tv-em-influencia-na-eleicao.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

<sup>49</sup> Em linhas gerais, trata-se do processo de utilizar um programa computacional para coletar dados gerados em outro local, como sites, aplicativos ou arquivos. No caso das redes sociais, as raspagens são feitas frequentemente para conseguir dados de comportamento dos usuários – quem publica, curte ou compartilha, o que, com quem, onde, de que forma, etc. Combinados, refinados e analisados, tais dados podem permitir conhecer as dinâmicas que ocorrem em determinada plataforma e, o que costuma ser o ponto de maior interesse, quais as preferências e hábitos dos internautas. As plataformas de redes sociais, como Facebook e Twitter, limitam os dados a que programas de raspagem podem ter acesso a partir das chamadas API (sigla em inglês para “Interface de Programação de Aplicativos”). Artigos sobre o assunto disponíveis em <<https://www.cloudflare.com/pt-br/learning/bots/what-is-data->

publicações oficiais da campanha, feitas nas redes sociais do então candidato, mas também as menções a ele postadas por diferentes perfis – assim, seria possível ver as formas como os internautas se apropriavam dos conteúdos veiculados, o que circulava mais e como. No entanto, a enorme capilaridade conseguida pela campanha de Bolsonaro tornaria este tipo de material extremamente poluído, uma vez que assuntos os mais diversos comentados em redes sociais durante o período eleitoral eram associados ao então candidato.

Dessa forma, a escolha em trabalhar com um grupo da nova direita apresentava duas vantagens significativas em relação à campanha bolsonarista: por um lado, a propaganda política veiculada por tais movimentos não estaria tão diretamente atrelada a um determinado candidato, permitindo observar dinâmicas que tinham potencial de ser mais gerais. No caso do MBL, de fato houve um apoio a Bolsonaro durante as eleições, mas apenas no segundo turno. Lideranças como Kim Kataguirí declararam voto no então candidato do PSL contra o petista Fernando Haddad, mas reforçaram que se tratava de uma escolha mais antipetista que pró-bolsonarista<sup>50</sup>. E, no primeiro turno, o MBL não apoiou oficialmente nenhum candidato. Bolsonaro não era a primeira opção do grupo, que preferia flertar com nomes como Flávio Rocha<sup>51</sup> (o empresário, porém, não chegou a concorrer). Por outro lado, ao ampliarmos o escopo de análise também para o que foi dito sobre o grupo, o volume de publicações não seria tão amplo quanto as menções a Bolsonaro. Assim, estudar as mensagens associadas ao MBL poderia permitir uma espécie de lente de aumento em dinâmicas que talvez não fossem percebidas diante de um material extenso e pulverizado demais.

Além disso, alguns métodos de sucesso empregados pelas redes sociais de Bolsonaro durante as eleições de 2018 podem ter ganhado outras nuances ou maior evidência em sua voz, mas não são exclusivos dele e já eram observados em

---

scraping/>, <<https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/raspagem-de-dados-o-que-e-e-como-se-proteger>> e <<https://canaltech.com.br/software/o-que-e-api/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>50</sup> Notícia sobre o assunto disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/eleito-deputado-federal-kim-kataguiri-declara-voto-util-em-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

<sup>51</sup> Reportagens da época sobre a relação entre o MBL e Flávio Rocha estão disponíveis em

<<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/03/flavio-rocha-o-candidato-do-mbl.html>> e

<<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/o-mbl-rompe-com-flavio-rocha.html>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ambientes digitais alguns anos antes. Aspectos como mobilização a partir de afetos como medo ou raiva, rejeição a tudo que é tido como esquerda (usando-se estereótipos do que seriam grupos ou ideias de esquerda para desqualificá-los) ou espetacularização de forma a gerar polêmica e engajamento são alguns exemplos.

Inicialmente, o projeto de pesquisa previa coletar dados de diferentes plataformas, como Twitter, Facebook, YouTube, Instagram e WhatsApp, e cruzá-los para tentar identificar também alguns pontos em comum na mobilização política nessas diferentes redes. Mas, além da necessidade de se focar as atenções em um material mais restrito diante do tempo hábil para a pesquisa, o que, portanto, já eliminaria algumas possíveis fontes, houve dificuldades na coleta mesma de tais dados.

Em primeiro lugar, é preciso apontar que as plataformas têm diminuído consideravelmente os dados que podem ser acessados por meio de APIs, o que coloca barreiras na coleta de material para análise via ferramentas de raspagem. O Facebook é um dos principais neste sentido: após a repercussão do caso Cambridge Analytica, a empresa implementou mudanças importantes nas APIs de suas plataformas<sup>52</sup> e impôs uma série de restrições nos dados que terceiros poderiam acessar. É preciso dizer que isso não significa necessariamente que tais informações não estão mais sendo coletadas, mas sim que a empresa restringiu o acesso a elas. Tais ações foram justificadas como medidas para aumentar a segurança dos usuários da rede social; no entanto, em termos de pesquisa, passou a ser difícil conseguir um material que fosse representativo das dinâmicas que ocorrem nela, seja com ferramentas pagas, gratuitas ou softwares desenvolvidos em universidades. Por um lado, há uma tentativa de barrar abusos cometidos por terceiros que poderiam acessar dados de comportamento de usuários; por outro, tais restrições tornaram a plataforma ainda mais opaca para iniciativas que buscam entender e possam questionar as dinâmicas que ocorrem nela. O Twitter, por sua vez, é uma das redes sociais em que é possível conseguir mais material; portanto, ela passou a ser o principal foco na busca por dados para a pesquisa.

---

<sup>52</sup> As restrições colocadas pelo Facebook em abril de 2018 estiveram entre as mais significativas e invalidaram uma série de ferramentas de raspagem de dados, tanto entre os softwares livres quanto entre os proprietários. Artigo com um resumo das principais mudanças neste sentido está disponível em: <https://raccoon.ag/blog/facebook-e-instagram-anunciam-mudancas-em-apis-apos-caso-cambridge-analytica/>. Acesso em: 30 out. 2020.

Além da limitação nos dados que poderiam ser obtidos, havia a questão de como coletá-los. E, por alguns instantes, recorreremos à primeira pessoa do singular para descrever parte deste cenário, uma vez que também esteve relacionado a uma trajetória profissional individual. Como mencionado na introdução desta dissertação, trabalhei com análise de dados de ambientes digitais durante os três anos anteriores ao ingresso no mestrado. Mas, ainda que estivesse relativamente acostumada a softwares de raspagem, eu lidava principalmente com ferramentas proprietárias de terceiros ou criadas pela própria empresa em que estava. Entre os sistemas de coleta desenvolvidos por terceiros, pode-se citar, como exemplo, o Sysomos<sup>53</sup>, que, a partir de palavras-chave ou uma *query* booleana<sup>54</sup>, fornecia, entre outras informações, o número total de menções a um determinado assunto em diferentes plataformas, a distribuição das publicações ao longo do tempo, as características demográficas (gênero do autor e local da publicação), as hashtags mais utilizadas ou as mensagens com maior engajamento. Esta ferramenta coletava dados de diversas fontes, entre Twitter, Facebook, YouTube, Instagram, Tumblr, blogs e sites de notícias, mas era mais precisa na primeira, especialmente para o Brasil ou o filtro em português. No caso das demais redes sociais, tinha-se principalmente a questão da limitação nas APIs; para os blogs e sites de notícias, a coleta depende também das fontes que são cadastradas no sistema, e há portais que poderiam ser relevantes em uma busca nacional que não eram contemplados pelo Sysomos, uma ferramenta de origem canadense. Neste caso, utilizávamos no trabalho o NewsMonitor<sup>55</sup>, um software brasileiro de *clipping* de notícias que, a partir de palavras-chave ou uma *query* booleana, poderia listar tudo o que foi publicado sobre um assunto em certo período.

---

<sup>53</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://sysomos.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

<sup>54</sup> Em linhas gerais, a *query* booleana permite conjugar diferentes palavras-chave de busca ou refinar os resultados a partir de conectores como AND, OR, AND NOT. Por exemplo, caso um mesmo tema de interesse esteja sendo mencionado de diferentes formas, é possível buscar ambas, ainda que não necessariamente apareçam juntas (Lula OR moluscão). Se for necessário buscar uma questão específica sobre um tema de interesse, há como pedir que o sistema colete apenas publicações que contenham duas ou mais palavras-chave, juntas (Lula AND prisão). Ou, ainda, caso se queira eliminar um universo de publicações entre as que contenham a palavra-chave de interesse, é possível pedir que o sistema retorne apenas o que não contenha certos termos (Lula AND NOT “lula molusco”). É possível conjugar tais conectores e ir formando uma *query* mais refinada, colocando diferentes variações lexicais, formas de menção a um assunto ou termos que não interessam. Por exemplo: ((Lula OR moluscão) AND (prisão OR preso OR detido)) AND NOT (“lula molusco” OR “lula frita”). Os conectores podem sofrer pequenas variações a depender do sistema utilizado. Neste link, há um manual, em inglês, sobre como usar esse tipo de recurso: <<https://firstdraftnews.org/latest/boolean-basics-how-to-write-a-search-query-for-newsgathering-that-works/>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

<sup>55</sup> A ferramenta está disponível em: <[https://newsmonitor.com.br](https://newsmonitor.com.br/)>. Acesso em: 2 nov. 2020.

Ainda sobre sites, também era possível coletar dados sobre a audiência de diferentes portais, como número total de visitas mensais, visitantes únicos, origem do tráfego, entre outros. Para isso, recorria-se ao SimilarWeb<sup>56</sup>. Esta ferramenta, inclusive, permite fazer algumas análises de audiência mesmo na versão gratuita, ainda que os dados que forneça para os não-assinantes do serviço sejam bem mais restritos.

Especialmente após abril de 2018, quando as restrições na API do Facebook passaram a ser mais rígidas, tornou-se muito difícil analisar o que ocorria nesta rede social. No entanto, tínhamos outras maneiras de tentar, de alguma forma, observar algumas dinâmicas que também se davam nela. A partir do Spike<sup>57</sup>, ligado ao NewsWhip, era possível acessar uma lista com os links com mais engajamento em redes sociais em um período temporal selecionado. Por esta ferramenta, via-se as notícias (sejam estas de veículos jornalísticos ou produzidas por sites de *fake news*) com maior volume de *likes*, comentários e compartilhamentos no Facebook ou *likes* e *retweets* no Twitter, observando que assuntos mais mobilizavam a opinião pública em espaços digitais em dado momento.

Não seria possível adquirir as ferramentas pagas para coletar o material, uma vez que o valor para acessar este tipo de software costuma ser relativamente alto. Outra possibilidade seria aprender a programar e raspar eu mesma os dados de que precisava, mas não havia tempo hábil no mestrado para isso e minha familiaridade com programação é básica. Assim, em um primeiro momento, pensei que uma solução poderia ser encontrar ferramentas gratuitas para coletar o material.

No entanto, ainda que existam diferentes opções de sistemas gratuitos e/ou livres para capturar dados de ambientes digitais, aqueles a que tive acesso possuíam limitações significativas. Por exemplo, há casos em que a ferramenta fornece principalmente uma escala das movimentações online, com poucos detalhes sobre as dinâmicas que compõem certo universo - o que poderia auxiliar algumas análises pontuais, mas não parecia ser suficiente para uma pesquisa de mestrado. Um caso deste tipo é o Google Trends<sup>58</sup>, uma ferramenta da própria Google que, a partir de um termo de pesquisa, mostra um gráfico com o volume de buscas sobre o tema feitas

---

<sup>56</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://www.similarweb.com>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

<sup>57</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://www.newswhip.com/spike-social-media-monitoring>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

<sup>58</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://trends.google.com.br/>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

na plataforma ao longo do tempo (em uma escala que vai de 0 a 100; portanto, o valor 100 refere-se ao dia em que houve mais pesquisas usando tal termo, e não que foram feitas 100 ou 100 mil buscas) e os principais assuntos e consultas relacionados, entre outras informações. A maior utilidade desta ferramenta é dar pistas sobre o modo como certas questões podem estar circulando em ambientes digitais ou a maneira como estão despertando o interesse da população. Por exemplo, em agosto de 2017, quando se pesquisava o termo “feminicídio”, o sistema apontava que as principais consultas relacionadas estavam em uma chave de tentar entender o que era o assunto, como “o que é feminicídio?”<sup>59</sup> – vale dizer que, à época, a lei do feminicídio (Lei 13.104/15) tinha entrado em vigor havia relativamente pouco tempo, em março de 2015. Atualmente, as buscas apontam que, de forma geral, a população já está mais familiarizada com o termo: em 2 de novembro de 2020, entre as principais consultas relacionadas a feminicídio feitas nos 12 meses anteriores, figuravam “taxa de feminicídio no Brasil 2020” e “feminicídio no Brasil dados 2019”.

O Google Trends também tem sido usado para se medir um potencial interesse da população em diferentes candidatos durante as eleições (como complemento às pesquisas tradicionais de intenção de voto), pois mostra que políticos estão sendo mais buscados na plataforma e a maneira como é feita a busca – já que a procura associada a termos como “corrupção” difere bastante de uma que pesquisa “propostas” ou “número do candidato”. Além disso, nos casos em que há uma grande indecisão entre o eleitorado e a escolha é definida poucas horas antes de votar, um crescimento súbito nas buscas por um político na reta final da corrida eleitoral captaria movimentações que as últimas pesquisas de intenção de voto poderiam não ser capazes de mapear. Em artigo publicado na revista Piauí<sup>60</sup>, José Roberto de Toledo divulgou um estudo feito por funcionários da Google que traz alguns dados nesse sentido: em 2018, Wilson Witzel (PSC) tinha apenas 12% da preferência dos eleitores para o governo do Rio de Janeiro na última pesquisa Ibope realizada antes do primeiro turno, divulgada no dia anterior à votação. No entanto, ele conquistou 41% dos votos e conseguiu ir para o segundo turno, posteriormente se elegendo governador. No Google, as buscas pelo candidato às vésperas da votação tiveram um salto expressivo, aumentando 19 vezes na semana anterior ao primeiro turno. Algo similar também foi

---

<sup>59</sup> Artigo sobre o assunto disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/bites/precisamos-falar-sobre-femic%C3%ADdio/1634366693280134/>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/google-antecipa-a-urna/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

observado durante as eleições municipais de 2020: na cidade de São Paulo, as pesquisas de intenção de voto apontavam que Bruno Covas (PSDB) tinha a preferência da população na disputa pela prefeitura, mas o segundo nome que poderia ir para o segundo turno estava indefinido entre Guilherme Boulos (PSOL), Márcio França (PSB) e Celso Russomanno (Republicanos). O Google Trends, porém, apontou que as buscas pelo psolista tiveram um crescimento acelerado na reta final da campanha, e o interesse digital teve seu paralelo nas urnas: Covas e Boulos passaram para o segundo turno.

Em outros casos de sistemas gratuitos usados para minerar dados de ambientes online, o volume de publicações coletadas é baixo, ainda que bem detalhado, e não se sabe a sua real representatividade nas discussões sobre certo assunto. Neste sentido, uma das melhores ferramentas gratuitas para raspagem de dados digitais que encontrei foi o Netlytic<sup>61</sup>. Este sistema tem a vantagem de gerar grafos automaticamente a partir dos dados capturados, permitindo ver a formação de *clusters*. Porém, no caso do Twitter, traz apenas 1.000 *tweets* por vez e permite coletas a cada 15 minutos. É um bom software para uso em questões com pouca repercussão; mas, quando o assunto está relacionado a política, é comum que as discussões pautem publicações na casa das dezenas ou centenas de milhares. Para se ter uma noção da escala do volume de menções a tais questões na plataforma, o Twitter divulgou<sup>62</sup> que houve 165 milhões de *tweets* relacionados às eleições entre 16 de agosto e 28 de outubro de 2018.

Para além do tipo de dado que os sistemas gratuitos fornecem, também havia a limitação no tempo de publicação que a busca poderia coletar. O Netlytic, por exemplo, permite capturar *tweets* feitos apenas até uma semana antes da coleta. Por sua vez, o yourTwapperKeeper<sup>63</sup> poderia fornecer dados detalhados sobre as publicações no Twitter, mas exige um conhecimento maior de programação e suas coletas são realizadas em tempo real. E, a princípio, gostaríamos de trabalhar nesta pesquisa com o período eleitoral de 2018, como dito anteriormente. Assim, pretendia-

---

<sup>61</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://netlytic.org/>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

<sup>62</sup> Publicação sobre o assunto disponível em:

<[https://blog.twitter.com/pt\\_br/topics/company/2018/como-foram-as-eleicoes-2018-no-twitter.html](https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2018/como-foram-as-eleicoes-2018-no-twitter.html)>. A nota, porém, não deixa claro qual foi a metodologia utilizada para chegar a este número. Acesso em: 23 mar. 2021.

<sup>63</sup> A ferramenta está disponível em: <<https://github.com/540co/yourTwapperKeeper>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

se esgotar as possibilidades de coleta, buscando formas de ter acesso a dados daquele ano, antes de ter que mudar o recorte da pesquisa para um evento mais recente<sup>64</sup>. Portanto, paralelamente ao trabalho exploratório com as ferramentas gratuitas, fui tentando algumas parcerias com institutos de pesquisa que já tivessem trabalhos em andamento de coleta e sistematização de dados<sup>65</sup>.

Eu sabia que, ao menos em algumas ferramentas pagas que conhecia, era possível coletar dados retroativamente no máximo até um ano. Em agosto de 2019, entrei em contato com a empresa em que eu havia trabalhado antes de ingressar no mestrado, perguntei se poderiam me fornecer dados para a pesquisa e cederam-me o acesso ao Sysomos para que eu coletasse o que precisava. Vale dizer que não me forneceram diretamente os dados, mas o login para utilizar a ferramenta – portanto, os dados foram coletados por mim. A única condicional é que utilizasse o sistema de madrugada, para que não atrapalhasse os trabalhos que estavam sendo feitos durante o horário comercial. Ou seja, a coleta esteve sob minha inteira responsabilidade. Algumas limitações nos dados dizem respeito a uma filtragem realizada pela própria ferramenta.

Assim, busquei as menções ao Movimento Brasil Livre no Twitter entre 16 de agosto e 28 de outubro de 2018, ou do início do período oficial de propaganda eleitoral até o segundo turno das eleições. Na mineração, utilizei a *query* booleana (mblivre OR mbl OR “movimento brasil livre”), de forma que poderia tanto trazer o que foi publicado pelo perfil oficial do grupo (@mblivre) quanto o que foi dito sobre ele. Na busca por mensagens brasileiras, utilizei o filtro de linguagem em vez do geográfico para fazer a coleta, pois a busca do Sysomos pelo Brasil no Twitter às vezes apresentava falhas: na comparação com o filtro em português, o volume de resultados era muito menor e não condizia com o que poderia ser uma proporção dos falantes de português do Brasil. A diferença, porém, poderia ser explicada por uma limitação

---

<sup>64</sup> Vale dizer que, em janeiro de 2021, o Twitter lançou um projeto para fornecer dados gratuitamente para pesquisas acadêmicas, inclusive o histórico de conversas. À época em que o produto foi disponibilizado, porém, esta pesquisa já estava em andamento. Mais informações em: <[https://blog.twitter.com/pt\\_br/topics/product/2019/-um-novo-passo-para-o-futuro-da-pesquisa-academica-com-a-api-do-.html](https://blog.twitter.com/pt_br/topics/product/2019/-um-novo-passo-para-o-futuro-da-pesquisa-academica-com-a-api-do-.html)>. Acesso em: 23 mar. 2021.

<sup>65</sup> O primeiro contato que realizei foi com o LABIC, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). No início, as conversas fluíram bem e cheguei a enviar os documentos de que precisavam para me fornecer o material. Após algum tempo, porém, não obtive mais resposta. Mas, enquanto ainda conversávamos, me foi dito que estavam com pouco pessoal no laboratório e a demanda estava muito alta e que, portanto, talvez não conseguissem me disponibilizar os dados.

na ferramenta: ao explicitar sua metodologia<sup>66</sup> em relatórios que divulgou ao público, o Sysomos apontou que os dados sobre a localização e a idade do autor de uma publicação são coletados de seu perfil no Twitter – portanto, dependem da forma como o usuário preencheu sua própria identificação. Dessa forma, a coleta em português permite também ter acesso a mensagens publicadas por perfis que não declaram sua localização ou que digam estar em outros países. Há a possibilidade de que o montante total coletado esteja poluído por algumas menções em português a MBL que não necessariamente se refiram ao grupo; no entanto, o sistema permite visualizar algumas publicações e, entre essas, não havia casos do tipo – o que indica que, ainda que *tweets* indesejados tenham sido coletados junto, sua presença é mínima e não compromete os dados que obtivemos.

Além do número total de mensagens, coletei o gráfico com a curva de publicações feitas ao longo do tempo, as 10 hashtags mais utilizadas, a nuvem de palavras mais frequentes e os conteúdos e links dos 100 *tweets* sobre o grupo com maior volume de RTs. Uma vez que uma das questões que mais importavam à pesquisa era observar o que mobilizava as audiências e como, detive-me principalmente sobre estas 100 publicações.

A ferramenta fornece o número total de publicações que contenham as palavras-chave da *query* de busca e algumas análises, mas não é possível coletar os links, o conteúdo ou os metadados de todos os *tweets* sobre o assunto. Há simultaneamente uma vantagem e uma limitação no uso de ferramentas pagas: este tipo de sistema já trabalha os dados e fornece uma visualização intuitiva do material, com gráficos e algumas medidas percentuais, entre outros recursos; portanto, é uma ferramenta interessante para aqueles que não têm conhecimentos de programação ou de sistemas de visualização de dados. Porém, não permite acessar o material “bruto”, o que faz com que a manipulação dos dados fique mais restrita. No caso do Sysomos, o material fornecido é insuficiente para gerar grafos e, assim, observar a formação de redes. Para isso, seria necessário ter dados sobre quais usuários compartilharam certa mensagem, ou quais perfis seguem quem. Esta ferramenta permite saber o número total de RTs nas publicações com maior circulação, mas não o conjunto de usuários responsáveis pelos RTs.

Dessa forma, este trabalho possui algumas diferenças significativas em relação

---

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://sysomos.com/inside-twitter/#methodology>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

a outras pesquisas que têm sido desenvolvidas no Brasil sobre a propaganda política computacional. Fábio Malini, da UFES, costuma fazer análise de redes, apontando os diferentes *clusters* que se formam online a partir de dados do Twitter (como em MALINI, 2016, ou MALINI, 2017). Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro, da USP, por sua vez, trabalham principalmente com dados do Facebook e analisam, entre outras questões, a polarização online, apontando como, ao longo do tempo, os grupos “antipetista” e “anti-antipetista” foram ficando cada vez mais disparatados (em ORTELLADO; RIBEIRO, 2018a, ou ORTELLADO; RIBEIRO, 2018c). Resende et al. (2019) demonstraram como o WhatsApp pode funcionar como uma rede social, e não apenas como um aplicativo de mensagens instantâneas, mostrando que há usuários que participam de mais de um grupo de discussão sobre política e formam fortes conexões entre eles, favorecendo a distribuição de desinformação.

Aqui, por outro lado, ainda que não seja possível visualizar as diferentes teias que se formam online por meio de grafos, a partir das mensagens com maior volume de RTs iremos observar as publicações que tiveram maior circulação no intuito de realizar uma leitura qualitativa do material cujo objetivo é levantar hipóteses sobre como mobilizaram os afetos da audiência e atingiram maior ou menor circulação. Neste sentido, apontamos algumas semelhanças com o trabalho desenvolvido por Evangelista e Bruno (2019), que analisaram as mensagens contendo desinformação com maior circulação no WhatsApp em grupos políticos durante o mês que antecedeu as eleições de 2018. A dupla de pesquisadores destacou, entre outras características, que o antipetismo e o ataque a direitos LGBTQ+ e a mulheres deram o tom das 8 imagens mais compartilhadas. Ou, ainda, o trabalho realizado por Ortellado e Ribeiro (2018b) sobre os primeiros 40 dias da campanha de Jair Bolsonaro no Facebook, que apontou que os três temas que dominaram as publicações mais compartilhadas no período foram feminismo, antipetismo e anti-Globo.

Em nosso material, não é possível definir se as mensagens foram compartilhadas por *bots* ou por humanos, uma vez que há restrições nos dados sobre os perfis que deram os RTs. Porém, não excluimos a atuação deste tipo de agente: consideramo-la como parte integrante das dinâmicas que ocorrem em ambientes digitais. Assim, é provável que o compartilhamento das mensagens que analisaremos a seguir tenha sido feito tanto por perfis “humanos” quanto por robôs. Como aponta Regattieri (2019), as relações entre diferentes agentes digitais têm se tornado

extremamente imbricadas: não raro, há robôs que simulam o que seria um comportamento humano, e humanos que agem de acordo com o que se tem por robôs. De acordo com esta autora,

Mais do que identificar se um perfil é uma entidade autômata, um robô social, importa o modo como esse perfil se agencia em rede alterando a si próprio e o comportamento dos demais perfis, transformando as políticas de circulação das informações em uma rede social. (REGATTIERI, 2019, p. 3)

Neste sentido, o estudo das publicações com maior volume de RTs poderá apontar pistas interessantes na relação entre estrutura técnica e significação, uma vez que conjuga compartilhamento em massa e engajamento, endosso e replicação automática a partir de palavras-chave, sejam feitos por humanos ou *bots*. Dessa forma, a provável presença de agentes técnicos no material coloca variáveis e encontros que nos parecem relevantes e que serão levados em conta na análise, e a escolha por trabalhar com um universo relacionado ao MBL também é norteadada pela observação de que este é um grupo que consegue aliar de forma bastante eficaz estes diferentes aspectos. Não buscamos “limpar” o material da ação de agentes “inorgânicos” ou “inautênticos”, mas observar de que forma elementos diversos combinam-se e recombina-se no ecossistema da Internet.

Esse exame das mensagens com mais RTs não se dará objetivando olhar para perfis com maior influência, mas para os *tweets* que mais circularam e podem revelar aspectos que têm potencial de grande mobilização. Assim, nosso intuito é investigar de que forma as relações podem estar sendo construídas em ambientes digitais e quais os principais potenciais afetivos que a comunicação política computacional tem concretizado.

### 3.2 O MBL no Twitter<sup>67</sup>

Como dissemos anteriormente, parte da escolha por focar as atenções no Twitter veio do fato de que esta é a rede social em que foi possível coletar um volume mais relevante de dados. Porém, é claro, este não foi o único motivo. Afinal, a

---

<sup>67</sup> Parte do material presente nesta seção já foi por mim analisado, apresentado e publicado em anais no III Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet, realizado em outubro de 2019 em Manaus. Os anais encontram-se em: <<http://redegobernanca.net.br/index.php/encontro-anual/anais-terceiro-encontro>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

plataforma tem importância nos debates e mobilizações digitais, e observar as movimentações que ocorrem nela poderia trazer contribuições para o campo de estudo da propaganda política computacional no Brasil. Com grande potencial de conexão entre usuários sem ligação prévia a partir de recursos como *hashtags* ou *Trending Topics* e a alta velocidade com que mensagens conseguem circular, o Twitter tem sido presença constante em diversas manifestações no Brasil e no mundo na última década (TUFEKCI, 2017).

De acordo a empresa alemã de pesquisas Statista, havia cerca de 14,5 milhões de usuários do Twitter no Brasil em janeiro de 2021<sup>68</sup>. E, segundo a plataforma SimilarWeb, em dezembro de 2020 a rede social foi o décimo site mais visitado no país, com cerca de 285 milhões de acessos em um mês<sup>69</sup>. Além disso, o Twitter insere-se em uma dinâmica rede que interconecta diferentes meios de comunicação, como Instagram, Facebook, WhatsApp, Rede Globo, Uol, Folha de S. Paulo e outras redes sociais e veículos de imprensa, alimentando-os e sendo alimentado por eles. É comum, por exemplo, observar *prints* de *tweets* sendo publicados no Instagram, como em páginas de memes<sup>70</sup>, ou discussões que ocorrem no Twitter serem pauta de notícias<sup>71</sup> ou de programas e publicações de entretenimento<sup>72</sup>, com jornalistas ou apresentadores comentando o que mais foi falado na rede social. Ao mesmo tempo, dinâmicas que ocorrem em outros espaços também pautam fortemente os debates no Twitter, como críticas à cobertura da imprensa<sup>73</sup> sobre determinado assunto, comentários sobre atrações televisivas<sup>74</sup> ou divulgação de conteúdo oriundo de outras redes sociais<sup>75</sup>. Ou seja, é possível dizer que a plataforma tem relevância nacional,

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.statista.com/forecasts/1146589/twitter-users-in-brazil>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

<sup>69</sup> Na lista, vieram antes os endereços [google.com](http://google.com), [youtube.com](http://youtube.com), [facebook.com](http://facebook.com), [instagram.com](http://instagram.com), [xvideos.com](http://xvideos.com), [globo.com](http://globo.com), [google.com.br](http://google.com.br), [uol.com.br](http://uol.com.br) e [mercadolivre.com.br](http://mercadolivre.com.br), nesta ordem. A classificação dos principais sites acessados no país está disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/top-websites/brazil/>>. A lista refere-se, geralmente, ao mês anterior, mas há sempre a indicação da última atualização. Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>70</sup> Exemplo disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CK4hnunL1JE/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>71</sup> Exemplo disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/03/12/discurso-de-lula-gerou-25-milhoes-de-publicacoes-no-twitter.ghtml>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>72</sup> Exemplo disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/20/athur-machista-escroto-twitter.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>73</sup> Exemplo disponível em: <<https://twitter.com/JornalismoWando/status/1373236240875655169>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>74</sup> Exemplo disponível em: <<https://twitter.com/sensacionalista/status/1363683777663426566>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>75</sup> Exemplo disponível em: <<https://twitter.com/LucasRannigel/status/1274432137916284929>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

utilizada por grande volume de brasileiros, com uma audiência mensal significativa e um lugar importante na teia comunicacional brasileira. É preciso ter em mente, porém, que as dinâmicas que ocorrem nela não se referem à totalidade da população do Brasil, nem ao conjunto dos usuários da Internet no país.

Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2018 (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2019), cerca de 126,9 milhões de brasileiros utilizavam a Internet naquele ano, ou 70% da população do país com dez anos ou mais. O acesso a esta tecnologia, além de não ser universal, ocorre de forma desigual. O uso da Internet esteve acima dos 90% entre os indivíduos de classes A e B, mas abaixo dos 50% entre a população D e E. Entre os brasileiros com Ensino Superior, 95% tinham acesso à Internet em 2018, contra 57% daqueles com Ensino Fundamental. Além disso, entre as pessoas que se declararam usuárias da rede, 92% disseram ter enviado mensagens por aplicativos como o WhatsApp, e 75% utilizaram redes sociais, entre as quais está o Twitter. Ou seja, ao analisar as movimentações que se dão em uma plataforma específica e que necessita de conexão para ser acessada, há recortes que se colocam, como renda, escolaridade e hábitos de uso. Trabalhar com o Twitter, portanto, é olhar para um campo determinado, que possui tanto aspectos importantes para as pesquisas da área quanto limitações que precisam ser apontadas para que os resultados possam ser bem contextualizados.

A partir do Sysomos, observamos que houve pouco mais de um milhão (mais precisamente, 1.089.234 *tweets*) de publicações sobre o MBL em português no Twitter no período eleitoral de 2018. Como apontado, não analisaremos todo o montante de menções ao grupo, mas as 100 mensagens com maior compartilhamento. Tais publicações, porém, estão presentes em cerca de 23,2% do total coletado: somando-se o número de RTs registrado pela ferramenta nestes 100 *tweets*, tem-se um volume de 253.035 mensagens.

A coleta do material foi feita em agosto de 2019 e, desde então, o número total de RTs em cada mensagem tem caído. É possível que alguns perfis que compartilharam as publicações em 2018 não existam mais, uma vez que o Twitter tem feito movimentos de suspender contas que divulgam conteúdo extremista, *fake news* ou discurso de ódio<sup>76</sup>. Nos comentários de algumas mensagens, inclusive, observa-

---

<sup>76</sup> Notícia sobre o assunto disponível em:

<[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/01/12/interna\\_politica,1228362/twitter-suspende-perfis-bolsonaristas-e-com-conteudo-extremista-no-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/01/12/interna_politica,1228362/twitter-suspende-perfis-bolsonaristas-e-com-conteudo-extremista-no-brasil.shtml)>. Acesso em: 6 fev. 2021.

se que grande parte das respostas ao post original foi apagada. No corpo desta dissertação, quando for mencionado o número total de RTs em uma publicação, faremos referência ao dado obtido em 2019. Não houve um caso analisado em que o volume de RTs se manteve o mesmo desde a coleta. Como disponibilizaremos também o link para o *tweet* original, é preciso ter em mente que os detalhes sobre o compartilhamento da mensagem no momento em que o link será acessado não serão os mesmos que apontaremos aqui.

### 3.2.1 Oposição à esquerda

No material, chama a atenção a forte presença de menções a questões relacionadas à esquerda - e feitas não apenas pelo MBL, mas também por opositores do grupo. Entre as 100 mensagens com mais RTs, 65 utilizaram termos como PT<sup>77</sup>, PSOL<sup>78</sup>, esquerdista<sup>79</sup>, comunista<sup>80</sup>, petista<sup>81</sup>, Lula<sup>82</sup>, Dilma<sup>83</sup>, Haddad<sup>84</sup>, Boulos<sup>85</sup>, Manuela D'Ávila<sup>86</sup>, Gleisi Hoffmann<sup>87</sup>, Marielle Franco<sup>88</sup>, José Dirceu<sup>89</sup> e Venezuela<sup>90</sup>.

---

<sup>77</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1045715802312384513>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>78</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1037476378827010048>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>79</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1038063484204986370>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>80</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1037855302304124929>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>81</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1033755137704173568>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>82</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1043552407706324992>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>83</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1050531159002763264>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>84</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1053335388528484355>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>85</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1030633572644937728>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>86</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1055136928532783104>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>87</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1053049551375007744>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>88</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<[http://twitter.com/Madson\\_Rbj/statuses/1037800341251792896](http://twitter.com/Madson_Rbj/statuses/1037800341251792896)>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>89</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1046062106292998144>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>90</sup> Exemplo de publicação com o termo disponível em:

<<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1032725666419146753>>. Acesso em: 27 out. 2020.

É preciso lembrar que o grupo nasceu e se fortaleceu em um contexto de oposição ao governo de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, não seria de se estranhar que, de tempos em tempos, houvesse certa reciclagem de um discurso que foi fundamental em sua fundação. No entanto, chama a atenção a presença e a força dos comentários nessa chave – e, agora, não apenas direcionados ao PT, mas a tudo o que é reconhecido como associado ao campo político da esquerda.

Esta espécie de excesso fica ainda mais evidente quando olhamos para os modos como o grupo se define. Em seu perfil oficial no Twitter<sup>91</sup>, o MBL afirma ser “uma entidade suprapartidária que visa a [sic] mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”. Na página oficial no Facebook<sup>92</sup>, a descrição ainda acrescenta que o grupo defende “a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia”. E, em seu site oficial<sup>93</sup>, o grupo divulgava<sup>94</sup> um documento elaborado em novembro de 2015 com uma lista das políticas públicas que defendia para o país. Ali, era possível observar que grande parte das propostas tinha influência do pensamento neoliberal, como: “gestão privada de escolas públicas”, “abertura de mercado hospitalar a empresas estrangeiras”, “privatizar ou transformar em PPPs os serviços de saneamento básico dos municípios”, “a lei trabalhista deve ser modificada para que os acordos bilaterais se sobreponham aos direitos atuais”, “fim da função social da propriedade. A propriedade privada não pode ser relativizada”, entre outras (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, 2015). Desburocratização, privatização, abertura do mercado nacional ao capital estrangeiro e redução de impostos eram propostas constantes no texto.

Mas, ainda que o MBL se apresente como um defensor do liberalismo econômico, nas 100 mensagens que mais circularam relacionadas ao grupo as discussões sobre pautas relacionadas a tal corrente ideológica não foram relevantes. Ou seja, é possível dizer que, à época das eleições, a principal força do grupo, tanto entre apoiadores quanto entre opositores, vinha do fato de que o MBL era entendido como um opositor da esquerda, e não como um defensor das causas liberais.

---

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre>>. Acesso em: 29 out. 2020.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://mbl.org.br/>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

<sup>94</sup> Durante a pesquisa, o site do MBL passou por uma reformulação e o documento citado foi tirado do ar.

Há apenas uma publicação que, de forma secundária, fez menção a uma das pautas do liberalismo: a diminuição do tamanho do Estado. No entanto, a força da mensagem parece estar muito mais em uma crítica ao PT que em uma defesa de tal proposta. Em 4 de setembro, o perfil oficial do MBL publicou: “O PT inventou uma Copa do Mundo, uma Olimpíada [*sic*], um trem-bala que nunca saiu do papel, mais de 40 estatais que só dão prejuízo e agora querem colocar a culpa da suposta falta de dinheiro no teto de gastos. São uns canalhas e merecem a lata de lixo da história”<sup>95</sup>. Neste texto, o uso do verbo “inventar” chama a atenção: o partido foi acusado não apenas de desorganização com as contas públicas, mas de fazer uma gestão que não condiz com a realidade. Diminuir o tamanho do Estado é uma tarefa séria, que exige análise, planejamento, gestão, entre outros aspectos. A mensagem, porém, não discute tal proposta, mas gera uma insegurança em relação ao adversário, taxando-o como desorganizado, irresponsável e, a depender da interpretação, louco. O *tweet* teve, à época, 1,5 mil RTs e foi o 58º mais compartilhado.

Há um forte componente emocional nas publicações do grupo: a rejeição à esquerda foi mobilizada a partir de afetos como medo, desconfiança, desprezo ou raiva. Não houve uma tentativa de discutir propostas de políticas públicas - ainda que críticas ao que já foi feito pela esquerda em outros governos tenham surgido em alguns momentos, não foram colocadas de forma a pontuar as propostas do MBL para o problema. Antes, buscou-se fechar a questão com acusações como “ladrão”, “corrupto”, “hipócrita”, etc.

Em 30 de setembro, o perfil oficial do MBL publicou<sup>96</sup>: “Você realmente sabe quem é Haddad?”, junto a um vídeo em que são feitas pesquisas no Google (FIG. 1) como “pior prefeito do Brasil” (nos resultados, aparecem links para pesquisas que apontam que seria o petista), “Fernando Haddad corrupção”, “Fernando Haddad enriquecimento ilícito”, “Fernando Haddad caixa 2”, “Fernando Haddad superfaturamento de obras”, “Fernando Haddad lavagem de dinheiro”, “Fernando Haddad formação de quadrilha” (nos resultados destes últimos, há links para notícias para as acusações contra o petista). A trilha sonora é tensa, como em um filme de terror. Este *tweet* foi o 4º de maior compartilhamento entre os analisados, com 6,4 mil

---

<sup>95</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1036980436231225345>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>96</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1046393047016243200>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

RTs. O que importa, neste tipo de publicação, não parece ser fomentar uma discussão, mas, a partir de uma música que pode desencadear medo e a repetição de acusações que geram insegurança, associar a figura de Haddad à de bandido. Não há um debate sobre o que seriam essas acusações feitas contra Haddad ou a metodologia da pesquisa que o apontou como pior prefeito do país.

FIGURA 1 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE FERNANDO HADDAD



Fonte: Twitter

Em publicação feita alguns dias antes, de 26 de setembro, o MBL também divulgou um vídeo com críticas a Haddad<sup>97</sup>, mas em outro tom. Dessa vez, o vídeo é humorístico e traz a legenda “Não é difícil imaginar por que #HaddadAmarelou. Quem

<sup>97</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1044993322450931718>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

lembra o que aconteceu no Jornal Nacional? Aliás, fizemos uma edição mostrando as mentiras dele naquela sabatina”. O grupo utilizou a fala de encerramento do então candidato em entrevista ao Jornal Nacional, mas a editou: a cada declaração de Haddad sobre bons aspectos de governos petistas anteriores, são exibidas manchetes de notícias que estariam contradizendo o que ele argumenta. Por exemplo, quando o petista afirma que “era Universidade para Todos”, aparece uma notícia cujo título é “Só 14% dos adultos brasileiros têm ensino superior, diz relatório da OCDE”. Ou, quando diz “geramos 20 milhões de empregos em 12 anos”, surge a manchete “Desemprego é de 11,8% e atinge 12 milhões de trabalhadores, diz IBGE”. O formato não é exatamente novo: em outros momentos, já observamos a tática de questionar o que um político está declarando apresentando outra perspectiva, trazendo uma reportagem ou relatório com uma leitura dos dados que vai contra o que é afirmado. No entanto, chama a atenção o tom que o vídeo adquire mais ou menos a partir de sua metade. A imagem é editada de forma que Haddad ganha um nariz de palhaço (FIG. 2), e começa a tocar uma música que lembra uma temática de circo. Assim, busca-se rir do candidato, desqualificando-o e menosprezando-o. A diferença com a mensagem citada anteriormente, portanto, é grande: no outro vídeo, o candidato provoca medo, é uma ameaça. Aqui, o tom é de escárnio, e Haddad é colocado em uma posição que o inferioriza. Este *tweet*, porém, teve menos sucesso que o anterior: à época de sua publicação, foi compartilhado 2,3 mil vezes. É o 39º no ranking das mais mensagens com mais RTs.

Um tema que apareceu com alguma frequência entre as mensagens do grupo é a situação da Venezuela, buscando associar o PT, Lula, o PSOL ou a esquerda, de forma mais genérica, ao país. Houve duas correntes argumentativas principais (ainda que apareçam bem entrelaçadas em diferentes momentos): a questão do regime ditatorial, especialmente quando são feitas menções a Nicolás Maduro<sup>98</sup>, e a crise econômica, que seria decorrência do “socialismo”<sup>99</sup>. Ambos os tipos de argumento foram construídos de forma a gerar medo e/ou insegurança caso se opte pelo caminho da “esquerda”. Houve, por exemplo, acusações de que os venezuelanos passariam

---

<sup>98</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1056266939058786304>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>99</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1045675417590484994>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

fome<sup>100</sup> e que fariam “fila para comer carne estragada”<sup>101</sup>. Em nosso material, há cinco publicações que mencionam o país ou o seu presidente. O número pode parecer pequeno diante do volume total; porém, uma delas figura entre as 10 mensagens com maior compartilhamento. Em 12 de outubro, o perfil do MBL publicou: “Oi, @ptbrasil. Vi que vocês apagaram posts apoiando Maduro. Está tudo bem?”<sup>102</sup> (FIG. 3). O *tweet* foi o 8º com mais RTs, compartilhado 5,6 mil vezes.

## FIGURA 2 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE FERNANDO HADDAD



1:53 PM · 26 de set de 2018 · Twitter Web Client

Fonte: Twitter

<sup>100</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1031594672794345472>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>101</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1032725666419146753>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>102</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1050895526131105792>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

### FIGURA 3 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE PT E NICOLÁS MADURO



MBL - Movimento Brasil Livre 🇧🇷 🇺🇲  
@MBLivre

Oi, @ptbrasil

vi que vocês apagaram posts apoiando Maduro.  
Está tudo bem?

8:46 PM · 12 de out de 2018 · Twitter Web Client

Fonte: Twitter

Acusações de que o PT seria favorável à violência ou apoiado por grupos antidemocráticos não se restringiram a associações com a Venezuela: a 16ª publicação com maior volume de RTs, 4,7 mil, destacou que o partido teria relações com as FARC, da Colômbia. A mensagem, publicada em 16 de outubro, afirma que “Imprensa inventa nazista apoiando Bolsonaro; Bolsonaro rejeita apoio. Imprensa procura KKK apoiando Bolsonaro; Bolsonaro rejeita apoio. Grupo terrorista narcotraficante FARC apoia PT; PT publica nota da FARC em seu site e chama todos para conferirem. A moral do PT é essa”<sup>103</sup>. Ou seja, o texto trabalha com uma espécie de oposição: Bolsonaro rejeitaria extremistas como nazistas e supremacistas brancos, mas o PT seria favorável ao “grupo terrorista narcotraficante”.

É interessante observar uma mensagem publicada por um internauta que se declara apoiador do MBL e antipetista, mas que escolheu votar em Haddad contra Bolsonaro. Logo antes do segundo turno, em 27 de outubro, ele escreveu: “Defendi o ‘golpe’ bem antes de ser cool. Tenho orgulho de ter ido à Paulista várias vezes. Eu tava com o MBL quando superamos as Diretas Já. Sou antipetista de carteirinha. Infelizmente, me separo dos colegas agora. O antipetismo escolheu o pior líder possível. Vou votar 13”<sup>104</sup>. A publicação teve 4,7 mil RTs, a 17ª com maior compartilhamento.

Questões relacionadas à esquerda foram temas mobilizadores também entre os opositores do MBL. Em 6 de setembro de 2018, o grupo publicou: “Você que relativiza a facada no Bolsonaro: você é um bosta”<sup>105</sup>. No mesmo dia, um internauta

<sup>103</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1052275208143409152>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

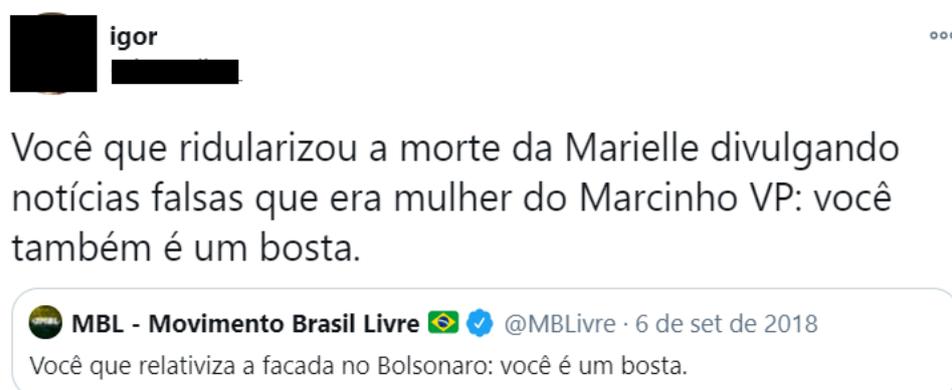
<sup>104</sup> Publicação disponível em: <[https://twitter.com/P\\_droMenezes/status/1056196572306964481](https://twitter.com/P_droMenezes/status/1056196572306964481)>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>105</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1037799002388004865>>.

comentou a mensagem, escrevendo: “Você que ridularizou [sic] a morte da Marielle divulgando notícias falsas que era mulher do Marcinho VP: você também é um bosta”<sup>106</sup> (FIG. 4). A resposta foi o segundo *tweet* sobre o grupo com maior alcance, somando 9,9 mil RTs. Outra publicação, com 5 mil RTs, também questionou o *tweet* do grupo, afirmando: “Falou a turma que relativizou os 4 tiros na cabeça da Marielle”<sup>107</sup>. E foi a 12ª com maior compartilhamento.

A forma como uma mensagem vai impactar a audiência, porém, nunca é totalmente previsível: a publicação com maior volume de RTs sobre o MBL em todo o período foi uma que ironizou o discurso do grupo. Ao compartilhar um *tweet* do MBL com as hashtags #PTNã e #PTNunca, um internauta comentou: “eu falando comigo mesmo antes de ir pro role”<sup>108</sup> (FIG. 5), em uma referência à expressão popular “dar PT” (ou “perda total”, usada também quando alguém ingere álcool demais e passa mal). A mensagem teve 18 mil RTs.

#### FIGURA 4 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE MARIELLE FRANCO E NOTÍCIAS FALSAS



5:29 PM · 6 de set de 2018 · Twitter for iPhone

Fonte: Twitter

Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>106</sup> Publicação disponível em: <[https://twitter.com/igorsdias\\_/status/1037799897741836288](https://twitter.com/igorsdias_/status/1037799897741836288)>.

Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>107</sup> Publicação disponível em: <[https://twitter.com/Madson\\_Rbj/status/1037800341251792896](https://twitter.com/Madson_Rbj/status/1037800341251792896)>.

Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>108</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/davibrasilb/status/1046577185887318016>>.

Acesso em: 8 fev. 2021.

FIGURA 5 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE #PTNÃO



Fonte: Twitter

### 3.2.2 Menções a candidatos à Presidência

Evangelista e Bruno (2019), ao analisar mensagens em grupos políticos no WhatsApp, também apontaram que as acusações contra a esquerda são constantes. Porém, de acordo com os pesquisadores, não havia menção aos candidatos presidenciais entre as publicações com desinformação que mais circularam no aplicativo no mês anterior ao primeiro turno das eleições de 2018 – e, nisso, nosso material do Twitter se coloca com alguma diferença. Entre as 100 publicações relativas ao MBL com mais RTs, 49 citaram ao menos um dos presidenciáveis. É preciso destacar que há diferenças nos recortes de análise, o que pode influenciar nos resultados: Evangelista e Bruno, ainda que também tenham trabalhado com as mensagens com maior circulação em uma plataforma, analisaram apenas as que continham desinformação e restringiram-se às 8 principais. Porém, o fato de que os candidatos foram citados em quase metade de nosso material é algo que,

comparativamente, nos chama a atenção.

Jair Bolsonaro foi o candidato mais mencionado, citado em 31 *tweets* (falaremos mais dele adiante). Em seguida, veio Fernando Haddad, presente em 15 publicações. Guilherme Boulos (PSOL) ficou em terceiro, com 4 mensagens. Ciro Gomes (PDT) foi citado 3 vezes. Manuela D'Ávila aparece em 2 publicações e, por último, vêm Marina Silva (Rede) e Geraldo Alckmin (PSDB), com uma menção cada.

Além dos argumentos sobre Haddad já mencionados, como acusações de corrupção<sup>109</sup> e apoio a regimes autoritários<sup>110</sup>, o petista foi criticado por supostamente ter compartilhado *fake news*<sup>111</sup> e feito uma péssima gestão à frente do Ministério da Educação<sup>112</sup> e da prefeitura de São Paulo<sup>113</sup>. As principais narrativas associadas a Boulos foram a de “não trabalhar”<sup>114</sup> e a de “invadir casa dos outros”<sup>115</sup> (FIG. 6). Ciro Gomes, por sua vez, foi chamado de agressor de jornalistas<sup>116</sup> (FIG. 7). Manuela D'Ávila foi acusada de compartilhar informações errôneas<sup>117</sup> e ironizada ao se confundir e falar “nossa hipocrisia”<sup>118</sup>. Observa-se, portanto, que os artifícios de tratar candidatos ora como uma ameaça, violentos, descontrolados ou corruptos, ora como desprezíveis, dignos de riso, se repetem também entre outros políticos do campo mais à esquerda.

---

<sup>109</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1041345640234659840>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>110</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1049419757064282113>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>111</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1050010308402696192>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>112</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1039973345201147904>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>113</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1044372156216487936>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>114</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1048240695163715585>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>115</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1030633572644937728>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>116</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1041341770683109376>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>117</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1055136928532783104>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>118</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1048222321780183041>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

## FIGURA 6 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE GUILHERME BOULOS



MBL - Movimento Brasil Livre 🇧🇷 ✓  
@MBLivre

Boulos: Ganho minha vida honestamente  
Quando foi que invadir casa dos outros virou  
honestidade?

[#DebateRedeTV](#)

10:52 PM · 17 de ago de 2018 · Twitter Web Client

Fonte: Twitter

## FIGURA 7 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE CIRO GOMES



MBL - Movimento Brasil Livre 🇧🇷 ✓  
@MBLivre

...

Ciro Gomes agredindo um jornalista. Tudo normal para  
um presidienciável.



12:03 PM · 16 de set de 2018 · Twitter Web Client

Fonte: Twitter

Geraldo Alckmin e Marina Silva, por sua vez, não sofreram críticas ou acusações tão contundentes neste universo de publicações relacionadas ao MBL. O primeiro foi citado em *tweet* do jornal Estadão de 27 de setembro que divulgou notícia de título “Líder do MBL pede renúncia de Alckmin e defende Bolsonaro”<sup>119</sup>. Já a segunda foi associada ao grupo em *tweet* feito por Carlos Bolsonaro que comentou uma publicação da Gazeta do Povo sobre a presidenciável ter utilizado uma arma na infância para se defender de ataques sexuais. O vereador do Rio de Janeiro afirmou, em 27 de agosto: “Meninos’ da Gazeta, sabemos como jogam. Já que não conseguiram derrubar agora criam a narrativa para tentar fazer os ‘parças’ do MBL subir nas costas de quem sempre bateram! É feio demais! Quanto ao uso de armas da Marina, ok. O problema é ser hipócrita para atacar Bolsonaro”<sup>120</sup>.

### 3.2.3 Jair Bolsonaro

O então candidato pelo PSL foi citado em quase um terço de nosso material. E, no caso dele, parece-nos interessante apresentar as publicações com mais detalhes a partir de uma linha do tempo, pois as mensagens com maior circulação que citaram o MBL e Bolsonaro sofreram algumas modificações ao longo do período eleitoral.

Em agosto, Bolsonaro foi citado 8 vezes em associação com o grupo. Dessas, 4 foram pautadas pela entrevista no Jornal Nacional. A questão do apoio à ditadura no Brasil e o kit gay foram os aspectos que chamaram mais a atenção. O perfil do MBL elogiou a performance do político, afirmando “Bolsonaro ta indo muito bem. Expondo kit gay e tudo ao vivo no jornal nacional”<sup>121</sup> – vale lembrar que as pautas de costumes e as acusações de que haveria uma tentativa de “sexualizar nossas crianças” são bastante caras ao grupo (voltaremos a isso adiante). O *tweet* teve 1,1 mil RTs.

Logo depois, o MBL publicou: “Globo repete o erro da Globo News e fala de 64. Bolsonaro cita Roberto Marinho”<sup>122</sup>, publicação que teve 1,2 mil RTs. A questão é

---

<sup>119</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/Estadao/status/1045357398586621954>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>120</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1034217085411446784>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>121</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1034590124124905472>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>122</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1034591616491761664>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

controversa: apoiou-se a “lacrção” de Bolsonaro, pois, ao ser questionado sobre o apoio ao golpe militar de 1964, o político mencionou que o fundador da empresa também foi favorável, à época. Mas, o que isso quer dizer? Muito comum (e, em alguma medida, valorizada) em redes sociais, a chamada “lacrção” ocorre quando alguém manda um argumento supostamente tão infalível em uma discussão que o oponente fica desarmado, sem resposta, impedido de continuar argumentando, “lacrado”. O recurso retórico da lacrção movimenta sentimentos como vingança, conquista, derrota do oponente, dando vazão a uma espécie de raiva e esvaziando o argumento das propostas que ele pode conter. Fecha-se a questão “humilhando” o outro lado – ainda que, em alguns momentos, a lacrção seja percebida de maneira diferente. Aquele que mandou o argumento “lacrador” sente-se poderoso e vencedor e termina o debate, mas não necessariamente o outro lado acha que perdeu ou que não há nada mais a ser conversado. Dessa forma, a lacrção, na prática, impede que haja de fato uma troca, tornando as discussões uma espécie de ringue de humilhação – quanto mais espetacular, melhor.

No caso mencionado no *tweet*, Bolsonaro estava sendo questionado por apoio à ditadura; isto não sairia de pauta porque o fundador da emissora também declarou ser favorável (e vale dizer que a Globo havia reconhecido o erro em editorial de 2013<sup>123</sup>). Se um dos principais argumentos contra a esquerda entre o universo do MBL, como mencionamos, foi um apoio a governos autoritários, como a Venezuela, por que a questão do regime militar no Brasil não causaria o mesmo questionamento?

Aqui, porém, não buscamos apontar que o MBL ou seus apoiadores estariam sendo hipócritas ao comemorar o argumento lacrador de apoio ao golpe militar, pois entendemos que há nuances na situação. É possível que seja o caso; mas, mais que fechar a questão em uma causa ou entendimento únicos, nosso intuito é ampliar as possibilidades de leitura, observar que outros mecanismos podem estar em jogo quando argumentos a princípio similares provocam reações tão diferentes. E, neste caso, os sentimentos de humilhação do oponente e de vitória no debate, mobilizados pela lacrção, parecem ser mais importantes que o conteúdo do argumento que está em questão.

Em paralelo, a ditadura no Brasil não foi um governo de esquerda e nem é

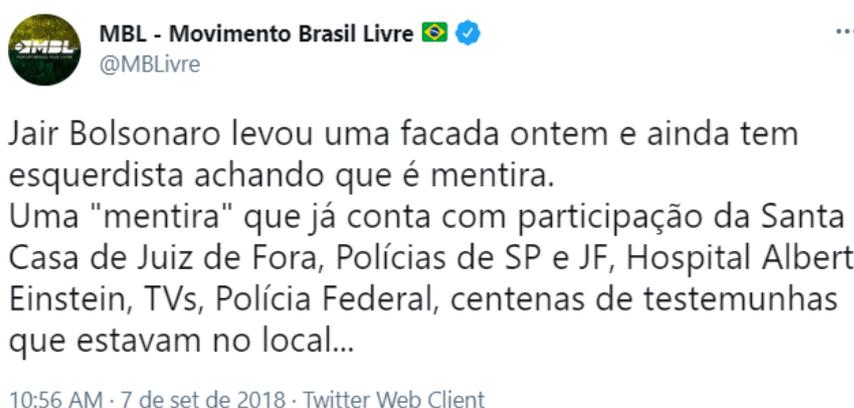
---

<sup>123</sup> Editorial disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

entendida como tal pela opinião pública, portanto poderia ter possibilidades de significação mais maleáveis entre grupos que se declaram opositores da esquerda. A Venezuela parece ser o grande símbolo, entre o MBL e seus apoiadores, de um governo autoritário – e é fortemente associada ao socialismo. Como comentamos anteriormente, questões relacionadas à esquerda são evocadas constantemente como uma ameaça: não há discussões sobre o que seria este tipo de corrente na política, ou mesmo nuances entre diferentes governos, líderes e movimentos. A ditadura brasileira, portanto, por não se encaixar na caixinha pré-formatada do que seria a esquerda, não provocaria a mesma ojeriza imediata que menções à Venezuela.

Mas, voltemos à linha do tempo. Em setembro, a facada em Bolsonaro ocorrida durante comício em Juiz de Fora no dia 6 deu o tom das menções a ele com maior compartilhamento no universo de mensagens sobre o MBL: nove entre as 11 publicações feitas naquele mês pautaram-se pelo ocorrido. No entanto, em nenhuma delas há um forte apoio político ao então candidato. O tom geral é de desejo de melhoras<sup>124</sup> ou críticas às acusações de que a facada teria sido encenada – nesse sentido, o MBL aproveita para alfinetar “esquerdistas” que estariam espalhando que o ocorrido seria mentira, acusando-os de divulgar *fake news*<sup>125</sup> (FIG. 8).

#### FIGURA 8 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE A FACADA EM BOLSONARO



Fonte: Twitter

Uma das mensagens, porém, vale maior destaque. No mesmo dia em que

<sup>124</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1037812540238123012>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>125</sup> Publicações disponíveis em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1037836781968941056>> e <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1038063484204986370>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

ocorreu a facada, o MBL, que defende a pauta armamentista, publicou: "Ah mas Bolsonaro defende armamento, seria muito pior se tivesse porte de arma'. O sujeito anti-armamentou [*sic*] tentou matá-lo com uma faca. Apoiadores do Bolsonaro -alguns armados - não revidaram, mas conduziram o militante comunista para uma delegacia. Entenderam?"<sup>126</sup>. O *tweet* teve 4,8 mil RTs, sendo o 15º mais compartilhado em nosso material. Nos comentários, houve algumas mensagens de apoio que afirmam, entre outros, que apenas "pessoas de bem" e "civilizadas" teriam porte de arma e fariam uso só em caso de necessidade<sup>127</sup>.

Não havia indícios de que Adélio Bispo, o autor do atentado, seria anti-armamento, mas o argumento funciona entre os apoiadores do grupo pelas acusações de que o agressor teria sido filiado ao PSOL, portanto seria de esquerda – afinal, "militante comunista" também é uma das formas como ele é caracterizado. Porém, uma reportagem da Folha de S. Paulo<sup>128</sup> publicada no mesmo 6 de setembro e apontando que Adélio foi membro do partido de 2007 a 2014 também destaca que ele havia frequentado uma escola de tiro alguns meses antes do atentado.

Em outubro, o tom das associações entre MBL e Bolsonaro mudou consideravelmente: o grupo entrou de vez na campanha pelo candidato. Além disso, das 31 menções ao político em nosso material, 10 ocorreram entre o primeiro e o segundo turno. Porém, este apoio se deu menos por um endosso das propostas de Bolsonaro que por um entendimento de que ele seria o grande opositor do PT. Por exemplo, no dia 8 daquele mês, o grupo publicou: "Bolsonaro ganhou em 5 das 9 capitais do nordeste. O PT perdeu 10 milhões de votos na região de 2014 pra cá. Parabéns ao povo nordestino. Falta pouco para todos nós nos livrarmos da quadrilha petista"<sup>129</sup> (FIG. 9). O *tweet* teve 5,5 mil RTs, o 9º com mais compartilhamento em nosso material. Logo em seguida, porém, o grupo afirmou que o número correto seria 6,5 milhões de votos a menos e que comparou o segundo turno de 2014 com o

---

<sup>126</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1037855302304124929>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>127</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/cazedosanjos/status/1037856159452069888>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>128</sup> Reportagem disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-psol.shtml>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>129</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1049294966944620545>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

primeiro de 2018<sup>130</sup>. O MBL não informou qual foi a sua fonte, mas, se olharmos para os dados referentes aos candidatos presidenciais do PT entre o segundo turno de 2014 e o primeiro de 2018 divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral<sup>131</sup>, a queda foi de 5,6 milhões. No entanto, vale dizer que, no primeiro turno, é natural que cada candidato tenha menos votos, uma vez que há mais opções que no segundo, quando se escolhe entre dois nomes. Assim, se compararmos apenas os primeiros turnos de 2014 e de 2018, o presidenciável petista teve 1,8 milhão de votos a menos. Ou seja, no mínimo é possível dizer que o MBL se apropriou de dados existentes e os interpretou da forma como lhe foi mais conveniente, uma vez que foi criado um paralelo entre momentos que a princípio não seriam comparáveis.

#### FIGURA 9 - PUBLICAÇÕES NO TWITTER SOBRE VOTOS NO PT NO NORDESTE

**MBL - Movimento Brasil Livre**   
 @MBLivre

Bolsonaro ganhou em 5 das 9 capitais do nordeste. O PT perdeu 10 milhões de votos na região de 2014 pra cá. Parabéns ao povo nordestino. Falta pouco para todos nós nos livrarmos da quadrilha petista.

10:46 AM · 8 de out de 2018 · Twitter Web Client

4.739 Retweets 227 Tweets com comentário 18,4 mil Curtidas

**MBL - Movimento Brasil Livre** @MBLivre · 8 de out de 2018   
 Em resposta a @MBLivre

Correção: o PT perdeu 6.5 milhões de votos (comparando segundo turno de 2014 com primeiro turno de 18). Continua sendo uma baita vitória contra o PT.

7 180 1,2 mil

Fonte: Twitter

Uma associação entre Bolsonaro e MBL contra a esquerda também foi destaque entre os opositores do candidato e do grupo em outubro<sup>132</sup>. O MBL não era

<sup>130</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1049323760095059968>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>131</sup> Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

<sup>132</sup> O MBL não domina completamente a pauta nos *tweets* em que é mencionado – o que, diante do grande volume de publicações sobre ele, seria praticamente impossível. Mensagens de seus opositores

um defensor enfático da campanha bolsonarista, ainda que não tenha sido um crítico do político entre agosto e outubro de 2018. Além disso, logo após o pleito, no início de 2019, o grupo rompeu<sup>133</sup> com o já então presidente. Porém, em outubro ambos eram vistos por seus opositores como muito alinhados. A terceira mensagem com maior volume de RTs no período eleitoral, compartilhada 7,3 mil vezes e publicada no dia 11 daquele mês, afirmou: “Se meu programa de governo parecesse um powerpoint feito pelo meu vizinho de 13 anos que assiste vídeo do MBL eu também não ia querer debater com o professor de ciência política da USP”<sup>134</sup>. Outro *tweet*, do dia 5 de outubro e o 14º no ranking de maior compartilhamento, afirmou: “Filha do Cunha com Bolsonaro. Centrão com Bolsonaro. MDB com Bolsonaro. Edir Macedo e grande mídia com Bolsonaro. Eunício Oliveira com Bolsonaro. DEM com Bolsonaro. Fundador do PSDB com Bolsonaro. MBL com Bolsonaro. Minion retardado: Bolsonaro é o Antissistema, por isso é odiado!!1!”<sup>135</sup> (FIG. 10). A mensagem teve 5 mil RTs.

#### FIGURA 10 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE APOIO A BOLSONARO



**Jovens Reacionários**  
@jovensreacinhas

Filha do Cunha com Bolsonaro  
Centrão com Bolsonaro  
MDB com Bolsonaro  
Edir Macedo e grande mídia com Bolsonaro  
Eunício Oliveira com Bolsonaro  
DEM com Bolsonaro  
Fundador do PSDB com Bolsonaro  
MBL com Bolsonaro

Minion retardado: "Bolsonaro é o Antissistema , por  
isso é odiado!!1!

5:36 PM · 5 de out de 2018 · Twitter Web Client

Fonte: Twitter

também têm força, mas, ainda assim, o grupo pauta a maioria dos *tweets* sobre ele com grande circulação. Entre as 10 mensagens com mais RTs, 6 foram publicadas pelo perfil oficial do MBL. No material como um todo, há 74 publicações do perfil oficial, contra 26 de outros – entre essas, há tanto *tweets* de oposição quanto de apoio.

<sup>133</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/mbl-abre-dissidencia-virtual-e-critica-atuacao-de-bolsonaro-nas-redes-sociais.shtml>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>134</sup> Publicação disponível em: <[https://twitter.com/mari\\_fonseca/status/1050544993591541760](https://twitter.com/mari_fonseca/status/1050544993591541760)>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>135</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/jovensreacinhas/status/1048310879719231490>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

### 3.2.4 Gênero, raça e LGBTQ+

Questões relativas a mulheres, negros e/ou pessoas LGBTQ+ estiveram presentes no material: entre as 100 mensagens com mais RTs, 12 mencionaram ao menos uma de tais pautas. A forma como os assuntos foram abordados, porém, não foi homogênea.

Em 10 de outubro, o grupo publicou: “Sobre minorias: Números de assassinatos de negros aumentou 58% durante o governo do PT; de mulheres aumentou 18%; de gays, aumentou 242%. O PT nunca teve capacidade de defender minorias nem qualquer brasileiro e ainda fala em desencarcerar mais bandidos agora. Vergonha”<sup>136</sup> (FIG. 11). Com 6 mil RTs, esta mensagem foi a 6ª mais compartilhada no período. É importante pontuar, assim como no caso do *tweet* sobre o total de votos que o PT teria recebido na região Nordeste, que a validade desses dados, ou ao menos a forma como foram utilizados, é questionável. Em *tweet* publicado em sequência, o grupo afirmou que as fontes para o comentário foram o Atlas da Violência e o Grupo Gay da Bahia, divulgando os sites de onde teriam tirado tais números<sup>137</sup>. Ao entrar no primeiro link, entre as possibilidades de acesso aos dados sobre homicídios no país, é possível visualizá-los por raça e por gênero e ao longo dos anos. Então, comparando-se os números absolutos de assassinatos de negros e de mulheres nos anos de 2003 e de 2016 (início e fim dos governos petistas), de fato tem-se um crescimento de 58% nas mortes do primeiro grupo e de 18% nas do segundo. Porém, uma análise deste tipo sobre a questão da violência também deveria levar em conta variáveis como a ampliação da população - afinal, trata-se de um período de mais de uma década, em que há mudanças significativas no universo analisado. Se, diferentemente do que foi feito pelo MBL, olharmos para as taxas por 100 mil habitantes, observa-se que, no mesmo período, houve um aumento de cerca de 17% nos homicídios de negros e de 3% nos de mulheres. Ou seja, os números mencionados pelo grupo não são falsos, mas, da forma como foram apresentados, podem levar a uma interpretação errônea. No Atlas da Violência, não foram encontrados dados sobre a sexualidade das vítimas. Assim, é possível que a fonte

---

<sup>136</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1050037474192445440>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>137</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1050037714589020160>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

para os números citados pelo MBL sobre assassinatos de homossexuais tenha sido o Grupo Gay da Bahia; o conteúdo do link divulgado no *tweet*, porém, foi apagado.

Mas, não pareceu ser do interesse do grupo fomentar uma discussão qualificada sobre os assuntos levantados – por exemplo, o que poderia ter causado tais aumentos? Há variações no crescimento de homicídios ao longo dos anos? Houve políticas públicas implementadas? Elas impactaram em algo? Se o governo do PT não teria sido capaz de defender minorias, de que forma as propostas do MBL (ou de Bolsonaro, a quem o grupo já havia declarado apoio) poderiam defendê-las? A argumentação simplista facilita a circulação da mensagem e cumpre rapidamente o seu propósito: desqualificar o inimigo.

#### FIGURA 11 - PUBLICAÇÕES NO TWITTER SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MINORIAS



**MBL - Movimento Brasil Livre** 🇧🇷 ✓  
@MBLivre

Sobre minorias:  
Números de assassinatos de negros aumentou 58% durante o governo do PT; de mulheres aumentou 18%; de gays, aumentou 242%.

O PT nunca teve capacidade de defender minorias nem qualquer brasileiro e ainda fala em desencarcerar mais bandidos agora. Vergonha.

11:56 AM · 10 de out de 2018 · Twitter Web Client

**5.092** Retweets   **211** Tweets com comentário   **12,3 mil** Curtidas

**MBL - Movimento Brasil Livre** 🇧🇷 ✓ @MBLivre · 10 de out de 2018

Em resposta a @MBLivre

Fontes: Atlas da Violência ( [ipea.gov.br/atlasviolencia/](http://ipea.gov.br/atlasviolencia/) ✓ )  
e Grupo Gay da Bahia ( [homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relato...](http://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relato...) ✓ )

4   153   499

Fonte: Twitter

Anterior à checagem dos dados, aqui, seria o questionamento do que eles trazem – e, portanto, uma reflexão. Se a publicação trabalha com a mobilização de

afetos, tais *tweets* não são lidos na chave do “racional”, em um debate de ideias. E, neste tipo de mecanismo, pouco importa se a mensagem é verdadeira ou falsa: ao mobilizar algo, ao provocar uma alteração no equilíbrio do leitor, ela cumpre o seu papel.

Se observarmos outras publicações feitas pelo grupo sobre minorias, vemos que defendê-las não é exatamente a sua prioridade – não à toa, Fernando Holiday, vereador pela cidade de São Paulo e um dos nomes mais expoentes do MBL, declarou em janeiro de 2021 que estava oficialmente deixando o grupo e um dos motivos para isso seria que a causa LGBTQ+ não está entre as prioridades do movimento<sup>138</sup>. O MBL foi um dos grupos que fizeram barulho contra um suposto “kit gay” que estaria sendo utilizado em escolas para “influenciar” a sexualidade de crianças – na verdade, o que existiu foi um material que fazia parte do projeto Escola sem Homofobia e que buscava promover o respeito e a não-discriminação a diferentes orientações sexuais<sup>139</sup>, mas foi vetado pelo Governo Federal em 2011 e não chegou a ser distribuído. Bolsonaro alardeou amplamente a questão do kit gay em 2018, afirmando que era uma forma de estimular a homossexualidade em crianças, no que foi apoiado pelo MBL<sup>140</sup>. No entanto, por diversas vezes o então candidato citou livros e peças audiovisuais que não faziam parte do material que seria destinado a escolas. Um desses momentos foi durante a entrevista ao Jornal Nacional, já mencionada, em que Bolsonaro apresentou o livro “Aparelho Sexual e Cia”, que de fato possui alguns desenhos mais explícitos, e o relacionou ao “kit gay”. A obra, porém, é destinada justamente àqueles que querem explicar a crianças o que é o sexo, e não tem ligação com o projeto federal contra a homofobia<sup>141</sup>.

Assuntos relativos a mulheres e a negros tiveram menos força em nosso material que a questão LGBTQ+, impulsionada principalmente pelo “kit gay”. Pautas como feminismo e combate ao racismo foram apresentadas como inferiores e de maneira simplista, sem contextualização, em tom quase de escárnio, mesmo quando

---

<sup>138</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o-combate-ao-aborto-e-a-cao-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>139</sup> Reportagem sobre o assunto disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381\\_052616.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>140</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1034590124124905472>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>141</sup> Artigo sobre o assunto disponível em: <<https://apublica.org/2018/10/truco-haddad-nao-criou-o-kit-gay/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

mencionadas de forma mais indireta. Em 8 de outubro, por exemplo, o grupo publicou: “Parlamentar recordista com 2 milhões de votos é mulher. Mas não vale por que [sic] faz parte da ‘onda conservadora’. Então tá, né?”<sup>142</sup>, em referência à deputada estadual Janaína Paschoal<sup>143</sup>, de São Paulo. O *tweet* teve 3,8 mil RTs, o 23º com maior compartilhamento.

## FIGURA 12 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE JÚLIO COCIELO



Fonte: Twitter

Ou em 13 de setembro, quando o MBL questionou uma decisão do Ministério Público em relação ao youtuber Júlio Cocielo, afirmando que “Um youtuber moleque que fez uma piada vai ter que pagar uma multa 7 vezes mais cara que a multa que o

<sup>142</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1049349013080821766>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>143</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/janaina-paschoal-e-a-deputada-mais-votada-da-historia-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Dirceu teve que pagar no mensalão. Que justiça é essa?”<sup>144</sup> (FIG. 12). A “piada” do “moleque”, porém, foi uma ofensa racial contra o jogador de futebol Mbappé. Durante a Copa do Mundo de 2018, Cocielo disse que o atleta “conseguiria fazer uns arrastão top na praia”<sup>145</sup>. A publicação do MBL sobre o assunto foi a 13<sup>o</sup> mais compartilhada em nosso material, com 5 mil RTs.

### 3.2.5 Ataques à imprensa e fake news

Ao analisar os primeiros dias da campanha de Jair Bolsonaro no Facebook, Ortellado e Ribeiro (2018b) apontaram que críticas à Rede Globo estiveram entre os 3 temas mais recorrentes nas publicações mais compartilhadas. Em nosso material, houve um movimento similar: os ataques à imprensa. Há 22 mensagens com acusações como manipulação, parcialidade ou partidarismo, feitas de forma genérica ou atacando empresas e veículos específicos como Globo, Globo News, Jornal Nacional<sup>146</sup>, Piauí<sup>147</sup>, Exame<sup>148</sup> e Folha de S. Paulo, ou jornalistas, como Leonardo Sakamoto, do Uol.

Ainda que, como mencionamos anteriormente, o MBL declare na descrição de sua página oficial no Facebook que defende “a Liberdade de Expressão e de Imprensa”, houve uma tentativa constante de desacreditar a mídia tradicional, com apoio entre o universo do grupo. Um dos principais argumentos utilizados nesse sentido foi a acusação de que a imprensa seria tendenciosa em prol de grupos de esquerda, especialmente o PT, e que faria o que fosse preciso para favorecer os partidos supostamente “amigos”. Em 21 de outubro, um pouco antes do segundo turno, o perfil oficial do MBL publicou: “Se preparem que essa semana será a semana mais suja da história da imprensa e do PT”<sup>149</sup>. A mensagem teve 5,3 mil RTs e foi a 10<sup>a</sup>

<sup>144</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1040335648643788800>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>145</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/promotoria-cobra-7-milhoes-de-julio-cocielo-youtuber-que-ofendeu-mbappe-23068559>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>146</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1034783186193145857>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>147</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1053026363945492480>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>148</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1053049551375007744>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>149</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1054195913277825025>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

com maior compartilhamento.

Tais argumentos mesclaram-se com acusações de manipulação, como em mensagem do dia 11 de outubro: o MBL publicou uma imagem que compara duas manchetes, “Manifestante atropelado em confusão sofreu traumatismo craniano” (a vítima era favorável à prisão de Lula) e “Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país”. Na legenda, o grupo escreveu: “alguém explica o tratamento diferenciado?”<sup>150</sup>. O *tweet* teve 1,7 mil RTs.

Foi frequente também um movimento de dizer que a imprensa publicaria *fake news* – o que ganha contornos interessantes após as diversas acusações recentes de que grupos da nova direita estariam propagando desinformação. Algum tempo antes do período analisado neste trabalho, em julho de 2018, o Facebook havia excluído cerca de 200 páginas de sua plataforma afirmando que faziam parte de uma “rede coordenada” que utilizava contas falsas para divulgar *fake news*<sup>151</sup>. A ação da empresa afetou coordenadores do MBL e o grupo a acusou de censura. À época, o jornalista Leonardo Sakamoto divulgou, em sua coluna do Uol, que o Facebook havia removido “rede ligada ao MBL por manipulação do debate público”<sup>152</sup>. Em agosto, o MBL seguia atacando o jornalista, acusando-o de parcialidade e manipulação: no dia 28 daquele mês, o MBL publicou *tweet*<sup>153</sup> questionando motivos pelos quais Sakamoto não havia comentado acusações de que um deputado petista teria pago influenciadores para divulgar conteúdo favorável ao partido<sup>154</sup> (FIG. 13).

Debates sobre a questão das *fake news* foram relevantes no universo do MBL, presentes em 18 *tweets* em nosso material – desses, 7 figuram entre os 22 que fazem ataques à imprensa. Opositores do grupo acusaram-no de divulgar desinformação, enquanto o MBL e seus apoiadores disseminaram o argumento de que a mídia tradicional e/ou a esquerda é que propagaram dados distorcidos ou mentiras. Nesse

<sup>150</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1050371849950060546>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>151</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>152</sup> Artigo disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/07/25/facebook-remove-rede-ligada-ao-mbl-por-manipulacao-do-debate-publico/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>153</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1034502070777331713>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>154</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/deutschewelle/2018/08/29/como-funcionava-o-mensalinho-do-twitter.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

sentido, a 45ª mensagem em nosso ranking de compartilhamento é bastante significativa. Em 18 de outubro, o MBL escreveu: “O PT, e a imprensa, principalmente Folha e Globo News, estão juntos criando a narrativa que as eleições estão sendo influenciadas por Fake News. Já desistiram da campanha normal e só martelam a tese das Fake News o dia todo - mesmo eles próprios mentindo a rodo”<sup>155</sup>. O *tweet* teve 2 mil RTs. Vale lembrar que 18 de outubro foi também o dia em que foi publicada a reportagem de Patrícia Campos Mello<sup>156</sup> na Folha de S. Paulo revelando que empresários favoráveis a Bolsonaro tinham contratado serviço de disparo em massa de mensagens contra o PT no WhatsApp.

FIGURA 13 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE LEONARDO SAKAMOTO



Fonte: Twitter

<sup>155</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1052903787243954176>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>156</sup> Notícia sobre o assunto disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

O grupo buscou descredibilizar as acusações de que o WhatsApp foi utilizado para campanha antipetista, afirmando que a notícia se tratava de “estratégia” do PT e da imprensa para minimizar a rejeição ao partido. No dia seguinte à publicação da reportagem de Patrícia Campos Mello, o MBL divulgou um vídeo do Emílio do Pânico criticando as acusações e escreveu: “Emílio simplesmente ARREGAÇOU a narrativa covarde petista. Não tem sustentação nenhuma para a mentira que o Haddad quer emplacar na reta final da campanha. O país tá uma merda, crise, desemprego, roubalheira por causa do PT e querem culpar o Whatsapp?”<sup>157</sup> (FIG. 14). A publicação foi a 5ª com maior compartilhamento, alcançando 6,1 mil RTs.

FIGURA 14 - PUBLICAÇÃO NO TWITTER SOBRE *FAKE NEWS* E WHATSAPP



Fonte: Twitter

<sup>157</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/MBLivre/status/1053335388528484355>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Assim, quando houve notícias negativas sobre o grupo ou supostamente favoráveis àqueles que consideram seus opositores, buscou-se desqualificar a mensagem a partir de ataques ao mensageiro, acusando-o de propagar mentiras ou distorções para favorecer ou prejudicar alguém. Neste cenário, portanto, sempre se está correto, e torna-se muito difícil haver um diálogo, ao menos a nível argumentativo, com quem é visto como inimigo.

### 3.2.6 Crítica que impulsiona

Houve, ainda, casos em que a crítica a declarações do grupo esteve entre as publicações com maior alcance, no movimento paradoxal de, ao questionar algo, ajudar a dar mais visibilidade. Em 17 de outubro uma internauta publicou: “O Fernando Holiday fez uma postagem dizendo que a Ku Klux Klan é de esquerda<sup>158</sup>. E os coxinhas estão concordando. JURO POR DEUS. MBL é um dos maiores doutrinadores de imbecis do nosso país”<sup>159</sup> (FIG. 15). O *tweet* teve 5,7 mil RTs e foi o 7º com maior compartilhamento. Ku Klux Klan não era de esquerda, como é sabido por quem conhece a história do grupo. Ainda que seja importante criticar este tipo de ideia, a argumentação racional poderá não surtir o efeito desejado: uma vez que o que é mobilizado é a ojeriza à esquerda, não há um debate aprofundado sobre o que seria de fato a organização norte-americana. Assim, observa-se que nas respostas deste *tweet* perfis favoráveis ao MBL evocaram questões que não estão relacionadas diretamente à Ku Klux Klan, como: “Qual moral vcs tem pra questionar o Fernando Holiday se o Partido de vcs idolatram o Che Guevara e outros Ditadores?...esqueci que vcs é hipócritas, só ataca quem lhes convém [sic]”<sup>160</sup> e “#OLulaTaPresoBabaca depois vai ser o poste”<sup>161</sup>.

O uso de mensagens de teor sensacionalista, falso ou distorcido foi recorrente

<sup>158</sup> *Tweets* de Fernando Holiday sobre KKK ser de esquerda disponíveis em:

<<https://twitter.com/FernandoHoliday/status/1052295638061391877>> e

<<https://twitter.com/FernandoHoliday/status/1052295640678629376>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

<sup>159</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/calulabarros/status/1052502340089987078>>.

Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>160</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/AlineRo0430/status/1052572152602320897>>.

Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>161</sup> Publicação disponível em: <<https://twitter.com/slzr1/status/1052519011395620865>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

entre as publicações do MBL: ao chamar a atenção dos internautas e criar uma espécie de polêmica em torno da pauta que quer divulgar, o grupo consegue combustível extra para alavancar suas ideias. Assim, muitas vezes, a crítica ao que é dito ajuda a dar mais força à discussão. O paradoxo deste tipo de situação é claro: por um lado, não responder a uma ideia pode fazer com que ela se enfraqueça, mas narrativas falsas ou, no mínimo, controversas, circulariam livremente sem um contraponto; por outro, questionar e apresentar outras versões sobre o que é dito pode ajudar a colocar uma *fake news* sob os holofotes.

#### FIGURA 15 - PUBLICAÇÕES NO TWITTER SOBRE KKK E ESQUERDA

The image shows a screenshot of a Twitter thread. The main tweet is from a user whose name and handle are redacted with black boxes. The text of the tweet reads: "O Fernando Holiday fez uma postagem dizendo que a Ku Klux Klan é de esquerda. E os coxinhas estão concordando. JURO POR DEUS. MBL é um dos maiores doutrinadores de imbecis do nosso país." The tweet is dated "7:11 AM · 17 de out de 2018" and was posted from "Twitter for Android". It has received 5,229 retweets, 242 replies, and 17,500 likes. Below the main tweet are three replies, each from a different user (names and handles redacted). The first reply says "Em resposta a @... e @... Guarda oq eu tô falando, daqui a alguns anos vão falar que o Bolsonaro era de esquerda por causa do Partido Social Liberal" and has 1 retweet and 19 likes. The second reply says "Em resposta a @... @... #OLulaTaPresoBabaca depois vai ser o poste" and has 2 replies and 7 likes. The third reply says ". @... 7 de out de 2018 Em qual momento Lula foi citado nesse tweet? O assunto aqui é outro, guarde sua ignorância pros grupos de zapzap dos quais você faz parte." and has 3 replies and 42 likes.

O Fernando Holiday fez uma postagem dizendo que a Ku Klux Klan é de esquerda.  
E os coxinhas estão concordando.  
JURO POR DEUS.  
MBL é um dos maiores doutrinadores de imbecis do nosso país.

7:11 AM · 17 de out de 2018 · Twitter for Android

5.229 Retweets 242 Tweets com comentário 17,5 mil Curtidas

Em resposta a @... e @...  
Guarda oq eu tô falando, daqui a alguns anos vão falar que o Bolsonaro era de esquerda por causa do Partido Social Liberal

Em resposta a @... @...  
#OLulaTaPresoBabaca depois vai ser o poste

. @... 7 de out de 2018  
Em qual momento Lula foi citado nesse tweet? O assunto aqui é outro, guarde sua ignorância pros grupos de zapzap dos quais você faz parte.

Fonte: Twitter

### 3.2.7 Repetições e desvios

Em nosso material, como buscamos demonstrar, é possível observar a presença constante de componentes afetivos nas mensagens com maior circulação. Sem necessariamente divulgar propostas de políticas públicas ou, mesmo que de forma mais genérica, ideias para a construção de um futuro conjunto, as publicações que tiveram maior sucesso de engajamento foram aquelas que buscaram mobilizar algo a partir de uma afetivo-emotividade. No entanto, parece-nos relevante destacar que, além de haver múltiplos afetos em jogo, houve algumas diferenças nos que foram mais frequentes entre os *tweets* publicados pelo MBL ou seus apoiadores e aqueles feitos por seus opositores.

Na constelação favorável ao MBL, que conjuga tanto *tweets* feitos pelo perfil oficial do grupo quanto por internautas que concordam com ele, questões relacionadas a medo, ameaça, insegurança e instabilidade deram o tom, de diferentes formas. Como dissemos, o forte do grupo foi a rejeição a todo um suposto ecossistema de esquerda, com ataques aos candidatos às eleições daquele ano, a políticos proeminentes de partidos brasileiros, às pautas caras ao campo, entre outras questões. As publicações que se opuseram a personalidades e ideias tidas como pertencentes à esquerda a partir de uma chave de medo e instabilidade tiveram grande sucesso de circulação, como as acusações de que determinados políticos seriam ladrões, violentos ou incompetentes ou as associações com a Venezuela buscando fomentar a apreensão com um regime totalitário ou com uma crise econômica. Paralelamente, as frequentes acusações de que a imprensa tradicional e a comunicação oficial de diferentes instituições e partidos estariam divulgando *fake news* ou informações distorcidas reforçaram a sensação de insegurança, uma vez que vão, pouco a pouco, minando a confiança da população em estruturas antes norteadoras de sentido.

Ainda neste grupo, afetos relacionados a um universo de vingança, de vitória sobre o oponente, em uma chave mais agressiva, raivosa, também mobilizaram a audiência de maneira recorrente, seja a partir do recurso da lacração, seja por meio de uma leitura distorcida de dados sobre diferentes questões. Em menor medida, mas ainda com importância, houve certa frequência da ridicularização, do escárnio. Nesta chave, o principal afeto mobilizado seria o desprezo, e destacaram-se piadas com candidatos como Fernando Haddad ou Manuela D'Ávila, colocando-os em uma

posição inferior e buscando algum tipo de humilhação. Em vez de se criticar as ideias ou ações de tais políticos, há uma tentativa de desqualificá-los buscando-se rir deles, o que elimina a possibilidade de debate.

Entre as mensagens contrárias ao grupo com maior circulação, porém, os afetos mais mobilizados não estiveram no domínio do medo ou da insegurança, mas do desprezo a partir do escárnio. Houve uma frequente ridicularização das publicações e ações do MBL, com adjetivações como “doutrinadores de imbecis”, “minion retardado”, “tudo que existe de mais podre no sistema”, entre outras, como mencionamos. Uma crítica às propostas do grupo talvez não fosse o melhor caminho para o diálogo com aqueles que são favoráveis ao MBL, uma vez que, como observamos, não foi por elas que se deu o apoio ao movimento. No entanto, não parece ter havido uma tentativa de debate ou algum tipo de troca com os líderes do MBL ou com sua base de sustentação, mas uma constante desqualificação do grupo enquanto movimento digno de atuação política. Assim, tanto o MBL e seus apoiadores quanto os opositores do grupo que figuram no material que mais circulou parecem ter se fechado ao diálogo com o outro lado, desqualificando, humilhando, pintando como ameaçadores ou “lacrando” aqueles que consideraram seus adversários.

Dessa forma, observa-se que a linguagem que desqualifica, humilha, aterroriza ou lacra foi aquela que teve maior potencial de viralização entre as discussões sobre o grupo no Twitter durante o período eleitoral de 2018. E, ainda que com particularidades próprias, é possível dizer que houve um comportamento comum tanto a partidários quanto a críticos do MBL nestas publicações com maior compartilhamento: uma espécie de definição de si a partir do rechaço ao outro, homogeneizando e estereotipando o grupo que considera ser seu opositor. Em consonância com as dinâmicas apontadas por Ortellado e Ribeiro (2018c) ao discutir a polarização no Brasil, assim como Iyengar, Shanto e Lelkes (2012) em análise sobre o fenômeno nos Estados Unidos, nosso material aponta que o MBL se posicionou e foi entendido principalmente como um opositor da esquerda nas discussões no Twitter entre agosto e outubro de 2018 – a divulgação de propostas associadas a um campo de direita, sejam estas conservadoras nos costumes ou liberais na economia, teve participação muito menor em nosso material. Ou seja, sua força esteve naquilo a que se opõe, e não no que defende. Além disso, o grupo e seus partidários unificaram diferentes linhas, líderes e movimentos de esquerda, referindo-se a um grupo

complexo e heterogêneo a partir de estereótipos e de forma a suscitar insegurança ou ridicularização. Paralelamente, os comentários negativos que seus opositores lhe fizeram e que conseguiram maior circulação também partiram desta relação, uma vez que houve constantemente uma espécie de homogeneização e desqualificação de agentes brasileiros diversos que pertenceriam ao campo da direita. Como dissemos, ainda que o MBL e Bolsonaro não tenham sido aliados durante a maior parte de 2018, ambos pareceram ter uma possibilidade unificada de significação em uma dinâmica que entende um grupo a partir daquilo a que ele se opõe.

Ou seja, se a existência e a força do MBL se validaram especialmente a partir daquilo que lhe é externo, enquanto oposição a algo, não parece ser à toa, portanto, que o grupo tenha perdido apoio significativo a partir de 2019<sup>162</sup>. Por um lado, nas eleições de 2018 Bolsonaro conseguiu capitalizar para si a narrativa de “combate” à esquerda, tornando-se o grande símbolo de oposição ao PT e a outros partidos brasileiros desse campo. Por outro, ao romper com o já então presidente, o MBL ficou órfão de identidade: em uma dinâmica fortemente polarizada, que homogeneiza os lados, não parece haver espaço para um grupo que, declarando-se antipetista, opõe-se às principais forças antipetistas de então. Com sua narrativa de oposição caindo em uma espécie de contradição (ainda que, lida de outra forma, poderia ser chamada de “moderada”, diferenciando-se de uma direita mais radical), o grupo enfraqueceu e perdeu parte da base de apoio.

Ademais, podemos observar que, no universo relacionado ao MBL que descrevemos, há diversos elementos que são de uso já bastante conhecido na propaganda política, computacional ou não. Como dissemos no capítulo anterior, a mobilização a partir de afetos não é exatamente novidade neste tipo de comunicação: ainda que, em outros momentos, a atividade política tenha sido entendida como fundamentalmente racional, a afetivo-emotividade é também um elemento importante no cenário. A relação entre medo e esperança, ou ainda entre indignação e vontade de mudança, por exemplo, são frequentes em campanhas dos mais variados tipos, assim como a ridicularização de oponentes, buscando desqualificá-los, ou a tentativa de atribuir a eles características ameaçadoras. A definição de um grupo a partir do que lhe é externo, ou, de forma mais intensa, a defesa de uma união contra um inimigo

---

<sup>162</sup> Reportagem sobre o assunto disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/com-relevancia-em-queda-mbl-busca-dialogo-ate-com-a-esquerda>>. Acesso em: 30 out. 2020.

comum, também são comportamentos recorrentes na comunicação política. Mobilização emocional, rechaço ao que é considerado outro, rejeição a partir de estereótipos, espetacularização: em nosso material, diversas estratégias comunicacionais já conhecidas, utilizadas há bastante tempo, também estão presentes, funcionam.

Porém, seria a comunicação política computacional apenas mera repetição de antigas estratégias, potencializada por um método de distribuição capaz de levar uma mensagem personalizada a um destinatário com maior probabilidade de adesão? Aqui, nossa posição ainda é a de buscar pensar que não; nem tudo poderia ser resumido a efetividade de estratégias, análise de dados, métodos de influência. Há estruturas que se repetem, condicionamentos que funcionam, mas há também criação de relações. Ainda pode haver um futuro que seja uma construção coletiva, e não apenas concretização de previsões.

Ao longo deste trabalho, buscamos pensar diferentes questões a partir da relação entre repetição e criação, entre compatibilidade e diferença. Ao falarmos de distribuição em ambientes digitais, um campo muito marcado pela noção de modulação, não somente reforçamos a necessidade de se pensar tal conceito por outros ângulos, entendendo-a como uma individuação, mas também destacamos a importância da proposta de transdução. Assim, é possível analisar tais movimentos simultaneamente como repetição de realidades anteriores, previamente estabelecidas, e como constante criação de novas relações que, ao serem incorporadas pela estrutura anterior, também a modificam. Dessa forma, distribuição/compartilhamento e entendimento/significação são entendidos como diferentes aspectos em um mesmo processo e que tanto repetem padrões anteriores como são capazes de gerar novas realidades a partir das relações que são constantemente construídas.

Como mencionamos no primeiro capítulo, em um processo informacional é necessário que haja um equilíbrio entre formas prévias, de maneira que seja possível haver relação a partir da incorporação de algo, e disparação, para que uma transformação seja desencadeada. Assim, as mensagens de cunho político precisam ressoar em algo pré-existente para que haja adesão e sejam compartilhadas. No entanto, a adesão e/ou o compartilhamento não se restringem a uma mera repetição da realidade anterior: afinal, há uma nova relação que se constrói, há a concretização de potenciais do encontro. Em um cenário em que o antigo condiciona o novo e o novo

modifica o antigo, em que algoritmos definem o que deve ser distribuído e se pautam pelo que é mais compartilhado para entender a relevância de um conteúdo, em que elementos discursivos já tradicionais são repetidos e simultaneamente ganham novas camadas de significação, ainda é possível pensar em uma construção de coletivos.

Assim, a propaganda política digital não apenas funciona de acordo com estratégias prévias, mas também produz algo. Ao mobilizar afetos, propõe a constituição de uma realidade a partir de certo campo emocional, concretizando-a a cada nova relação de compartilhamento que se estabelece entre diferentes internautas e a partir da maneira como esta relação é construída – depende dos potenciais contidos ali, das formas prévias que poderão significar e da transformação ocasionada. De algum modo, há a mobilização de algo comum em diferentes existências e a integração de suas disparidades, uma construção de coletivos por meio dos afetos mobilizados na propaganda.

Paralelamente, a estrutura técnica é também constantemente modificada por aquilo que mais circula, independentemente de ter sido divulgado por “humanos” ou por “robôs”. Se há algo que “viraliza”, sendo compartilhado um a um e amplificando-se como malha com grande rapidez e alcance, não somente aquele conteúdo será capaz de chegar a uma audiência maior, mas também interfere nos critérios futuros de definição de relevância. Simultaneamente, haverá tentativas de repetir fórmulas de sucesso, estratégias eficazes de forma a provocar compartilhamento em massa, mas, uma vez que o processo da comunicação política envolve o estabelecimento contínuo de relações (entre emissor, receptor e meio), a repetição nunca poderá ser total, pois é uma operação de reatualização, depende dos potenciais do encontro.

Se voltarmos à diferenciação apontada por Bardin (2015) entre *politics* e *the political*, ou respectivamente a política como as estruturas já consolidadas e como o processo de invenção coletiva de um futuro que não está dado, seria possível dizer que há algo de *political* também na propaganda computacional do universo da nova direita? Sim; não porque este grupo necessariamente privilegie a criação, o novo, a possibilidade de diferença, mas pelo motivo de que há algo que é construído em conjunto, há encontros inclusive entre polos considerados opostos no espectro político. Há uma realidade que foi constituída durante as eleições de 2018, tanto afetiva quanto técnica, e que é constantemente reatualizada. Olhar para os processos que se deram à época é também tentar entender onde estamos hoje e para onde podemos ir; por

que afetos foi e está sendo sustentada nossa coletividade, e como é a tomada de forma de nossa estrutura técnica.

Vimos que, em nosso material, medo, desprezo e raiva foram os principais afetos mobilizados, capazes de produzir campos emocionais relacionados a ameaça, insegurança, ridicularização, humilhação, vingança, combate. Neste universo, portanto, as possibilidades de ações coletivas seriam norteadas principalmente por tais emoções, em uma chave que pregaria fortemente eliminar aquilo que é outro – ainda que o externo seja seu principal combustível. Em meio à repetição, à tentativa de condicionamento, é também preciso pensar cada novo passo como nascido de um encontro, com seus potenciais próprios. Assim, há a possibilidade de se pensar em alguma forma de brecha, que fica mais evidente com os movimentos que, inesperados, escapam das estratégias em jogo, ampliam o campo de possíveis (PELBART, 2016, p. 48).

Como observar isso em nosso material? Poderíamos citar que a publicação com maior circulação em todo o período de análise, com quase o dobro de RTs do *tweet* que ficou em segundo lugar, foi justamente aquela que ironizou uma publicação do MBL, propôs outra leitura em algo divulgado pelo grupo (“PT não”<sup>163</sup>). A partir do humor, consegue-se deslocar os lugares de significação esperados, o que pode permitir a tomada de forma de outras relações. Vale dizer, porém, que este humor é diferente daquele que ridiculariza o oponente: a ridicularização impede o contato com o outro, fecha-o em menosprezo. Ao promover um novo significado em uma mensagem e provocar riso, estruturas estanques de “eu” e “outro” poderiam ser suspensas por um momento e, assim, ganhar novos formatos. A mensagem citada, aparentemente inofensiva, pode ter sido compartilhada por perfis de qualquer ponto do espectro político. Não é de nosso interesse fazer um juízo sobre seu conteúdo, apontar se a piada é de qualidade ou não; ela, porém, teria potencial de ser válida tanto para petistas quanto para seus críticos – seja por soar engraçada, seja por conter termos e compartilhamento que poderiam ser identificados por diferentes robôs como relevantes.

Outros momentos em que publicações também circularam de forma mais imprevista foram os casos em que a crítica a uma mensagem teve maior alcance que

---

<sup>163</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/davibrasilb/statuses/1046577185887318016>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

o *tweet* original, simultaneamente ajudando a divulgar uma ideia anterior e ganhando outros sentidos neste espalhamento. Isto ocorreu algumas vezes em nosso material, com destaque para a publicação acerca do comentário de Fernando Holiday sobre KKK ser de esquerda<sup>164</sup> e para os diferentes questionamentos a um *tweet* do MBL criticando quem relativizou a facada em Bolsonaro<sup>165</sup>. No segundo caso, duas mensagens não comentaram sobre o ataque sofrido pelo então candidato, mas recuperaram declarações falsas e desrespeitosas que o grupo divulgou quando a vereadora Marielle Franco foi assassinada. Uma dessas respostas, inclusive, foi a 2ª com maior circulação sobre o MBL no período<sup>166</sup>. Ou seja, o sentido que uma mensagem poderá ter e as maneiras como irá circular não dependem exclusivamente da intenção de quem a estruturou e/ou enviou, pois a cada relação comunicacional criada há diversos potenciais que podem ser concretizados. Neste caso, Marielle sequer era mencionada na publicação original e Bolsonaro não foi citado nas respostas: ali, houve uma mobilização na chave de um desrespeito a uma figura pública que sofreu um atentado, ainda que cada situação tenha suas nuances próprias.

Os diferentes afetos e significações que uma acusação similar mobiliza a depender do contexto e da audiência também podem ser citados como evidências de que a comunicação política pode ser mais fluida que o que pregam algumas cartilhas de eficácia. Neste caso, podemos mencionar os comentários sobre apoio a um regime totalitário, que ganharam cores distintas ao estarem relacionados à Venezuela ou a Bolsonaro e a depender do contexto e do público que os receberam. Ou, ainda, a diferença entre as publicações com maior circulação com argumentos favoráveis e contrários ao MBL pois, como comentamos, mensagens publicadas pelo grupo que mobilizavam afetos relacionados a medo, ameaça ou insegurança tiveram circulação bem mais significativa.

Por vezes, analisar um universo comunicacional que frequentemente busca anular tudo o que lhe soa outro poderia apontar para um mundo distópico, pois não raro um esforço de movimento acaba por corroborar o que parece ser a ordem dominante, nos deixa cada vez mais presos naquilo que gostaríamos de mudar.

---

<sup>164</sup> Publicação disponível em: <[http://twitter.com/cal\\_u\\_barros/statuses/1052502340089987078](http://twitter.com/cal_u_barros/statuses/1052502340089987078)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>165</sup> Publicação disponível em: <<http://twitter.com/MBLivre/statuses/1037799002388004865>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>166</sup> Publicação disponível em: <[http://twitter.com/igorsdias\\_/statuses/1037799897741836288](http://twitter.com/igorsdias_/statuses/1037799897741836288)>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Porém, em meio a um contexto em que a tentativa de condicionamento e a violência são constantes, há também desencaixes que revelam que nem tudo é repetição de padrões vazios ou aniquilação. Há ainda algo de vida, de criação conjunta. A possibilidade de mudança de uma realidade pode vir a partir de seu próprio interior, e não apenas por sua superação completa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Andrea. **Epistemology and Political Philosophy in Gilbert Simondon: Individuation, Technics, Social Systems**. Dordrecht: Springer, 2015.

\_\_\_\_\_. **Simondon et la politique**. 15 fev. 2019. Disponível em: <<http://www.implications-philosophiques.org/non-classe/simondon-et-la-politique/>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BARLOW, John Perry. **A Declaration of the Independence of Cyberspace**. Fev. 1996. Disponível em: <<https://www.eff.org/cyberspace-independence>>. Acesso em: 23 maio 2020.

BRUNO, Fernanda Glória; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, set. - dez. 2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. In.: **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, mai./ago. 2018.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. In.: **Internet & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020.

COMBES, Muriel. **Simondon. Individu et collectivité: Pour une philosophie du transindividuel**. Presses Universitaires France: 1999.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

EVANGELISTA, Rafael. **Para além das máquinas de adorável graça: cultura hacker, cibernética e democracia**. São Paulo: Edições SESC, 2018.

\_\_\_\_\_. Review of Zuboff's *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. **Surveillance & Society**, v. 17, n. 1 / 2, p. 246-251, 2019.

EVANGELISTA, Rafael; BRUNO, Fernanda. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalization. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, dez. 2019.

EVANGELISTA, Rafael; KANASHIRO, Marta. Cibernética, internet e a nova política dos sistemas informacionais. In: COCO, Giuseppe. (Org.). **Gabinete Digital, análise de uma experiência**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013, p. 57-72.

FALTAY, Paulo. Sujeitos algorítmicos, subjetividades paranoicas: capitalismo de dados, influência, (in)dividualidades. In.: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXVIII, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

FERREIRA, Pedro Peixoto. Reticulações: ação-rede em Latour e Simondon. **Revista ECO Pós**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 104-135, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 [1975].

GRASSEGGER, Hannes; KROGERUS, Mikael. Big data: toda democracia será manipulada? In. **Outras palavras: jornalismo de profundidade e pós-capitalismo**. 05 fev. 2017. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/big-data-toda-democracia-sera-manipulada/>>. Acesso em: 8 set. 2020.

HAYLES, N. Katherine. Boundary Disputes: Homeostasis, Reflexivity and the Foundations of Cybernetics. **Configurations**. v. 2, n. 3, p. 441-467, set. 1994.

HUI, Yuk. Modulation after control. In. **New Formations**, Londres, v. 84-85, Special Issue on Societies of Control, p. 74-91, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cem anos de crise**. Tradução de Maurício Pitta. São Paulo: N-1, 2020. Disponível em: <<http://www.n-1edicoes.org/059>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

IYENGAR, Shanto; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, not ideology: A social identity perspective on polarization. **Public Opinion Quarterly**, v. 76, n. 3, p. 405-431, Fall 2012.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: "O que é o Iluminismo?" (1784). Tradução de Artur Morão. In. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 2008. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_o\\_iluminismo\\_1784.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2020.

LAGO, Lucas; MASSARO, Heloisa; CRUZ, Francisco Brito. **Bots ou não? Um estudo preliminar sobre o perfil dos seguidores dos pré-candidatos à Presidência da República no Twitter**. São Paulo: InternetLab, 2018. Disponível em: <<https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Relat%c3%b3rio-Bots-ou-n%c3%a3o.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2020.

LE CONCEPT D'INFORMATION DANS LA SCIENCE CONTEMPORAINE, 6e Colloque philosophique de Royaumont, 1962, Asnières-sur-Oise. **Anais...** Paris: Gauthier-Villars, Éditions de Minuit, 1965.

MALINI, Fábio. **Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede**. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., Goiânia, 2016. Anais... Goiânia: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

\_\_\_\_\_. **O julgamento do #Mensalão: polarização política e a origem dos haters políticos no Twitter**. 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://midianinja.org/fabiomalini/o-julgamento-do-mensalao-polarizacao-politica-e-a-origem-dos-haters-politicos-no-twitter/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MALINI, Fábio; CIARELLI, Patrick; MEDEIROS, Jean. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 323-342, novembro 2017. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4089>>. Acesso em: 17 set. 2020.

MESSIAS, Johnnatan; SCHMIDT, Lucas; OLIVEIRA, Ricardo; BENEVENUTO, Fabrício. You followed my bot! Transforming robots into influential users in Twitter. In.: **First Monday**, v. 18, n. 7, 19 jun. 2013. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4217>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In.: GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O Ódio como Política**. São Paulo: Boitempo, p. 17-26, 2018.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE. **Propostas aprovadas no primeiro congresso nacional do Movimento Brasil Livre em novembro de 2015**. Disponível em: <<https://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **TIC Domicílios 2018: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto. **Mapping Brazil's political polarization online**. 3 ago. 2018a. Disponível em: <<https://theconversation.com/mapping-brazils-political-polarization-online-96434>>. Acesso em: 22 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **A campanha de Bolsonaro no Facebook: Antissistêmica e conservadora, pouco liberal e nada nacionalista**. 25 set. 2018b. Disponível em: <<https://monitordigital.org/wp-content/uploads/2020/04/NT3-bolsonaro40dias.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Polarização e desinformação online no Brasil**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018c.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu**, n. 11, ano 7, p. 169-180, 2016.

PELBART, Peter Pál. **O Averso do Niilismo: Cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1, 2016.

PEREIRA, Demétrio Rocha. Do sinal à significação: lições do curso de comunicação de Gilbert Simondon. In. **Galaxia**, São Paulo, n. 43, p.141-153, jan-abr 2020.

RAMONET, Ignácio. Acabou-se o tempo em que a informação era monopólio dos jornalistas. Entrevista concedida a Daniela Osvald Ramos e Igor Fuser. In. **Communicare**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 15-24, 2011.

REGATTIERI, Lorena Lucas. Perfis Ciborgues: humanos-robôs e robôs-humanos nos ecossistemas de informação online. In.: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, VII, 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

RESENDE, Gustavo; MELO, Philipe; SOUSA, Hugo; MESSIAS, Johnnatan; VASCONCELOS, Marisa; ALMEIDA, Jussara M.; BENEVENUTO, Fabrício. (Mis)Information Dissemination in WhatsApp: Gathering, Analyzing and Countermeasures. In: The Web Conference, 2019, San Francisco. **Proceedings of the The Web Conference**. San Francisco: ACM, 2019. p. 818-828.

RIBEIRO, Marcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In.: GALLEGO, E. S. (Org.). **O Ódio como Política**. São Paulo: Boitempo, p. 85-90, 2018.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância. In.: GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O Ódio como Política**. São Paulo: Boitempo, p. 47-52, 2018.

RODRIGUEZ, Pablo. **Historia de la información. Del nacimiento de la estadística y la matemática moderno a los medios masivos y las comunidades virtuales**. Buenos Aires: Capital intelectual, 2012.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? In.: **Revista ECO Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 36-56, 2015.

SANTOS, Laymert Garcia dos. A informação após a virada cibernética. In. SANTOS, Laymert Garcia dos; KUCINSKI, Bernardo; KEHL, Maria Rita; PINHEIRO, Walter. **Revolução tecnológica, internet e socialismo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In.: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, p. 31-46, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

SIMONDON, Gilbert. Introdução. In. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier-Montaigne, 2008 [1958]. Tradução de Pedro Peixoto Ferreira. Disponível em: <<https://cteme.wordpress.com/publicacoes/do-modo-de-existencia-dos-objetos-tecnicos-simondon-1958/introducao>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. A amplificação nos processos de informação. Tradução de Pedro Peixoto Ferreira e Evandro Smarieri. In.: **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 43, n. 1, p. 283-300, Jan./Mar., 2020a [2010].

\_\_\_\_\_. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução de Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020b [1958].

SIQUEIRA, Rafael; PREIS, Matheus. **'Foi a população de SP que se levantou', diz o Movimento Passe Livre**. 17 jun. 2013. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/17/foi-a-populacao-de-sp-que-se-levantou-defende-o-movimento-passe-livre.htm>>. Acesso em: 25 set. 2020.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest**. Londres: Yale University Press, 2017.

VICENTIN, Diego Jair. Rede, reticulação e o princípio de realidade da relação. In.: **A reticulação da banda larga móvel: definindo padrões, informando a rede**. 2016. 271 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

\_\_\_\_\_. Da Cibernética às Sociedades de Controle. In: BARRETO, Márcio (Org.). **Humanidades e ciências naturais: ensaios e balanços críticos**. Campinas: Editora da Unicamp, p.181-210, 2021.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: O uso humano de seres humanos**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1984 [1954].

ZUBOFF, Shoshana. *Big Other*: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. Tradução de Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz e Bruno Cardoso. In.: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (Orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, p. 17-68, 2018.

\_\_\_\_\_. The Discovery of Behavioral Surplus. In.: **The age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power**. New York: Public Affairs, p. 65-97, 2019.